Diário de Lisboa

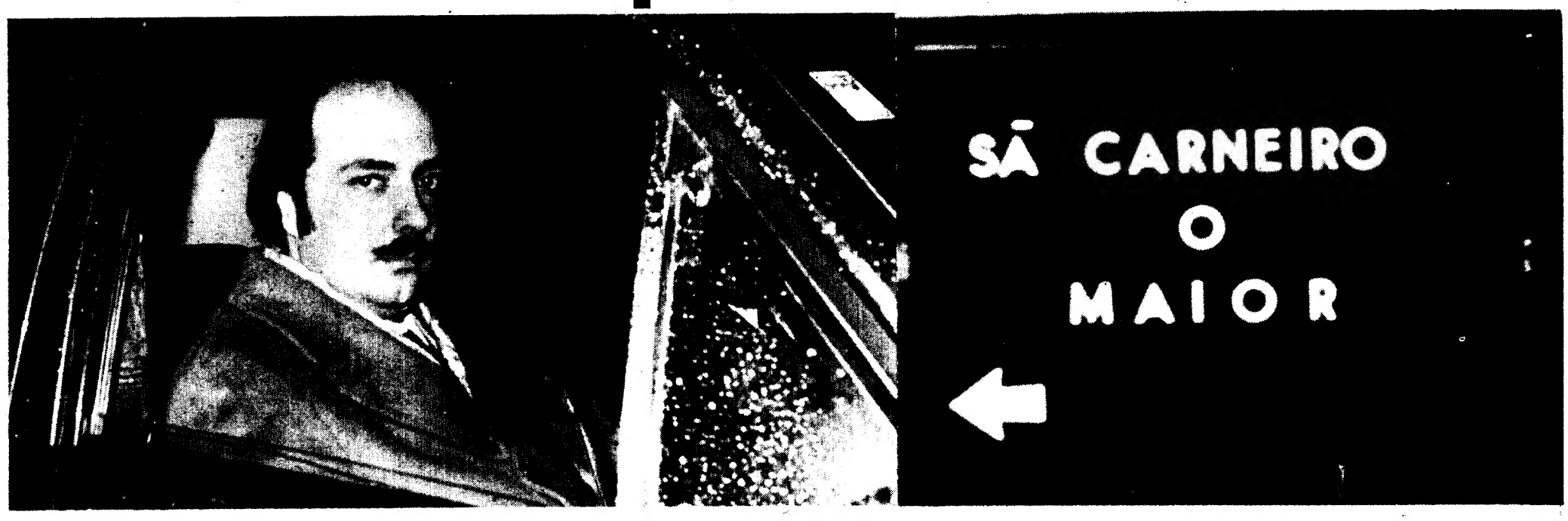
CONCURSO 58 ANOS

Abril 1979
Quarta-feira
4

ANO 58.º
N.º 19 922
10$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Mota Pinto quer metade do PSD



Mota Pinto conseguiu concretizar um dos seus objectivos: partir o PSD ao meio. Apesar dos esforços conciliatórios que se encetaram ontem no seio do conturbado PSD apresenta-se como inevitável a saída de 42 deputados do seu grupo parlamentar: 38 já tinham confirmado ontem, aos mais atentos observadores e interessados na crise, a sua saída; 4 outros, que se encontravam fora de Lisboa, eram dados como dissidentes seguros. Estes números poderão confirmar-se após a reunião da Comissão Permanente do grupo parlamentar social-democrata iniciada em S. Bento ao princípio da tarde de hoje. Desta forma a bancada social-democrata passaria em breve a contar com menos de metade dos actuais 73 deputados. Em contrapartida o número de «independentes» no hemiciclo parlamentar seria substancialmente alargado.

À voragem da cisão escapam, segundo informações de bastidores, os deputados pelos Açores e, entre os inadiáveis, o sempre conciliador Nandim de Carvalho. Saídas certas, ou confirmadas, são já as de Ferreira Junior (eleito por Leiria), Cacela Leitão (emigrantes da Europa) e ainda Joaquim Lourenço que, embora não pertencendo ao grupo parlamentar, fazia parte do Conselho Jurisdicional, órgão que há dias julgou o caso dos parlamentares que votaram a favor do OGE (registe-se que Ferreira Junior foi um dos redactores do programa de 1974 do PPD e pertenceu às primeiras quatro Comissões Políticas do partido).

Dadas como certas são ainda as demissões de Cunha Leal (que ontem mesmo deixou a presidência da Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias), Olívio França, António Rebelo de Sousa e de todos os elementos da actual

Continua na pág. 20

ESTA MANHÃ EM RAWALPINDI

Ali Bhutto enforcado

Pág. 13

TAMBÉM COM GENTE DO CDS

Está a chegar o "novo" partido

Os espaçosos corredores da Assembleia da República fervilham de actividade. Jovens inadiáveis, sindicalistas sociais-democratas, percorrem-nos de extremo a extremo. Está em congeminação o «3.º Partido». Nem a disposição das bancadas parlamentares resiste. Estão à vista profundas alterações na Assembleia da República.

Para além das saídas de cerca de quatro dezenas de deputados do PSD do seu grupo parlamentar, avançam-se entretanto outras hipóteses e sondagens em curso nos meandros labirínticos dos corredores de S. Bento. Neste caso está o «convite à dança» que os dissidentes endereçaram a parte do CDS, para integrarem o novo e embrionário «3.º Partido». Freitas do Amaral, Amaro da Costa, Sá Machado, Basílio Horta e Ribeiro e Castro teriam sido sondados para deixar o CDS à tendência Lucas Pires e «convergirem» no tal partido que, segundo Mota Pinto deveria ir desde o centro direita até à franja direita dos socialistas. O novo partido, ou pelo menos o novo bloco parlamentar contaria com o apoio declarado do actual Primeiro-Ministro. Freitas do Amaral, Sousa Franco e António Barreto ou Medeiros Ferreira seriam, nos projectos que se fazem, os «números dois» do novo bloco parlamentar, que, iria, esforçar-se igualmente por alterar a disposição dos lugares do hemiciclo. O novo grupo sentar-se-ia assim entre o PS e o que restasse do CDS, devendo a facção Sá Carneiro ocupar a extrema direita da sala.

Estes alguns dos projectos que fervilham nos corredores — Sul da Assembleia da República, onde a actividade ao fim da tarde, de ontem era exuberante.

Entretanto, estariam em preparação mais cisões. Nas duas próximas semanas os sindicalistas reformistas e a juventude social-democrata definiriam as suas posições face ao movimento «regenerador» esperando-se um eco semelhante ao verificado no interior do grupo parlamentar do PSD.

Mas, Sá Carneiro ainda não disse a última palavra. Amanhã no Pavilhão dos Desportos irse-á passar mais uma cena importante deste acto dramático que ameaça a sobrevivência do PSD como segundo grupo parlamentar na Assembleia da República. E se Sá Carneiro se assumisse como derrotado defini-

Continua na pág. 20

NESTA EDIÇÃO

sobre o "negócio" dos medicamentos

"Holocausto" esta noite na RTP-1

Pág. 20

Novo PR: Teixeira Gomes

A eleição foi renhida. Cunha Leal, e os seus amigos políticos, bateram-se tenazmente contra a eleição de Manuel Teixeira Gomes. O candidato aprovado pelos democráticos triunfou. O diplomata e grande escritor será o Presidente da República.

Esta a notícia. Uma notícia do «Diário de Lisboa» de 1923. Na primeira página do caderno especial que, por ocasião do nosso CONCURSO comemorativo de 58 anos de publicação, evoca o tratamento, nas páginas deste jornal, de um acontecimento importante da História do Portugal Contemporâneo.

Não fazemos uma selecção sistemática, são aspectos soltos, factos, notícias, crónicas, reportagens, nas quais o leitor encontrará ideias, imagens, acontecimentos que o jornal assinalou e que marcaram a sua própria existência.

CONCURSO "DIÁRIO DE LISBOA" — HOJE O CUPÃO N.º 3
VEJA O CADERNO ESPECIAL DE 4 PÁGINAS • CONCORRA!

COMUNICAÇÃO SOCIAL

"Horas de Maria" estreou "a horas" para quem arranjou bilhetes

Conforme estava previsto estreou-se ontem à noite, no cinema Nimas, o filme «Horas de Maria». A sala estava completamente cheia, e diversas pessoas que pretendiam adquirir bilhetes foram obrigadas a esperar melhor oportunidade. A PSP precisou de intervir, algumas vezes, quando jovens de motorizada e em atitudes hostis tentaram provocar alguns espectadores.

O filme «Horas de Maria» considerado «polémico» pelos seus realizadores, continua a ser objecto de diversas campanhas, tanto da Imprensa como de partidos políticos, como o PSD, que considera «insensata a utilização de dinheiros públicos para subsidiar o filme». Por outro lado, a Igreja continua a fazer campanha contra o filme. O padre Carlos, numa homília proferida na Igreja de S. João de Brito, afirma que «portugueses com vergonha na cara não devem ir mais ao Nimas». Também o arcebispo de Braga se manifestou contra o filme numa homília proferida naquela cidade.

Por outro lado diversos intelectuais, psicólogos e outras pessoas têm-se manifestado a favor da exibição do filme que narra a história de uma jovem cega traumatizada pelo seu padrasto, sendo também abordadas teses da existência histórica de Jesus. Correia Jesuíno, num programa distribuído, analisa a jovem cega «primeiro como vítima e depois como cumplíce, na cedência a um dos patrões da fábrica, que se mete com ela, no desejo de ser violada pelo padrasto, na sedução («transfert») em que envolve o médico, para, depois, ser novamente vítima, porque o «outro», sistematicamente, bloqueia os seus ritos de passagem para outra forma de ser.»

À saída da estreia de «As Horas de Maria», o crítico de cinema do nosso colega «Diário Popular» Tito Lívio que seguia em direcção à Avenida de Berna pela Cinco de Outubro, foi perseguido por um grupo de jovens, que antes do início do filme tinham esboçado, de rosários na mão, atitudes de «protesto». Encostado a uma parede pelos agressores, foi sujeito a «interrogatório» («Porque veio ver este filme? Não vê que é uma m...? Você é comuna?») e agredido a murro e com capacetes de **motard**. Interveio um carro da PSP, que dispersou o grupo de jovens e apreendeu duas das motorizadas em que se deslocavam. Tito Lívio apresentou queixa na 17.ª Esquadra. Enquanto ali se encontrava, apareceu um dos agressores reivindicando a propriedade de uma motorizada apreendida, que foi então «reconhecido» como sendo um dos assaltantes.

Director de "A Capital" continua sob o olhar atento do CI/Imprensa

O Conselho de Informação para a Imprensa aprovou na sua última reunião, a 29 de Março, duas propostas de deliberação em que é fortemente criticada a actuação do dr. Sousa Tavares, director de «A Capital». O CI/imprensa, e com os votos favoráveis do PS, PSD, CDS e PCP e a abstenção da UDP lamenta que o director de um jornal estatizado tenha defendido em editorial que, se não acham em sintonia com os valores do Estado democrático, divulgando designadamente pontos de vista pessoais contrários à dignidade dos partidos políticos e da Democracia.

A segunda deliberação, aprovada com os votos do PS, PCP e UDP, manifesta a sua preocupação e mais viva indignação pelo modo como o director de «A Capital» se permite utilizar os dinheiros públicos para a sua propaganda pessoal e de partidos políticos a formar, lançando simultaneamente ataques «verrinosos e insultuosos» aos partidos políticos e seus dirigentes, bem como às instituições democráticas, designadamente a Assembleia da República, considerada por Sousa Tavares como «reunião de incompetência estulta». A qualificação de «lei criminosa» e «perfeita forma de falsificação indecorosa duma representação nacional», utilizada para se referir à Lei Eleitoral, foi igualmente condenada.

O CI/rdp, tendo em conta os casos citados deliberou chamar a atenção dos directores dos órgãos de comunicação social estatizados para o cumprimento exacto dos seus deveres legais, nomeadamente, o respeito e defesa dos princípios, valores e objectivos democráticos consignados na Constituição. Uma orientação serena e construtiva nas situações de crise que valorize o funcionamento regular das instituições democráticas, consolide a confiança dos cidadãos no regime de Liberdade e Democracia conquistada com o 25 de Abril e estimule a sua intervenção generosa e interessada na vida democrática do País, foi outro dos pontos aprovados pelo Conselho de Informação para a Imprensa estatizada.

CI/RTP recomenda a transmissão da celebração do 25 de Abril

O Conselho de Informação para a RTP ontem reunido, deliberou recomendar à Comissão Administrativa da Televisão a divulgação do último episódio da série «Os anos do Século», salientando a sua concordância com a iniciativa da RTP em fazer acompanhar a transmissão do referido filme de um debate que permita a clarificação das posições controvertidas.

O Conselho decidiu igualmente recomendar a imediata exclusão de um diálogo de conteúdo fascista incluído num anúncio de uma revista teatral. A programação do 25 de Abril foi outro dos pontos que mereceu a atenção do CI/RTP. Foi recomendado à respectiva CA o realce adequado às comemorações do 5.° aniversário do 25 de Abril, através de uma programação que possibilite ao povo português assistir, como a Constituição consagra, à celebração condigna do verdadeiro espírito do Dia da Liberdade.

A programação informativa da RTP será objecto de uma reunião extraordinária do Conselho de Informação, a realizar no próximo dia 9.

CI FACE À RTP/MADEIRA

Partidos e forças sociais devem ter direito de resposta

A Comissão Administrativa da RTP deverá, em relação à delegação televisiva da Madeira, usar de «critérios mais objectivos e pluralistas», e dar maior relevo à divulgação «das posições dos partidos políticos e forças sociais» do arquipélago, no respeito pela utilização do direito de resposta. Deverá ainda providenciar no sentido de haver uma maior eficiência e interesse na cobertura dos trabalhos da Assembleia Regional, atendendo «a que é o orgão legislativo por excelência da organização autónoma e símbolo da democracia na região».

Estas são duas das recomendações aprovadas pelo plenário do Conselho de Informação da RTP/EP, cujo relatório será remetido para o Presidente da República, presidente da AR, Governo, Conselho da Revolução e Comissão Administrativa da RTP/EP. Outra das recomendações importantes do plenário apela para que a Assembleia da República promova com urgência a discussão e aprovação da Lei e do Estatuto da RTP.

No essencial voltado para os problemas que decorrem da RTP da Madeira, e das ligações entre esta e a CA da empresa, no Lumiar, o plenário recomenda ainda que esta última abra um inquérito para «averiguar das possíveis fugas de informação» da RTP para o Governo da Madeira, ao mesmo tempo que deliberou criar uma comissão de inquérito às eventuais irregularidades cometidas aquando da anulação de um concurso oportunamente promovido na RTPªMadeira. A quinta recomendação aconselha o Governo Constitucional e face às «ingerências verificadas por parte do GR da Madeira, a ter em atenção os critérios de independência que deve ser norma de trabalho da RTP/Madeira».

"Economia e Socialismo"

O número 36, referente a Março, de **Economia e Socialismo**, publica os sumários do terceiro ano de publicação e oferece-nos, portanto, um panorama completo do que tem sido a revista e elementos que nos permitem ajuizar o lugar que ela ocupa na actividade cultural e científica portuguesa.

No presente número, além de uma secção que poderá vir a ser de grande utilidade para o leitor, «Notas de Leitura», é prometida uma «Análise trimestral da Conjuntura», na qual se procederá à análise comparativa da evolução em 1978 relativamente a 1977.

Este número de «Economia e Socialismo» publica a terceira parte do estudo de Paulo Barcia e António Branco: «Evolução do Comércio entre Portugal e os novos países africanos». Ladislau Dowbar assina um artigo sobre «Capitalismo mundial e nível de salários». Alves da Rocha, Nélson Lourenço e Armando Morais escrevem sobre «Angola nas vésperas da Independência». A redacção da revista apresenta um texto importante e oportuno: «As Grandes Opções do Governo Mota Pinto».

MARN de novo contra a CA/RDP

O Movimento de Agricultores e Rendeiros do Norte, através do seu Secretariado, aprovou uma moção em que exige a reposição dos programas «A Agricultura que nós temos» e «Campo Livre», extintos pela actual Comissão Administrativa da RDP. A suspensão dos programas referidos foi qualificada de «arbitrária e grave atentado contra o direito à informação». Não se espera que a CA/RDP tenha qualquer consideração por mais esta moção, entre várias centenas, aprovada contra a sua controversa actuação «pluralista». O programa «A Agricultura que nós temos» era da responsabilidade do engenheiro agrónomo Riço Calado, deputado do Partido Socialista.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.° Juízo

ANÚNCIO

No dia 23 de Abril de 1979, pelas 10 horas, na Segunda Secção do 1.° Juízo Cível de Lisboa e nos autos de Carta Precatória vinda da comarca do Porto — 4.° Juízo Cível — extraída dos autos de Execução de Sentença n.° 129/B/75, da 3.ª Secção, que Sociedade Gestora de Iniciativas Financeiras Sogin move contra Joaquim Fernandes Ribeiro e mulher Rosa Lopes Ribeiro, residentes na Rua Eng.° Quartim Graça, 21-2.°-Cave em Lisboa, há-de proceder-se à arrematação em 1.ª praça, pelo valor mais alto oferecido acima dos valores que se indicarão, de um lote de 4 frigoríficos e um televisor, penhorados aos executados, e de que é depositário Manuel Joaquim Lopes Ribeiro, solteiro, filho dos executados e com eles residentes.

Lisboa, 27 de Março de 1979
O Juíz de Direito

(Francisco Rosa da Costa Raposo)

O Escrivão de Direito

Luís Gonzaga Lufinha de Vasconcelos)

ANO 3.º — LISBOA—SEGUNDA-FEIRA, 6 DE AGOSTO DE 1923 — N.º 716

Diario de Lisbôa

Director: JOAQUIM MANSO — MANZONI DE SEQUEIRA — ALVARO DE ANDRADE — RUA LUZ SORIANO, 48

SEGUNDA EDIÇÃO

Foi eleito Teixeira Gomes

para a Presidencia da Republica

O «Diario de Lisbôa», inclinando-se respeitoso perante a obra do Congresso que elegeu o novo Chefe do Estado, sauda nesto, com sincero jubilo, as esperanças de todos os bons portuguezes que aguardam confiados o renascimento do país, que apesar de tudo, não deserá do seu futuro.

A's 19,35 horas, feito o ultimo escrutinio, que deu ao sr. Teixeira Gomes 121 votos sobre 5 atribuidos ao sr. dr. Bernardino Machado, foi proclamado eleito o Embaixador de Portugal em Londres, para a Presidencia da Republica.

TEIXEIRA GOMES

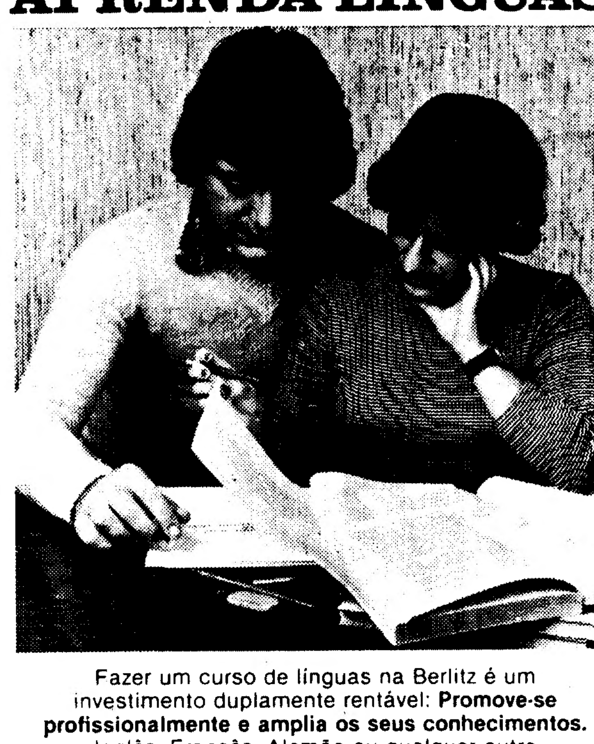
3

CONCURSO

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

Se tiver alguma dúvida, telefone-nos: «DL — Concurso» 321154-5 — 320271/2/3

Ganhe mais...
...sabendo mais!
APRENDA LÍNGUAS



Fazer um curso de línguas na Berlitz é um investimento duplamente rentável: **Promove-se profissionalmente e amplia os seus conhecimentos.** Inglês, Francês, Alemão ou qualquer outra língua, com professores da nacionalidade e pelo eficiente método Berlitz.

BERLITZ®

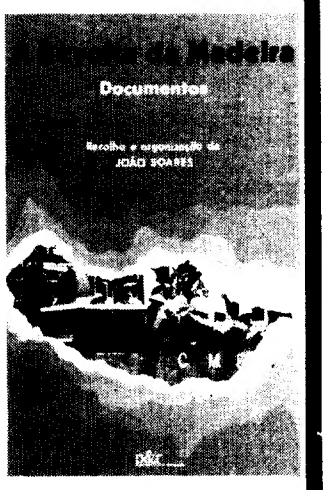
Escadinhas da Barroca, 2 • Telefone 87 46 56
(ao Largo de S. Domingos - Rossio)
1100 LISBOA

Serviço de Tradutores e Intérpretes

ponto a ponto

O general Ramalho Eanes, em cerimónia realizada no Palácio de Queluz, condecorou o comandante-supremo cessante das forças da NATO na EUROPAN, general Alexander Haig. Foi-lhe atribuída a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo. Em discursos pronunciados na ocasião os dois militares referiram-se ao papel da NATO: Eanes reafirmou os compromissos de Portugal para com aquela organização: Haig disse da importância de Portugal e afirmou-se orgulhoso da condecoração que lhe foi entregue.

Em Londres, durante o «Seminário Internacional de Ligação das Forças da Paz» a NATO foi também tema. Disse, por exemplo, Nino Pasti, actualmente senador italiano e antigo adjunto do comandante-supremo da NATO para as questões nucleares: «Conheço os generais da NATO e é preciso lutar contra a sua propaganda». E mais adiante, dirigindo-se aos congressistas: «O conselho que vos posso dar é de nunca aceitarem sem verificação qualquer declaração dos generais e almirantes. Por vezes dizem a verdade, mas nem sempre. Isto é particularmente justo no que se refere ao general Haig. Tive dificuldade em encontrar qualquer coisa verídica no que dizia».



A revolta da Madeira foi há quarenta e oito anos. O general Gastão Adalberto Sousa Dias prsidiu à Junta Revolucionária e assumiu a plenitrude do poder executivo e legislativo. A Constituição de 1911 foi reposta em vigor. Uma revolta popular e uma insurreição militar puseram em xeque a ditadura. Os Açores e a Guiné secundaram a revolta. As consequências do silêncio e a nebulosidade das explicações dos intervenientes, acabaram por ser eliminadas com a publicação do livro «A Revolta da Madeira», recolha e organização de João Soares. Exaustiva compilação da documentação escrita e gráfica, de testemunhos e ecos do acontecimento na Imprensa nacional e estrangeira. Para a história da Revolta da Madeira foi lançada a primeira pedra.

Nove acordos e protocolos entre Portugal e o Senegal serão concretizados nos próximos meses, segundo revela o embaixador daquele país em Lisboa, Charles Delgado, em mensagem a propósito do dia nacional do seu país. Charles Delgado revela que se deverão concretizar, até ao fim do ano, os primeiros resultados do interesse manifestado por industriais portugueses em relação à zona franca industrial de Dacar.

FOLHETIM ARTÍSTICO JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

MORREU ANUNCIAÇÃO

Na sua casa de Lisboa faleceu o pintor Tomás da Anunciação, professor e director da Academia Real de Belas-Artes, o mais apreciado dos artistas portugueses da sua geração e que os vindouros decerto porão na primeira fila do romantismo nacional. Esta escola, que deu os seus primeiros sinais de vida há perto de quarenta anos, perdeu nos últimos dois anos dois outros ilustres artistas, os pintores João Cristino da Silva e o senhor visconde de Meneses. Também há dois anos faleceu o escultor Francisco de Assis Rodrigues, outro distinto professor da Academia, e no próximo ano falecerá Manuel Maria Bordalo Pinheiro, artista tão prezado do nosso público e pai dos nossos amigos Rafael Bordalo Pinheiro, que em breve regressará de terras de Santa Cruz, e de seu irmão o talentoso moço Columbano Bordalo Pinheiro. Ainda no presente ano havemos de lamentar a desaparição do eminente cenógrafo do S. Carlos e do Dona Maria, o apreciado arquitecto José Cinatti.

Pesadas perdas para um país tão pequeno e escasso em valores no domínio bem interessante das Belas-Artes!

Uns após outros, ceifa-os o destino adverso, deixando apenas as suas obras na nossa admiração os seus nomes na nossa saudade. A falta de um museu de arte, ano a ano mais sensível, para recolher todos estes valores e fazer com que o público nacional os possa devidamente conhecer, não permite ainda assegurar-lhes a merecida fama que tanto nos honra. Porém, assim continuarão as coisas que nem dentro de cem anos terão melhorado, com certeza; e podemos também estar certos de que, tão ingrato é o nosso País, quando daqui a cem anos alguém tiver a ideia de lembrar o centenário do passamento do ilustre artista, nem a própria Academia ele tão dedicadamente serviu, conseguirá obter meios do Governo de então (talvez progressista, talvez regenerador...) para poder dignamente comemorar, com uma grande exposição, o inditoso mestre! Mesmo que ele seja o terceiro dos mais eminentes vultos da nossa escola de pintura a desaparecer nestes inícios do último quartel do século que tão mal começa para a Pátria...

Mas quem se interessa em Portugal pelas Belas-Artes, apesar de alguns louvaveis esforços isolados? Não há muito, um eminente crítico francês escreveu que «a arte adormece em Portugal», e, dentro de alguns meses, o nosso prezado confrade de d'Ocidente» lamentará a falta de «auxílio oficial ou académico». Em vão o senhor marquês de Sousa-Holstein, roubado o ano passado ao nosso convívio, se esforçou por melhorar o estado das coisas, com a sua influência junto das instâncias oficiais: um «astro maligno destruidor das Belas-Artes» influirá sempre em Portugal, para recordar a frase caustica (e quão ajustada!) do nosso grande artista que foi Machado de Castro!

Desse rtu-
gal», e, dentro de alguns meses, o nosso prezado confrade de d'Ocidente» lamentará a falta dstica (e quão ajustada!) do nosso grande artista que foi Machado de Castro!

Desse astro malévolo foi também vítima Anunciação, ele que era o mais amável, os mais discreto dos homens... A sua carreira, sem sobressalto,prosseguiu ao longo dos anos, desde que, discipulo da Academia onde professaria, sentiu novosanhelos na alma jovem, olhando para uma natureza virgem de pincel, que os seus mestres de então, já todos falecidos agora e aos quais sucederia, nunca tinham abordado. Era o «ar-livre» que se anunciava na pintura pátria, embora tal designação ainda não tivesse curso; aliás, só dentro em pouco ela será usada. Mas o jovem Tomás da Anunciação, cujo passamento aqui deploramos, neste dia de luto, deste 3 de

Continua na pág. 4

DITOS E FEITOS NA REFORMA AGRÁRIA

Tudo começou com a «Lei Portas-Barreto». O Alentejo – disse-se – não podia ser «a Bulgária de Portugal». Na realidade, não se queria que o Alentejo fosse terra de trabalho e de pão para uma população condenada a longos períodos de desemprego, à miséria, à fome. Aquelas «fomes grandes» de que já falavam os pastores de Bernardim Ribeiro.

Foi a «Lei Portas-Barreto» que abriu caminho a uma recuperação de classe. Nessa medida foi apropriado designá-la por «lei da contra-Reforma Agrária». O dr. Augusto Ferreira do Amaral, secretário de Estado (monárquico) de um IV Governo Constitucional da República (e estribado na confiança presidencial), transformou o «restauracionismo agrário» num «cruzadismo» estreme. O «documento Pezarat Correia» que teve uma divulgação inesperada num semanário da praça de Lisboa (ao que nos dizem graças à diligência de um jornalista ao PSD afecto), foi o detonador de um processo. O pedido de demissão do dr. Ferreira do Amaral tem a data de 15 de Março; a exoneração foi anunciada ontem dia 3 de Abril.

Com as palavras demissão (pedida) e exoneração (em Conselho de Ministros decidida) não vamos enlear o comentário que vem ao caso. A saber: diz Ferreira do Amaral – e a RTP teve a diligência de o apensar ao Telejornal – que de nenhuma ilegalidade cometida tem conhecimento. Mas o «documento Pezarat Correia» de que tivemos a revelação pela «fuga» oportunamente organizada pelo PSD (ou por um jornalista ao PSD afecto, como atrás escrevemos), e a frontal entrevista concedida ao semanário «O Jornal» pelo conselheiro da Revolução coronel Pezarat Correia, constituem uma acusação suficientemente grave. E será difícil, muito difícil mesmo, não ver nas atitudes do Presidente da República de que se queixou ontem, no pequeno écran o dr. Ferreira do Amaral, o propósito discreto, mas nítido, por parte do general Ramalho Eanes, de se distanciar e de se informar pessoalmente.

Outro significado não poderá ser atribuído à intenção manifestada de fazer acompanhar a acção do secretário de Estado por um «assessor da Presidência».

A esta luz, e verificada a «exoneração», embora com despropositado elogio do «cruzado», os ditos do Primeiro-Ministro, inspirados na clássica doutrina da divisão dos poderes, têm um estranho sabor. Ao que parece, seriam «reprováveis» as críticas e as denúncias do coronel Pezarat Correia por virem de outro «órgão de soberania». O princípio da «separação dos órgãos de soberania» deveria ser acautelado e o Primeiro-Ministro – ao que as suas palavras permitem supor e o que o elogio ao «cruzado» corrobora – consideraria menos importantes os factos. Esquecendo, com o argumento de que «o Conselho da Revolução não tem nenhuma competência para criticar as acções do Governo e muito menos um seu membro isolado», que o coronel Pezarat Correia se fizera voz de queixas conhecidas e se tirara de seus cuidados para investigar directamente situações de distorção da aplicação da lei e outras de incontroversa ilegalidade.

Informam-nos que muitas dessas queixas, casos de favoritismo, atropelos da legalidade, destruições intencionais de unidades colectivas de produção e de cooperativas, estão entregues ao poder judicial. Mas os tribunais estão cheios de processos a aguardar instrução e julgamento. Entretanto, o «cruzadismo» dita a lei da selva, governantes restauracionistas comprometem as forças militarizadas ao serviço dos possidentes e dos reaccionários, a Reforma Agrária é atacada, talvez em vastos sectores destruída, e com ela vilipendiado o projecto constitucional de um **País novo.**

O coronel Pezarat Correia, primeiro em reuniões do Conselho da Revolução, depois em declarações ao semanário «O Jornal», com seriedade e com serenidade, denunciou violações da legalidade. Levantou uma questão de fundo. O Primeiro-Ministro esquiva-se, pela porta do formalismo jurídico, com argumentação frouxa. A questão de fundo está posta. Não se encerrou com a exoneração do dr. Ferreira do Amaral.

Não precisamos de consultar uma pitonisa para saber que, neste plano também (e não só no que respeita à crise interna do PSD e às canseiras para pôr em pé o novo **partido**), o Presidente da República vai ser alvo de ataques, insinuações, intrigas.

De sua cruzada ecológica a mais pugnaz cruzadismo transitando, o dirigente do Partido Popular Monárquico, Gonçalo Ribeiro Teles, escrevia ontem: «As consequências políticas da demissão de Ferreira do Amaral são ainda imprevisíveis em toda a sua extensão. A degradação económica e social e a instabilidade política vão continuar, senão aumentar, no Alentejo. As razões próximas da demissão já são, em parte, conhecidas. O Presidente da República nunca quis receber o secretário de Estado da Estruturação Agrária e nomeou um assessor para julgar e fiscalizar os actos daquele membro do Governo.»

Mas o escândalo para os monárquicos populares e para os reaccionários impopulares é mais grave, mais perturbador o propósito que ao Presidente da República atribuem. Escreve Gonçalo Ribeiro Teles: «A possível prossecução das expropriações na zona de intervenção da Reforma Agrária, segundo tudo faz crer, defendida pelo Chefe de Estado, deve ter constituído outra razão da demissão de Ferreira do Amaral.»

Não concluiremos, como Gonçalo Ribeiro Teles, que foi «o Presidente da República quem abriu a crise governamental», mas concluiremos que há quem aposte numa execução unilateral da lamentável lei de contra-Reforma Agrária, quem queira retalhar unidades colectivas de produção, desmantelar cooperativas, exagerar reservas e desenterrar reservatários, e queira impedir que, no capítulo das expropriações, a lei seja levada à prática.

O coronel Pezarat Correia levantou uma ponta do véu. O restauracionismo de classe dos agrários deve ser denunciado e detido. A Constituição deverá ser respeitada.

ENFERMEIROS DO NORTE ACUSAM

"Governo atropela todas as convenções de Saúde"

COIMBRA, 4 – Os Sindicatos dos Enfermeiros rejeitam na globalidade o conteúdo do projecto de diploma sobre «departamento de cuidados primários de saúde», elaborado pela Secretaria de Estado da Saúde.

Em reunião realizada nesta cidade, as direcções dos Sindicatos de Enfermeiros do Norte, Centro, Sul e Funchal consideram que o documento assenta numa «filosofia» de saúde e assistência que julgavam ter sido já abandonada pelas instâncias oficiais e que, de forma alguma, podem subscrever ou aceitar».

Os sindicatos acentuam que «todo e qualquer membro do Governo tem obrigação de respeitar no essencial as recomendações das instâncias internacionais reconhecidas como idóneas na Constituição da República e nas quais o nosso país participa de pleno direito e de não violar as leis vigentes no País».

Declaram que o projecto de diploma «atropela abertamente todas as convenções internacionais aplicáveis a leis ordinárias e diplomas regulamentares vigentes».

Passando às críticas concretas, os sindicatos consideram que o projecto atropela «as potencialidades da enfermagem» e os «seus legítimos direitos e anseios», prevendo a criação de órgãos de decisão de que não fazem parte os enfermeiros.

Acham também «incompreensível o esquecimento a que o projecto vota os enfermeiros dos Serviços Médico-Sociais (SMS) que» – afirmam – «não podem ser vítimas do tipo de medicina que se pratica nos SMS».

Os sindicatos apontam, ainda, como lacuna do projecto a ausência de uma definição clara no sector de investigação que não pode estar desligado do sector que presta cuidados directos à população.

SABADO EM SILVES

Encontro de municípios

SILVES, – Com o objectivo de motivar as populações para uma participação mais efectiva na vida autárquica, a Aliança Povo Unido (APU) promove, no próximo sábado, um encontro de munícipes deste concelho.

Simultaneamente será inaugurada, no edifício da Câmara, uma exposição das obras do pintor algarvio Samora Barros.

NOME PARA CONCURSO

"Coimbra, cidade da rosa"

COIMBRA, 4 – A Câmara Municipal de Coimbra vai levar a efeito, nos dias 4, 5 e 6 de Maio próximo um concurso denominado «Coimbra, Cidade da Rosa», enquadrado na perspectiva de criação de novas motivações turísticas para a cidade, de forma a contribuir para o seu embelezamento através da promoção da cultura de rosas.

O concurso dividir-se-á em duas fases. À primeira poderão concorrer todos os habitantes das freguesias da cidade e terá como motivo principal «A Roseira em Flor».

A segunda, que decorrerá no edifício Chiado, destina-se a floricultores amadores, floristas, jardins municipais e botânicos. Terá como motivo principal «A Rosa».

Os critérios de classificação basear-se-ão na «beleza e harmonia dos conjuntos» e ainda na «qualidade, raridade e novidade das rosas».

As inscrições encontram-se abertas até aó próximo dia 30 deste mês no posto de turismo do Largo da Portagem.

Suspensa a extracção do barro

Barricadas retiradas em Anadia

COIMBRA, 4 – Face ao comprometimento assumido pelas autoridades em mandar embargar a extracção do barro vermelho e em proceder à limpeza e reparação da estrada, os populares de três povoações do concelho de Anadia (Boialvo, Candeeiras e Avelãs de Cima) acordaram em levantar, ao fim da tarde de ontem, as barricadas que, desde a manhã da última segunda-feira, interrompiam o trânsito na via Mortágua-Avelãs de Cima.

A decisão foi tomada após uma reunião dos órgãos autárquicos daquelas três localidades com o presidente da Câmara de Anadia, delegado em Aveiro do procurador da República, presidente e director da Junta Autónoma das Estradas e comandante da GNR de Aveiro.

Recorde-se que, conforme ontem noticiámos, as barricadas, em que se concentraram cerca de três centenas de pessoas, foram erguidas depois de expirar o prazo que as populações haviam concedido às autoridades para que resolvessem o problema, relacionado com a deterioração constante daquela estrada, tornando-a intransitável, devido à passagem constante de camiões e máquinas pesadas utilizadas no transporte e extracção do barro nas barreiras existentes na região.

Jardim cria regulamento policial

FUNCHAL, 4 – O presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, assinou ontem o novo regulamento policial para esta região autónoma. O novo regulamento, com 93 artigos, revoga o que se encontrava em vigor, da autoria do regime fascista.

A portaria, que aguarda agora publicação na folha oficial, prevê ser da competência do presidente do Governo Regional a resolução de dúvidas ou casos omissos.

FOLHETIM ARTÍSTICO

Morreu Anunciação

Continuação da pág. 3

Abril de 1879 que ficará para sempre na nossa saudade, foi um verdadeiro percurssor: o seu nome de humilde extracção a isso o predispunha...

Após ele, outros virão, e adivinhamos já, no horizonte das nossas artes, outros jovens que dentro em breves meses chegarão de Paris: talentoso moço António da Silva Porto, por exemplo, que haverá de suceder na cadeira de paisagem ao grande artista agora desaparecido, continuando-lhe a obra por um «naturalismo» que à nossa pintura por enquanto falece. Permita-se-nos usar este termo insólito que em França, onde ele tem feito estudos de bom aproveitamento, é já corrente. No próximo mês de Outubro, o talentoso cronista sr. Ramalho Ortigão há-de fazer o elogio do novo professor, e, mesmo que ele tenha sido por vezes injusto para com Anunciação, as suas palavras terão o peso da justiça da história – que vendo longe, não pode perdoar nem alindar a verdade!

Tomás da Anunciação, mestre discreto da sua geração que sofrera os tormentos da guerra civil, não teve possibilidades de estudos no estrangeiro e só há doze anos pôde ir pela primeira vez a Paris, ver asobras dos seus mais célebres colegas. E não receamos a vergonha de dizer que fez essa viagem à sua custa, com dinheiro emprestado – ele, professor da Academia, responsável pela formação das gerações vindouras! Demos de novo a palavra ao sr. Ortigão, que daqui a quatro anos falará da «indiferença completamente selvagem dos poderes públicos pela educação artística...»

Anunciação deixou uma obra vasta e dedicada: bastou-lhe afinal a admiração de amadores esclarecidos (entre os quais o senhor D. Fernando, que só daqui a seis anos há-de falecer) e dos seus colegas e amigos, um dos quais, o desditoso pintor Cristino, o retratou pintando na serra de Sintra, vinte e quatro anos atrás, quando boas ilusões de juventude os animavam a todos...

... Que, ao menos, quando, daqui a cem anos, a Academia de Belas-Artes não tiver podido obter meios oficiais (apesar dos seus insistentes esforços sem resposta) para realizar a grande exposição do centenário do ilustre pintor hoje falecido, tenha um presidente que (a título pessoal) sobre ele escreva, revelando os tristes factos!

Doutrinadores cooperativos

Com o propósito de fornecer subsídios para o estudo do sector cooperativo português, o dr. Fernando Ferreira da Costa organizou uma antologia de textos de autores portugueses sobre temas pré-cooperativos e cooperativos. De 1844 a 1876, foram seleccionados textos de Alexandre Herculano, Sousa Brandão, Andrade Corvo, Costa Goodophim, José Frederico Laranjo, Augusto Fuschini, Fernando Emígdyo da Silva, Raul Tamagnani Barbosa, António Maria Godinho, António Sérgio, Vieira da Luz, Augusto Reis Machado, João Sá da Costa, Lúcia Nobre, Emídio Santana, Eugénio Mota, J. Dias Agudo, Fernando Ferreira da Costa, Henrique de Barros, num conjunto de quatrocentas páginas. O dr. Fernando Ferreira da Costa redigiu para este volume um ensaio introdutório. O prof. Henrique de Barros assina o prefácio.

Este trabalho insere-se na recolha de subsídios para o estudo do sector cooperativo, já iniciado com a publicação de «As cooperativas na Legislação Portuguesa» e que será completada com um volume sobre a implantação e desenvolvimento das cooperativas no nosso país. Edição de «Livros Horizonte».

VIAGENS ESPECIAIS A RDA
7 dias - 1 a 7 Julho 79
14 dias - 5 a 18 Agosto 79
TUDO INCLUIDO DESDE 14.500$
Peça programa detalhado
Informações e reservas:
MUNDIRAMA
VIAGENS E TURISMO LDA
R. DO CRUCIFIXO, 33
LISBOA 1100 TELEFS
363294 328856
372093 371471
Estab. 1948

IMPORTANTE ESPÓLIO

LEILÃO

AMANHÃ E SEXTA-FEIRA DAS 15 ÀS 19 E 21 ÀS 24 Hs

Av. DA LIBERDADE, N.º 35-3.º Dto.

(C/elevador, por cima do C. Santos — Fácil estacionar Parque Restauradores)

Vamos vender todos os bens inventariados que constam principalmente de:

BOM MOBILIÁRIO DE VÁRIOS ESTILOS em pau-santo, art-decó dos salões, quartos, casa jantar e escritório, torcidos e tremidos em pau-santo, contador e muitos móveis soltos.

PINTURA moderna e antiga de autores ingleses e portugueses:
PRATAS E JÓIAS muito variadas quase todas marca JAVALI, algumas jóias Dordio, Frederico Ayres, Cruzeiro Seixas, Bernardo Marques, Jorge Barradas, Josefa Greno, Mário Augusto, Carlos Ramos, Manuel Lapa, Paulo Ferreira e outros, ouro e brilhantes
TAPETES PERSAS muito bonitos em bom estado e carpetes portuguesas, arraiolos e outras.
OBJECTOS DE VITRINE caixas em prata, relógios, miudezas, miniaturas, martins, curiosidades, leques, etc.
OBJECTOS DE ARTE origem inglesa, francesa e portuguesa, bronzes, relógios com candelabros, variadas peças Companhia das Índias, azul e branco, Cantão, Mandarim, Serviço copos Baccarat e outros.
COLECÇÃO DE ARMAS de fogo de várias origens e épocas.
VELHARIAS E DIVERSOS de quartos interiores, corredores, cozinha e armários, que irão à praça na sessão de hoje à tarde.

EXPOSIÇÃO AMANHÃ DAS 9 ÀS 13 Hs.

SOC. DE LEILÕES AV. DUQUE DE LOULÉ, Nº 1 Telfs. P.P.C. (9 Linhas) 532920 51478 532446 AFRA FILHOS, Lda

Pub

Sindicato do Comércio de Lisboa

COMUNICADO

1 — Reuniu no passado dia 28 de Março em Sessão Ordinária a Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa para apreciar e deliberar sobre o Relatório da Actividade e de Contas relativo ao ano de 1978 e sobre a Proposta de Orçamento para o ano de 1979, documentos que a Direcção apresentou dentro do prazo estatutário.

Após vivo debate, a Assembleia aprovou por larga maioria todos os documentos.

2 — Antes de dar início à Ordem de Trabalhos e após a aprovação da Acta da sessão anterior, a Mesa informou a Assembleia de que os associados que em 12 de Fevereiro apresentaram ao Presidente da M.A.G um requerimento (incompleto) para a convocação de uma Sessão Extraordinária da A.G., tinham informado que anulavam o seu pedido. A Mesa leu integralmente a carta destes associados na qual davam conhecimento da sua decisão.

3 — Após terminada a Ordem de Trabalhos foram aprovadas por unanimidade e aclamação 2 Moções, uma de saudação ao 3.º ANIVERSÁRIO DA CONSTITUIÇÃO e outra de repúdio pela acção do Governo no domínio da Comunicação Social.

Lisboa, 2 de Abril de 1979.

P'LA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
(a) José Manuel Barros

na REVISTA INTERNACIONAL N.º 2 DE 1979

Neste Número:

Boris Ponomariov — O SOCIALISMO REAL E O SEU SIGNIFICADO INTERNACIONAL

A REVOLUÇÃO CUBANA, SALTO QUALITATIVO NA LUTA DOS POVOS DA AMÉRICA LATINA

Jose Lava, Vsevolod Rybakov — VIETNAME: NÃO HÁ NADA MAIS PRECIOSO DO QUE A LIBERDADE E A INDEPENDÊNCIA

OS COMUNISTAS E A OPINIÃO PÚBLICA

REVISTA INTERNACIONAL
PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO

à venda N.º 2 / 79

Preço 25$00

CDL a distribuição

RELAÇÕES PORTUGAL-MOÇAMBIQUE

Incidente diplomático não explica o total fracasso das negociações

De mãos vazias e saldando a sua viagem pelo fracasso mais absoluto, regressa esta noite a Lisboa a delegação portuguesa chefiada pelo ministro Álvaro Barreto, que se deslocou à capital da República Popular de Moçambique com a missão de negociar com as autoridades daquele país o contencioso económico que resultou na integração no Banco de Moçambique dos departamentos locais dos Bancos de Fomento Nacional e Pinto e Sotto Mayor. Essa integração teve reflexsos directos nos Cimentos de Moçambique, Mobeira, Química Geral e Maragra, que dependiam daquelas instituições de crédito, cujo funcionamento e viabilidade, segundo o Governo moçambicano, continua a pertencer à parte portuguesa.

A delegação portuguesa, segundo Álvaro Barreto, interrompeu as negociações após a quarta reunião, «umavez que Moçambique recusa em bloco as nossas condições». A delegação portuguesa pretendia essencialmente que a parte moçambicana aceitasse «assumir a protecção diplomática e consular dos cidadãos e admitisse discutir o estatuto de pessoas e bens, de acordo com a Carta dos Direitos e Deveres Económicos dos Estados».

Aparentemente a execução de um cidadão de origem moçambicana mas que havia adoptado a nacionalidade portuguesa e era acusado de diversos actos de sabotagem e terrorismo, nomeadamente da participação no atentado contra os depósitos de combustíveis da Beira, e a posterior nota de protesto do Ministério dos Negócios Estrangeiros, teriam constituído elementos importantes para o malogro das negociações, mas a versão da parte moçambicana introduz elementos novos que levam a concluir com alguma segurança que, se da parte da República Popular de Moçambique terá havido uma falha ao nível diplomático, por parte da delegação portuguesa terá havido uma inflexibilidade e uma incapacidade negocial grande. É duvidoso que, mesmo sem o lamentável incidente diplomático ocorrido, as conversações na base em que estavam a decorrer, viessem a ter algum êxito.

Entretanto, Samora Machel cancelou uma audiência com a delegação portuguesa, marcada à chegada desta a Moçambique, não tendo, segundo Álvaro Barreto, sido dada qualquer explicação. Todavia, apesar da rotura das negociações, Joaquim Chissano, ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, afirmou ao secretário de Estado português, Paulo Enes, que mantém a aceitação do convite para visitar Portugal, o que tenciona fazer em meados do ano, antes de se deslocar a Nova Iorque para a abertura da próxima assembleia geral da ONU.

ULTIMATO OU INABILIDADE POLÍTICA?

Pouco antes de seguir para o Aeroporto, o ministro Álvaro Barreto interrogado pela ANOP sobre o que pensava da posição moçambicana de que teria havido um ultimato da sua parte, declarou que«não houve ultimato, o que houve sim, foi o estabelecimento de um conjunto de princípios».

Para um julgamento objectivo da questão na parte que respeita ao governo português só se dispõe como padrão da capacidade de diálogo que este e outros ministros têm revelado na resolução de casos nacionais. Genéricamente, desde a Reforma Agrária às desintervenções o Governo tem revelado um conservadorismo total. Se para o diálogo com os trabalhadores a fórmula não resulta dificilmente funcionará para o diálogo com antigas colónias, ainda muito marcadas pelo estigma de uma opressão de séculos, e bastante prevenidas contra os novos cavalos de Tróia, e que desejam sempre estar seguras de que, em lugar da cooperação franca e aberta servindo interesses bilaterais, não lhe entre o neocolonialismo pela fronteiras dentro.

O mesmo articulista revela que na última sessão das conversações o chefe de delegação portuguesa leu um documento previamente preparado e manifestou a intenção de não esperar pela resposta da delegação moçambicana. «Durante a intervenção da nossa delegação preparava-se para abandonar a mesa das conversações. A insólita atitude chegou ao ponto de afirmar que a posição da delegação moçambicana devia ser entregue à Embaixada de Portugal em Maputo. A sessão acabou com o precipitado abandono da mesa das conversações por parte da delegação portuguesa».

Aquele jornal afirma ainda que «Moçambique, Angola, Guiné, Cabo Verde e são Tomé e Príncipe, que lutaram e derrotaram o colonialismo português, não são vistos como países soberanos e independentes por uma burguesia fortemente saudosa do colonialismo. São, segundo certas concepções, partilhadas inclusivamente em meios oficiais portugueses, «países de expressão portuguesa» ou noutros casos «territórios de língua portuguesa», «ex-colónias» ou, ainda, «o ultramar» – expressões que têm sido frequentemente usadas na mesa das conversações».

«Portugueses que pretendem vir trabalhar para Moçambique como cooperantes encontram dificuldades várias no seio do aparelho governativo português, apesar de existir um acordo geral de cooperação, assinado e ratificado entre os dois países. Contratos de assistência técnica e cooperação entre os dois países encontram-se bloqueados há muitos meses em Portugal».

É isto o que parece reflectir um editorial hoje publicado pelo «Notícias», do Maputo, no qual se afirma que «a burguesia colonial manteve redutos em Portugal e procura reaver privilégios de que gozava em Moçambique no passado». Mais adiante o mesmo jornal afirma que, «saudosa do colonialismo», essa burguesia «sonha com a abertura de perspectivas neocoloniais, procura condicionar as relações entre os dois países à revalidação dos seus interesses e privilégios no nosso país».

«A rotura recente de conversações em Maputo pela delegação portuguesa – prossegue– as suas posições de ultimato, a sua irredutível defesa da revalidação dos privilégios outrora gozados pela burguesia colonial em Moçambique, a sua atitude descortês à mesa das conversações são contrárias ao estreitamento de relações entre o povo moçambicano e o povo português.

O jornal sublinha que apenas a um dia do fim do prazo de três meses solicitado pelo presidente da República Portuguesa é que a delegação de Portugal chegou a Maputo para reiniciar as negociações que deveriam ter terminado até 31 de Dezembro do ano passado.

Afirma depois que a delegação chefiada pelo ministro da Indústria e Tecnologia, Álvaro Barreto, «pretendia impôr como princípio fundamental e sob a capa de um estatuto de pessoas e bens para os seus cidadãos, a manutenção do regime de privilégios de que a burguesia colonial gozava no passado, imposição esta que já havia sido rejeitada no período do governo de transição». No último dia da prorrogação que fora solicitada no fim do ano pelo Presidente Ramalho Eanes, a delegação portuguesa apresentou uma posição de ultimato, que foi prontamente rejeitada pela delegação moçambicana porque, no seu todo, constituía uma ofensa ao povo moçambicano e uma ofensa ao desenvolvimento das relações normais entre os dois povos e dois estados soberanos».

A.R. vai debater Estatuto do Refugiado

De acordo com informações colhidas pela ANOP junto da comissão parlamentar de Direitos e Garantias, a Assembleia da República deverá debater proximamente a legislação reguladora do direito de asilo político e o estatuto do refugiado.

Relativos a esta matéria, encontram-se naquela comissão, para análise, um projectolei do PS e uma proposta de lei do Governo, existindo muitos pontos de contacto entre os dois documentos, pelo que não é de excluir que venham a conciliar-se e a completar-se num único texto final.

Resumidamente, pode dizer-se que a proposta de lei do Governo é mais ampla relativamente aos fundamentos do asilo, que não é estritamente «político» mas é alargado às pessoas que receiem ser perseguidas em virtude da sua raça, religião, nacionalidade ou se sintam em insegurança devido a conflitos armados. Prevê ainda a concessão de asilo a cidadãos de Estados onde os direitos humanos sejam sistematicamente violados.

Em contrapartida, o projecto do PS concede mais importância às aspirações dos refugiados políticos. Seguindo estritamente o texto constitucional, prevê como restrição à concessão do asilo «as condições socio-económicas do País», enquanto que a proposta do Governo aponta ainda como restrição razões de «segurança nacional». Contudo, ambas as restrições podem ser consideradas atentatórias do espírito das convenções internacionais, para as quais a concessão de asilo não deve conter restrições.

A Constituição Portuguesa, no seu artigo 22, consigna expressamente o direito de asilo aos estrangeiros e apátridas, perseguidos pela sua actividade «em favor da democracia, da libertação nacional, da paz entre os povos, da liberdade e dos direitos da pessoa humana». Remete, porém, para a lei comum a definição do estatuto do refugiado político, o qual, por força do artigo 8.° da Constituição, deverá conformar-se às normas das convenções internacionais subscritas pelo Estado português.

Este problema ganhou particular acuidade com a situação de alguns milhares de africanos que vieram para Portugal na vaga da descolonização, os quais, não sendo descendentes de portugueses até ao terceiro grau, não são portugueses à face da nossa lei, e não tendo optado pela nacionalidade do país de origem, perderam entretanto a capacidade de o fazer.

O Presidente deve pronunciar-se sobre as relações luso-árabes

— defenderam deputados

O Presidente da República, deve pronunciar-se sobre as relações luso-árabes – sugeriram deputados do Partido Socialista e do Partido Social-Democrata.

João Lima e Brito Lhamas, do PS e PSD, que falavam durante uma reunião com uma delegação da Associação dos Amigos dos Países Árabes, acrescentaram ser importante uma definição clara, sem ambiguidades, da política externa portuguesa em relação aos países árabes. «Agora resta ouvir o Presidente da República» – sublinharam.

Para esse reforço de relações, disseram juntamente com Abuquerque Christo do CDS, e Carvalheira Antunes do PCP, há que tentar fazer algo de positivo e construtivo no quadro da Assembleia da República, por um lado e, por outro, junto do Governo, no sentido de promover o desbloqueamento e a normalização de relações luso-árabes.

Os deputados dos três partidos, PS, PSD e PCP, excepto abertamente o CDS, manifestaram-se, por outro lado, favoráveis à abertura de uma representação da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) em Lisboa.

Enquanto Carvalheira Antunes, considerou grande erro da diplomacia portuguesa o estabelecimento de relações diplomáticas com o Estado de Israel, João Lima afirmou que o seu partido «é contra a política israelita de criação de novos aldeamentos e a favor de retirada dos territórios árabes ocupados e do estabelecimento de um Estado palestiniano», mas defendia as relações com Telavive estabelecidas durante o Governo de Mário Soares.

Albuquerque Christo, do CDS que se referiu ao estabelecimento de relações com Israe disse que «é errado voltar atrás errada é também atacar a existência de Israel», acrescentand que não via a «necessidade d se reconhecer a OLP».

Mota Pinto "à espreita"

Mota Pinto, que a confiança de Eanes mantem na chefia do Governo, voltou a pronunciar-se a favor da criação de uma nova força política, indicando-a como uma solução para o caso português e citando como exemplos os casos da França e da Espanha (o RPR de Giscard e a UCD de Suarez).

Interrogado pela ANOP Mota Pinto recusou contudo a «paternidade» da ideia de formação de «um novo bloco, uma federação, um agrupamento, uma união ou um novo partido político», reconhecendo todavia que «talvez, em Portugal, seja uma boa solução», a corroborar esta afirmação apresentou então os exemplos da França e da Espanha «em que a estabilidade política democrática se conseguiu com soluções parecidas».

Prudentemente, o actual Primeiro-Ministro recusou pronunciar-se sobre se aceitaria ou não a liderança de tal formação, pois que «não se pronuncia sobre meras questões hipotéticas», visto que a «minha preocupação absorvente é governar». Mota Pinto não referiu no entanto notícias que têm vindo a lume e que o indicam como um dos participantes em reuniões que têm decorrido com vista ao aparecimento de nova formação política.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

FAZ-SE SABER que pela 2.ª Secção do 14.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de acção com processo comum, sob a forma ordinária, e registados sob o n.º 166/77, em que é autora MARIA ALICE VAZ RIBEIRO, residente na Rua 3, Lote 59 (a Garcia de Orta) — Damaia de Baixo e co-Reus FERNANDO DO NASCIMENTO PENA FERREIRA, com ultima residência conhecida na Rua 5, Lote 59, a Garcia de Orta, em Damaia de Baixo e FLORINDO DA SILVA LEITE, com residência desconhecida e neles correm éditos de TRINTA DIAS, citando os có-Réus acima indicados para, no prazo de DEZ DIAS, findo o dos éditos, contando-se estes a partir da publicação segundo anúncio, contestar a referida acção sob pena de o não fazendo, serem considerados como confessados os factos articulados pela Autora, devendo, ainda, contestar, querendo, o pedido de Assistência Judiciária requerido na petição inicial.

O pedido da Autora é do montante de 150 850$00 e refere-se a vencimentos em atraso e subsídios de férias dos anos de 1975 e 1976 e ainda os vencimentos que se venceram até à decisão final.

O duplicado da petição encontra-se à disposição dos citandos na secção e juízo acima indicados.

Lisboa e 2.ª Secção do 14.º Juízo do Tribunal do Trabalho, aos 6 de Março de 1979.

O JUIZ,
(Fernando José Leal Loureiro Pipa)

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Corte de relações com Moçambique pedido pelos "sá-carneiristas"

O plenário da Assembleia da República não teve ontem tempo para se ocupar do ponto principal da ordem do dia, que era a discussão e votação urgente do novo projecto de lei eleitoral. Tão-pouco conseguiu mais do que aflorar, em escassos 15 minutos, a análise do controverso decreto governamental que cria uma zona de jogo em Tróia, cuja ratificação, solicitada pelo PS e pelo PCP, também estava agendada.

Ambos os temas transitaram para a sessão plenária de hoje, já que a reunião de ontem foi quase integralmente consumida pelo debate dos últimos acontecimentos verificados em Moçambique, na província de Sofala, onde mercenários dirigidos e municiados por terroristas da Rodésia atacaram depósitos de combustível e cortaram o abastecimento de energia eléctrica à cidade da Beira, vindo a ser capturados pelas milícias populares moçambicanas, sumariamente julgados, sob a acusação de traição, mercenarismo e espionagem, e imediatamente executados.

O facto de um cidadão português se encontrar activamente envolvido em mais esta agressão rodesiana a Moçambique e sofrer os efeitos da drástica atitude punitiva das autoridades moçambicanas, proporcionou largas horas de discussão e, a um sector do Parlamento, a oportunidade de se lançar em ataques frenéticos ao regime do Maputo que foram até ao pedido puro e simples do corte de relações com Moçambique.

VOTOS DE PROTESTO

Na sequência do vozear assim gerado, a Assembleia da República viria a aprovar, por maioria (com a abstenção do PCP), um voto de protesto dos socialistas pelo fuzilamento de Rui Nunes da Silva em Moçambique, e os cinco primeiros pontos do texto de outro voto, referente ao mesmo assunto, apresentado pelo CDS (o PCP abster-se-ia na parte aprovada, e votaria contra, assim como o PS, a UDP e 4 independentes, os sexto e sétimo pontos da moção centrista, nos quais se pedia ao Governo que apresentasse o seu protesto contra estes factos nas Nações Unidas).

A Assembleia rejeitou por maioria um terceiro voto, do PSD, sobre o mesmo tema, nos termos do qual o Parlamento pediria ao Governo que suspendesse as relações diplomáticas com Moçambique e chamasse imediatamente a Lisboa o embaixador português no Maputo.

O texto do voto do PS considera que a condenação à morte do cidadão português foi pronunciada em tribunal de excepção, sem instância de recurso e com execução imediata.

O voto do CDS, na parte aprovada, diz que «a questão do tratamento reservado aos portugueses em Moçambique», nomeadamente dos que se encontram detidos, «é base essencial para a normal prossecução» das relações diplomáticas entre os dois países.

Alda Nogueira, que leu a declaração de voto do PCP, depois de considerar que a exploração que tem sido feita do caso por forças reaccionárias «não decorre do respeito por quaisquer dos princípios de direito internacional aplicáveis», mas visa antes «agravar as dificuldades existentes» e releva da «mais pura hipocrisia política», afirmou que o seu partido discorda frontalmente «de uma escalada de deterioração de relações» entre Portugal e Moçambique.

ORGÂNICA REGIONAL DO PLANEAMENTO

Entretanto, o deputado Sousa Gomes fez a apresentação de um projecto de lei do PS relativo à organização do planeamento regional.

«A discussão desta proposta de lei – disse Sousa Gomes – será ocasião para uma análise mais extensa da problemática regional que defrontamos no País e das grandes linhas da estratégia que o meu partido defende para o desenvolvimento das regiões».

«O que está em causa – afirmou ainda – não são apenas os interesses locais e nacionais, mas o futuro do País e do nosso lugar na Europa».

No período antes da ordem do dia, interveio ainda Diamantino Dias (PCP) para denunciar mais uma vez as «ilegalidades que o Ministério da Agricultura e Pescas está sistematicamente a praticar».

O deputado comunista declarou que «o MAP está a entregar aos agrários mais terras do que aquelas que a própria lei determina e, noutros casos, a entregar terras a título de reservas a agrários que mantêm na sua posse áreas muito superiores aos limites da lei». **E.S.**

S. R. CAMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

Parque Municipal de Campismo
AVISO

I INTRODUÇÃO

A reduzida capacidade do Parque Municipal de Campismo de Oeiras, aliada ao sistema de admissões até agora praticado, tem dificultado o acesso de grande número de campistas ao Parque.

A Câmara Municipal de Oeiras entende que o campismo, **como função social,** deverá tender a beneficiar cada vez maior número de trabalhadores — sobretudo vindos de outras zonas do País.

A prática até agora seguida, que tem facultado aos campistas a possibilidade de ocuparem o espaço por toda a época (Maio/Outubro), não permite atingir aqueles objectivos.

Por consequência, na reunião ordinária de 28-3-79, a C.M.O. deliberou alterar o esquema vigente, limitando o tempo de permanência no Parque, conforme contas do aviso que adiante se publica.

Esta solução virá assim permitir que muito maior número de campistas beneficie deste equipamento social do Município.

II AVISO

Atendendo à baixa capacidade do nosso Parque de Campismo e às más condições do mesmo, que não aconselham a uma permanência prolongada de campistas porquanto deverá estar ao serviço do maior número de pessoas que em grande número afluem a esta zona do País ou que aqui passam, proprõe-se:

1) Não serão aceites reservas prévias pois as inscrições serão feitas aquando da admissão no mesmo a partir de 2-5 por ordem de apresentação dos próprios devidamente identificados.
2) Não sendo possível desde já transformar este Parque de Campismo em mero ponto de passagem e de certo modo indo ao encontro dos que estão acostumados à sua utilização prolongada será permitido aos campistas que entrem durante o mês de Maio a estadia até 30-6, sem direito a nova permanência no ano em curso.

   Aos campistas que entrem a partir de 1-6 será permitida exclusivamente a permanência máxima de 30 dias sem direito a nova permanência no ano em curso.
3) Será reservada uma zona não inferior a 20 % da área do Parque, na qual a estadia máxima será de 10 dias, podendo pelo mesmo campista ser utilizados dois períodos com intervalo não inferior a 30 dias.
4) Os utentes da «zona de 10 dias» não poderão utilizar no mesmo ano a restante área, e outro tanto acontecendo com os utilizadores da «zona de 30 dias», que no mesmo ano poderão utilizar a zona de 10 dias.
5) Em breve será revisto o regulamento vigente.

(Este aviso constitui proposta de alteração do Regulamento e será presente à próxima reunião da Assembleia Municipal de Oeiras)

Oeiras, 29 de Março de 1979

Por delegação do Presidente da Câmara

O Vereador

HELDER SILVA

COMPRA-SE

Moradia com terreno não muito antiga bom

estado de conservação exterior e interior com ou sem mobília.

Deve ter quartos para criados. Situada perto do Estoril ou Cascais.

Pagamento a dinheiro. Enviar ofertas n.º 4411

Pub

Sindicato dos Trabalhadores de Lanifícios do Distrito de Castelo Branco

SEDE EM COVILHÃ

CONVOCATÓRIA

Assembleia Geral Extraordinária

Nos termos do Artigo 16.º n.º 1 alínea e) dos Estatutos, convocam-se todos os associados em pleno gozo de direitos a reunir em Assembleia Geral Extraordinária, no dia 5 de Maio de 1979, pelas 15.00 horas, no Cine-Centro da Covilhã, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

PONTO ÚNICO:

Analisar, discutir e votar a alteração dos Estatutos.

a) — Artigos 1, 2, 3, 11, 19

b) Introdução dos capítulos XIII e XIV, respectivamente sobre o processo de alteração dos Estatutos e o funcionamento das Delegações.

Covilhã, 30/3/79

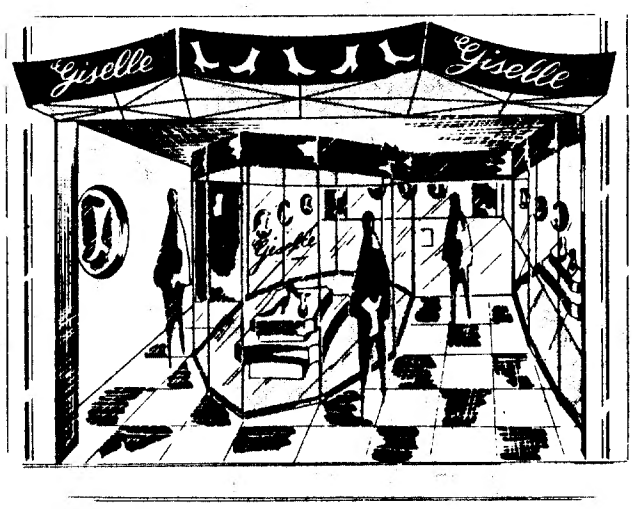
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(Mário Ribeiro Mendes)

Giselle

a sua sapataria

AGORA TAMBÉM NA
RUA AUGUSTA, 231

*



SEDE
Av. de Roma, 6 D
CENTRO COMERCIAL IMAVIZ
Av. Fontes Pereira de Melo, 35
CENTRO COMERCIAL CITY
Rua Tomaz Ribeiro, 34 A e B
CENTRO COMERCIAL OPTIMUS
Praça Calouste Gulbenkian, TORRES VEDRAS

SEMPRE AS MAIS RECENTES
CRIAÇÕES DA MODA

TRIBUNAL DE POLÍCIA

Equimoses...

Cansado de tantos pontapés na bola, de tantos saltos, de tantas correrias, o miúdo abandonou a «pelada», sita na Quinta das Torres (Venda Nova) e transpôs o muro (ou arame farpado) da escola, para se dessedentar na pequena bica. Só que no seu encalço seguiram dois polícias à paisana. Que logo ali lhe deram voz de prisão. Um miúdo preso? Por jogar à bola; por saltar o arame, por estar a beber numa bica pública? No Ano Internacional da Criança? «Não pode ser!», decidiram, sem hesitações, todos os presentes, na sua maioria companheiros de jogo do miúdo, entre os quais o marinheiro Alberto, que foi o último a chegar ao local e que acabaria na esquadra, não sem antes haver tido uma pistola apontada contra si. Neste ponto Alberto sustentou que os polícias lhe apontaram a pistola momentos depois de já o terem mandado em paz. Estes afirmaram que só o fizeram por Carlos Alberto lhes ter tentado escapar. Três testemunhas presenciais corroboraram a afirmação de Alberto.

Um dos agentes: «O réu mandou-nos à m... dando-me um murro e lançando-me ao chão.» Alberto refuta a acusação e refere ter sido ele o agredido, primeiro a soco pelo primeiro agente e depois a pontapé pelo segundo agente, quando já estava caído (e mostra as equimoses bem visíveis, na face esquerda e junto ao pescoço).

Agente: «Não é verdade. Eu é que fui agredido a soco, tendo sido depois atirado ao chão, onde caí de costas. Só então é que consegui passar para cima».

Seguiu-se o depoimento do segundo agente, que apresentou outra versão: de facto o marinheiro Alberto socou o seu colega, mas quando caíram cada qual caiu para seu lado. Juiz: «Mas o seu colega diz que caiu agarrado ao réu. E se os dois caíram cada um para seu lado, como é que o réu aparece ferido?». Agente: «Isso talvez seja porque o meu colega já se esqueceu».

Juiz, dirigindo-se aos dois agentes, antes de absolver o marinheiro Alberto: «Os senhores, não sei como é, arranjam sempre histórias que não batem certo». E o mais grave é que este caso teve na sua base uma criança, quando é sabido que, como escrevia Fernando Pessoa, o melhor no mundo são as crianças. Pelo que «bater errado» se tornou duplamente condenável...

Manuel Geraldo

Morto há dois anos em frigorífico

Encontra-se há dois anos em frigorífico no Instituto de Medicina Legal de Lisboa, o corpo de um indivíduo a aguardar identificação, havendo razões para crer que a morte tenha resultado de homicídio, sem no entanto se excluir a hipótese de ter secumbido a lesões provenientes de acidente.

Trata-se de um homem, com idade próxima dos cinquenta anos, de compleição forte e estatura média, que em coma dera entrada no Hospital de São José em 29 de Maio de 1976, levado por alguém cuja identidade não foi recolhida pelo posto policial existente junto da recepção de doentes naquele hospital. Esta simples negligência impediu que até hoje se tenha obtido a identificação do falecido e o apuramento das circunstâncias que rodearam a fatal ocorrência, estando agora a Polícia Judiciária a solicitar a colaboração do público, através do agente Costa Morgado da 2.ª Secção.

Cem contos escondidos numa saca de batatas

Cem contos, em notas de mil, acabam de ser roubados de uma habitação no Casal da Vila Chã (Amadora).

Aquela importância encontrava-se escondida numa saca de batatas.

O furto foi perpetrado após arrombamento de uma janela da residência.

A MÃO NA TIJELA

Escalamento da janela de uma barraca do Casal do Pinto (505) à Picheleira: foi roubada uma bolsa de prata que estava dentro de uma tijela de loiça, quatro libras de ouro, uma pulseira e três anéis, tudo no valor de setenta contos.

O ladrão conhecia os hábitos da senhora lesada – conclui a PJ.

ROUBO MICROSCÓPICO

Arrombada uma clínica dentária sita na Estrada de Benfica, 352, 1.º dt.º.

Na circunstância, os gatunos roubaram um microscópio binocular marca «Reichert» no valor de 140 contos.

Da mesma clínica foi ainda furtado um livro de Patologia avaliado em cinco mil escudos.

Presume-se que, no caso do microscópio, o ladrão terá alguma dificuldade em encontrar receptador.

Abandonou a cadeia pendurado num lençol

Depois de ter serrado as grades do seu cárcere, na Cadeia de Olhão, o recluso Vítor Manuel Correia Pereira Rocha (o «Orelhas», segundo a Polícia) conseguiu fugir da prisão servindo-se de um lençol, de uma vassoura e dos próprios ferros das grades.

De facto, o «Orelhas» desceu agarrado ao lençol e, ao atingir o nível de um muro, fez uma «ponte» com o «material» que trazia: os ferros e o cabo da vassoura. Ultrapassado o muro, estava consumada a evasão.

Este preso tinha sido transferido da Cadeia de Coimbra para a de Olhão no passado dia 20.

A fuga de Correia Pereira terá sido concretizada entre as duas e as três da madrugada

Entretanto, a Polícia Judiciária emitiu um comunicado chamando a atenção para o facto de o evadido ter olhos castanhos, as orelhas grandes (óbvio) e medir 1,76 m de altura.

Acrescenta a Polícia que o «Orelhas» foi conivente no sangrento assalto ao carro-celular da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais (13 de Abril de 1977) quando se efectuava o transporte de presos da Prisão-Hospital de S. João de Deus, em Caxias, para outros estabelecimentos prisionais. Daqui resultou a morte de um guarda daqueles Serviços.

Briga de vinho resultou em morte

Uns copos a mais, estão na origem da morte de um pedreiro que confraternizava com dois companheiros de trabalho na obra onde trabalhavam e também pernoitavam.

Foi no princípio da madrugada de ontem, quando por razões fúteis, o pedreiro José de Sousa Araújo de 40 anos de idade, natural de Rio Frio se envolveu em desordem com os seus colegas, Anselmo Rego e António Bento, ambos da sua idade, usando apenas as mãos e os pés na solução da contenda. Porém, e por não haver anteparo no primeiro andar onde a luta se desenrolava o Araújo, não aguentando o empurrão do Anselmo, veio a cair desamparado no piso inferior, batendo com a cabeça num objecto duro que lhe provocou a morte pouco depois.

Os dois colegas estão detidos para esclarecimento dos factos, enquanto se tenta localizar a família do pedreiro que na terra aguardava semanalmente a remessa da féria de que viviam.

Pub

SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS DO NORTE DE PORTUGAL

Sindicato dos Ferroviários do Norte de Portugal

MOÇÃO

CONSIDERADO QUE:

– As conquistas dos Trabalhadores Portugueses, alcançadas na madrugada libertadora do glorioso 25 de Abril, sofrem neste momento escandalosos ataques por parte do grande patronato, com o apoio descarado dos últimos Governos Constitucionais;

– O galopante aumento do custo de vida, os despedimentos e o desemprego, os ataques às liberdades sindicais nas empresas, às nacionalizações e à Reforma Agrária colocam já em grande dificuldade milhares de famílias para garantirem a sua subsistência;

– O Governo actual ameaça descaradamente aumentar os impostos, retirar parte do 13.º mês, limitar os aumentos salariais a 18%, aumentar periodicamente as rendas de casa, etc;

– O Governo Mota Pinto, a continuar, colocará em perigo a democracia, pois é certo que continuará a desenvolver a sua política de recuperação capitalista, colocando na miséria os trabalhadores portugueses;

– A Constituição da República Portuguesa consagra as conquistas mais importantes dos trabalhadores e do povo em geral e é garante seguro do prosseguimento do processo revolucionario, rumo a uma sociedade mais justa.

OS DELEGADOS SINDICAIS DO SINDICATO DOS FERROVIARIOS DO NORTE, REUNIDOS EM PLENÁRIO GERAL NO DIA 30/3/79,

DECIDEM:

1.º Exigir a imediata demissão do Governo Mota Pinto e a constituição de um Governo que defenda e cumpra a Constituição e garanta os direitos e conquistas dos trabalhadores alcançados com o 25 de Abril;

2.º Saudar o 3.º Aniversário da Constituição da República Portuguesa, marco fundamental da luta dos trabalhadores Portugueses pela Liberdade e por melhores condições de vida e de trabalho;

3.º Apelar a todos os trabalhadores em geral e aos Ferroviários em especial para participarem em todos os actos comemorativos de 2 e 25 de Abril e 1.º de Maio, dando desta forma uma prova de força organizada e criando uma barreira intransponível às investidas dos nossos inimigos de classe;

4.º Solidarizarem-se com a heróica luta dos trabalhadores da Reforma Agrária, bem assim como com todas as lutas justas que os Trabalhadores Portugueses travam neste momento nos diversos sectores;

5.º Exigir a revogação imediata de todas as leis antioperárias e a publicação de ACT»s CCT's e PRT's que se encontram congelados nos gabinetes dos Ministérios;

6.º A revogação do tecto salarial de 18%;

7.º Que, se esta moção for aprovada, seja publicada nos principais Órgãos de Informação e enviada ao Presidente da República, Assembleia da República, Comissão Constitucional, Conselho da Revolução e Governo.

OS PROPONENTES

ASSINATURAS ILEGÍVEIS

* Aprovada por maioria, com um voto contra

PUB.

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Metalurgia e Metalomecânica do Distrito de Setúbal

NÃO À POLÍTICA DO MINISTRO DA PROPAGANDA

Como executor dos planos políticos das forças de direita e da reacção, o Governo Mota Pinto tem vindo a intensificar a sua brutal, repressiva e ilegal ofensiva contra as conquistas da revolução, nomeadamente a Liberdade de Informação, que o povo português soube conquistar e fazer consagrar na Constituição da República.

Para além dos ataques destruidores à Reforma Agrária, às nacionalizações, e ao Controlo Operário o Governo Mota Pinto, através do seu ministro da propaganda Proença de Carvalho, pretende destruir também a liberdade de expressão e informação para desse modo, melhor poder esconder o rotundo fracasso da sua política, de que foi prova, ainda há bem pouco a rejeição do plano e Orçamento pela Assembleia da República, os protestos populares expressos nas últimas grandes acções de massas e poder desse modo manipular as consciências à sua vontade e no sentido do regresso aos tempos do obscurantismo e da ditadura.

Proença de Carvalho, autêntido ministro da propaganda tentando reinstalar a censura nos Órgãos de Comunicação Social, perseguindo e saneando politicamente profissionais honestos (caso de Jacinto Batista do «Diário Popular», generalizando os contratos a prazo, promovendo despedimentos em massa e alienando o património nacional em flagrante violação da Constituição (venda de «O Século» é, deste modo, um pequeno ministro da censura, da repressão da intimidação, da perseguição aos trabalhadores da Comunicação Social para poder vergar a Imprensa aos seus designios propagandistas, obscurantistas e alienantes.

Tudo isto porque a Liberdade de Informação que Proença de Carvalho pretende esmagar se torna incómoda quando permite que seja exposta a verdade sobre os abusos, as arbitrariedades, a repressão, a corrupção, enfim, o falhanço total do Governo Mota Pinto e quando veicula os justos clamores e legítimos protestos das massas populares contra tal política, contra tal Governo, contra tal ministro.

O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Metalúrgia e Metalomecânica do Distrito de Setúbal, apoiando e solidarizando-se com os 17 Sindicatos que denunciaram já publicamente as situações criadas pelas acções prepotentes, discriminatórias e intimidativas do ministro Proença de Carvalho, exige a sua demissão e a anulação e revogação de todas as medidas que directa ou indirectamente visam destruir a Liberdade de Informação, consignada na Constituição da República, expressando toda a sua solidariedade com os trabalhadores do sector da Comunicação Social que têm sido alvo das medidas anticonstitucionais de Proença de Carvalho.

A LUTA CONTINUA!
PELO DIREITO AO TRABALHO!
PELA LIBERDADE DE INFORMAÇÃO!
PROENÇA DE CARVALHO PARA A RUA!

A Direcção

ENSINO

Diploma da Carreira Docente do Ensino Superior irá em breve a Conselho de Ministros

Será em breve submetido à aprovação do Conselho de Ministros o diploma de Carreira Docente do Ensino Superior, como souberam ontem os dirigentes dos Sindicatos dos Professores da Grande Lisboa e da Zona Norte, em entrevista com o secretário de Estado do Ensino Superior.

Na entrevista, já há longo tempo solicitada pelos representantes dos professores, os dirigentes sindicais manifestaram estranheza por não lhes ter sido apresentado previamente o texto do diploma, e por não ter sido cumprido o estabelecido legalmente quanto à participação sindical na legislação de trabalho.

Os sindicatos reafirmaram as suas posições quanto à carreira docente superior, de que o MEIC tem conhecimento através de vários documentos que lhe foram enviados. O representante do Governo justificou ausência de consulta aos sindicatos com falta de tempo e informou que várias posições contidas nos documentos enviados ao MEIC haviam sido contempladas no diploma. O MEIC no entanto não abdica da sua posição quanto ao doutoramento.

Outros pontos relativos ao diploma foram abordados na entrevista como revogação dos contratos segurança de emprego. Assim, os contratos só poderão ser revogados pelas escolas com pré-aviso de pelo menos 30 dias antes de expirado o termo do contrato, que para os assistentes será de 5 anos. No que respeita à segurança de emprego, ela será garantida pelo diploma, de acordo com as afirmações do secretário de Estado do Ensino Superior. O documento assegura a colocação dos assistentes que não prossigam a carreira docente como técnicos superiores do Estado.

O subsídio aos docentes em dedicação exclusiva será englobado no ordenado. Os equiparados passam a ter contratos com a duração de cinco anos.

Ficou ainda acordado com o secretário de Estado a integração no documento da obrigatoriedade das escolas atribuirem planos de trabalho e garantirem a respectiva orientação aos assistentes estagiários e assistentes, como forma de garantir a sua preparação científica e pedagógica.

SÓ AS LISTAS A E B SÃO ELEGÍVEIS

Apenas as listas A e B reúnem condições de elegibilidade para o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, cujas eleições para os corpos gerentes decorrem no próximo dia 3 de Maio.

As outras listas concorrentes foram afastadas visto que alguns dos seus componentes não têm a situação sindical regularizada.

A decisão foi tomada em reunião da Comissão Eleitoral com elementos da Mesa da Assembleia Geral, depois de ter terminado o prazo para que as outras listas pudessem regularizar a sua situação. A Direcção do Sindicato deu ontem conhecimento dessa decisão em conferência de imprensa, tendo um dos seus membros, Óscar Lopes, citado algumas das irregularidades, que vão desde a assinatura ilegível até à inclusão de elementos não inscritos no Sindicato.

Das três listas – C, D e E – apenas a lista E, afecta à UEDS, procurou regularizar a situação dos seus candidatos e proponentes. As outras duas ignoraram a possibilidade de o fazerem dentro do prazo de 30 dias estabelecido pelo plenário de 28 de Março último.

A questão levantou celeuma visto que os representantes das listas C, D e E, na Comissão Eleitoral, não queriam aceitar a situação. Só na reunião da Comissão com os representantes da Mesa da Assembleia Veral no passado dia 30 foi decisiva sobre o assunto.

A lista A é presidida por António Teodoro, director da revista «O professor» e define-se como «lista de unidade – uma equipa de trabalho». Entre os temas fundamentais do seu programa estão: a valorização da função docente; a unidade dos professores; a transformação do Sindicato.

«Pelos professores, pelo Sindicato, pela democracia», é o lema da lista B, que propõe como candidato João Serra, um dos 16 dirigentes que se demitiram em Novembro passado.

Distribuição de leite em escolas do Algarve

Os 25 mil alunos do Ensino Primário do Algarve vão passar a receber dois decilitros de leite por dia, conforme decidiu o Instituto de Acção Social Escolar.

O presidente do IASE, Manuel Torres, avistou-se em Faro com o Governador Civil, os presidentes das Câmaras, director e delegados escolares do Algarve, para tratar, entre outras questões relacionadas com a distribuição do produto, do armazenamento e transporte de 5 mil litros de leite.

As câmaras municipais e as cooperativas do Algarve manifestaram a disposição de colaborar neste apoio às crianças algarvias.

ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

Um despacho hoje publicado na folha oficial dá conta da designação, por parte da Assembleia da República, dos representantes dos quatro grupos parlamentares indicados para o Conselho Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos (CNAEBA).

São eles: Maria Teresa Santa Clara Gomes, do PS; José Gonçalves Sapinho, do PSD; Adriano Vasco Rodrigues, do CDS; e Rogério António Fernandes, do PCP.

Reclusos voltam à escola

GUARDA, 4 – A GNR recapturou ontem nesta cidade dois reclusos evadidos em 26 de Março último da Prisão-Escola de Leiria.

Os dois capturados, a quem foram apreendidas as pistolas e as munições utilizadas na fuga, são António Bernardino Pereira, de 19 anos, natural de Trofa (Águeda), que cumpre uma pena de dois anos e dois meses, e Carlos do Carmo Rosa, de 20 anos, sujeito a uma pena de 18 meses, seguida de internamento num estabelecimento psiquiátrico.

MEDICINA DO PORTO

Pereira Leite demite-se

PORTO — Na sequência da «reprovação» do prof. Pereira Leite no concurso para professor extraordinário da Faculdade de Medicina do Porto que, conforme o «DL» divulgou, foi considerada naquela escola e no Hospital de S. João, como um autêntico saneamento, merecedor de generalizado repúdio, apresentou a sua demissão da qualidade de docente da Faculdade de Medicina, lugar que ocupava já há vários anos.

O pedido de demissão apresentado pelo prof. Pereira Leite, já doutorado em Medicina, seguiu-se imediatamente à «tão incrível reprovação» como nos disseram médicos e alunos

SENSACIONAIS DESCONTOS NA CAMPANHA de PROMOÇÃO da MAIÚSCULA

Mobílias Império, Séc. XVII, Luis XVI e Modernas, Estantes, Maples e Sofás-camas em todos os modelos em pele e tecido

NÃO DEIXE DE VER OS NOSSOS SOFÁS-CAMAS EM PELE TIPO FRANCÊS

SEDE: Praça Paiva Couceiro, 1 Lisboa 1 Telefone 846839

SALÃO DE EXPOSIÇÃO: Rua Neves Ferreira, 4-A Telefone 824840

PASSAPORTES

Aviso Importante

Os passaportes tirados há cerca de 5 anos ou mais deverão ser-nos enviados para obtenção de novos.

agencia abreu

LISBOA-Av. da Liberdade 180-Tel. 371361

ECONOMIA

FILMODA-80 JÁ ESTÁ EM PREPARAÇÃO

Certame deste ano proporcionou vendas no valor de um milhão de contos

Está calculado em cerca de um milhão de contos o valor total das vendas proporcionadas pela Filmoda-79 durante os seis dias em que o certame esteve patente ao público na Feira Internacional de Lisboa. Confirma-se assim o que o «DL» ontem avançou relativamente ao volume de vendas ao estrangeiro, que ultrapassou, como os números o demonstram, todas as previsões. Mas, tão ou mais significativo que isso foi a comparência, flagrante e numerosa (fala-se em trinta mil), de comerciantes portugueses, que fizeram encomendas aos expositores de longe superiores ao que se aguardava, contribuindo largamente para o total de vendas contabilizado.

Foi, por conseguinte, um êxito a iniciativa, e daí que o departamento de feiras e exposições da FIL esteja já a preparar o certame do próximo ano. A Filmoda de 1980 continuará a ser só para profissionais (expositores e comerciantes) e, para garantir o sucesso deste ano, decerto ampliado, a AIP está também já a tentar sensibilizar comerciantes e importadores estrangeiros, desde a Argélia ao Zaire ou da Argentina ao Japão, passando pela Dinamarca, Inglaterra (estes nossos clientes) a outros.

No âmbito da Filmoda-79 ocorreram, como complemento, conferências, colóquios, desfiles e apresentação de modelos. O certame culminou, como noticiámos, com uma palestra de Michel Baecker, director da Federação Têxtil Belga, que tratou da política sectorial do seu país no ramo como força integrante da CEE, enquanto Thierry Noblot, dos serviços económicos da União das Indústrias Francesas de Têxteis se debruçou sobre a concorrência internacional e Danielle Verdiani falou das iniciativas comunitárias para uma política industrial nos têxteis e no vestuário como a experiência que decorre do facto de ser director-geral do mercado interno e assuntos industriais da CEE.

Recorde-se, a propósito, que a exportação portuguesa para a CEE o ano passado, no domínio dos têxteis, foi de 90 861 toneladas, no valor global de 21 milhões de escudos, o que representa 62 por cento do conjunto exportado pelo nosso país em 1978. No total, Portugal vendeu ao estrangeiro 143 937 toneladas de produtos têxteis, que renderam aos nossos industriais mais apetrechados qualquer coisa como 33,7 milhões de escudos. No quadro da CEE, a ordem de importações por países ficou assim ordenada: Inglaterra (44 335 toneladas, no valor de 10,8 milhões de escudos), França (13 033 toneladas, isto é,, em dinheiro, 2,7 milhões de escudos), RFA (9527 toneladas para 2,5 milhões de escudos), Holanda, Dinamarca, Bélgica/Luxemburgo, Itália e Irlanda.

Mas, e como sublinhou o director-geral das Indústrias Transformadoras Ligeiras numa outra conferência também ontem proferida na FIL, a reestruturação do sector têxtil português vai ser estudada por uma empresa consultora em colaboração com o Banco Mundial. Adiantou ainda Bartolomeu Monteiro que essa reestruturação será coordenada pelo Gabinete de Intervenção Têxtil, criado em 1976 pelo Governo.

FFE TEVE PAPEL RELEVANTE

RPA interessada em calçado português

Uma centena de modelos foram seleccionados por compradores angolanos na exposição de calçado português efectuada em Luanda, na última semana. A iniciativa pertenceu, como oportunamente foi referido, ao Fundo de Fomento de Exportação e, embora não tivessem sido concluídas transacções, a exposição abriu perspectivas animadoras para a exportação de calçado português para Angola.

De acordo com um informador do FFE, há ainda dois exportadores portugueses que permanecem em Luanda, a fim de ultimarem contactos anteriores. Os restantes esperam ser contactados em breve pela «Importing» (o organismo oficial que centraliza as importações angolanas), admitindo-se que se desloquem de novo a Luanda, individualmente ou em grupo.

Parecem especialmente promissoras as perspectivas de vendas de calçado para criança, dada a importância que as autoridades angolanas atribuem ao Ano Internacional da Criança. Mostraram-se especialmente interessados na aquisição de calçado português a «Importang», o Instituto Nacional de Bens Industriais, Conselho Superior de Educação Física e Desportos, Companhia de Diamantes de Angola, Ministério da Agricultura, Angodiplo e Edimbi.

Outro resultado da deslocação a Luanda dos industriais exportadores de calçado – disse ainda o informador do Fundo de Fomento de Exportação – será a intensificação da cooperação luso-angolana. A Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado ofereceu a possibilidade de técnicos angolanos frequentarem, graciosamente, o Centro de Formação Profissional da Indústria de Calçado, em S. João da Madeira. A Fapobol apresentou propostas concretas para a reorganização da «Corbol» – Luanda, no domínio das borrachas e curtumes. Outra firma, a «Zima», apresentará brevemente uma proposta de assistência técnica no domínio do calçado clássico, incluindo o fornecimento de máquinas, a formação de pessoal e os processos de fabricação. A mesma proposta poderá ainda abranger o fabrico de componentes para calçado. Uma terceira empresa, a «F. Araújo, Lda», vai prosseguir uma experiência de cooperação já em curso.

Recorde-se que a exposição de calçado, bem como a anterior exposição de têxteis e confecções, foram negociadas pelo presidente do Fundo de Fomento de Exportação, Eurico Correia, durante a deslocação a Luanda, na segunda quinzena de Janeiro, do ministro do Comércio e Turismo, Repolho Correia. Numa mensagem remetida ao presidente do Fundo de Fomento de Exportação, o director do departamento nacional de logística de Angola, João Cavaleiro, afirma esperar «a materialização rápida das intenções formuladas por ambas as partes» durante a exposição de calçado e a anterior exposição de têxteis e confecções.

João Cavaleiro afirma ainda a satisfação angolana pela «troca de opiniões e experiências, quer técnicas quer comerciais», com os representantes dos industriais portugueses, e enaltece o enquadramento técnico proporcionado pelo Fundo de Fomento de Exportação.

Trabalhadores do Comércio vão analisar a situação económica do sector

Está marcado para os dias 19 e 20 de Maio o primeiro Encontro Nacional dos Trabalhadores do Comércio, que analisará a situação económica do sector, as condições de vida e de trabalho aí vigentes, e os problemas organizativos e sindicais dos respectivos trabalhadores.

O Encontro, a realizar em Lisboa, é promovido pela Federação Portuguesa dos Sindicatos dos Trabalhadores do Comércio, contando com uma comissão organizadora encarregada de centralizar e dinamizar as actividades preparatórias. Representantes desta comissão deram ontem a conhecer à Imprensa os objectivos do Encontro.

O documento será discutido a nível nacional durante o corrente mês, em plenários de empresa, de zona ou de localidade, prevendo-se que a síntese final venha a reflectir os resultados desse debate.

A institucionalização do congresso como órgão máximo da Federação, o alargamento do seu âmbito e a fusão de sindicatos são alguns dos aspectos inovadores avançados pelo documento-base, que traça uma vasta panorâmica do comércio em Portugal, das suas estruturas e dificuldades. Nele se faz também a análise da contratação colectiva, pulverizada em oito contratos nacionais do sector grossista e 21 contratos distritais do sector retalhista, apontando-se para um futuro CCT retalhista a nível nacional.

O sector do comércio envolve cerca de 150 mil trabalhadores sindicalizados, dos quais 120 mil estão filiados nos sindicatos representados na Federação, e os restantes em sindicatos horizontais, ainda não abrangidos pela verticalização. A percentagem de sindicalização situa-se entre os 80 e os 85% é a mais elevada no sector de serviços dos países da Europa capitalista.

SOLTAS

SIDERURGIA EM FESTA

Os trabalhadores da Siderurgia Nacional continuam a estar satisfeitos com a nacionalização da empresa, cujo 4.º aniversário será comemorado no dia 15. A comemoração é da iniciativa dos trabalhadores e terá a sua participação: «Esta festa será uma afirmação dos trabalhadores da Siderurgia Nacional, da coerência revolucionária do passado, da firmeza do presente e da confiança na construção de Portugal de Abril e do futuro». É uma posição assumida, a propósito, pela Comissão Intersindical da empresa.

18 NÃO ACABA AQUI

De acordo com um comunicado emitido pela CGTP-IN, a derrota do Governo, na Assembleia da República, no que respeita à imposição de limites nos aumentos salariais (18 por cento), é «uma vitória contingente». E é contingente «por já terem sido revelados propósitos governamentais de afrontamento com a Assembleia da República, procurando impôr por outros meios o limite salarial de 18 por cento».

OS DUODÉCIMOS DA CTM

Os trabalhadores da Companhia Portuguesa de Transportes Marítimos (CTM) vão discutir, em plenário que se efectuará hoje ao fim da tarde, a situação financeira da empresa e as medidas a tomar. É que a tesouraria está numa situação de estrangulamento (Janeiro e Fevereiro foram pagos com atraso e Março ainda não foi); é que «o Governo está a criar deliberadamente esta situação uma vez que não envia os duodécimos previstos no OGE»; é que já foi cortado o crédito de combustível e bancário àquela empresa.

A SUÍÇA É MARAVILHOSA

Na Suíça (falamos da pastelaria), as coisas não vão nada bem. Assim o entendem os trabalhadores, face à suspensão ilegal dos delegados sindicais (há algum tempo) e, agora, uma nova suspensão de um empregado que também é dirigentes sindical. O novo suspenso recusava a imposição de um aumento de horário de trabalho.

A CIFRA DA CIFA

A empresa têxtil CIFA, de Valongo, deve mais de 50 mil contos aos seus empregados enquanto se mantém uma situação de incerteza relativamente ao seu futuro. Os trabalhadores deram, agora, um prazo que vai até ao dia 15, para que sejam consideradas as suas revindicações e negociado um acordo. Em conferência de Imprensa falou-se de repressão e de possibilidade de formas de luta.

SOREFAME

CT e CI da Sorefame consideram que inquéritos ali efectuados a todos os membros das duas estruturas, visavam unicamente o despedimento e «não serviram para apurar fosse o que fosse».

NO NORTE

Vaga de desintervenções anuncia desemprego

«Não aceitaremos soluções que ponham em causa os salários e os postos de trabalho», declararam ontem à Imprensa os dirigentes do Sindicato Têxtil do Porto, referindo-se à onda de desintervenções que atingiu uma série de empresas do sector, com sede no Norte.

A situação criada afecta cerca de 3500 trabalhadores, cujas propostas, quanto ao futuro das empresas, foram pura e simplesmente ignoradas pelo Governo, que fez tábua rasa das irregularidades, das fraudes e das dívidas que levaram à intervenção do Estado. Estão neste caso a **Cifa,** a **Polifix,** a **Abel Alves de Figueiredo,** a **Fiação de Crestuma** e os **Tecidos do Jacinto.**

Estas razões explicam as formas de luta e a movimentação dos trabalhadores de algumas dessas empresas. Na **Cifa,** por exemplo, o pessoal levou a cabo anteontem uma paralisação de 24 horas. Por seu turno, os trabalhadores da **Fábrica de Fiação e Tecidos do Jacinto** concentram-se esta tarde no Ministério do Trabalho (delegação do Porto), para manifestarem a sua oposição à prevista desintervenção da empresa. Presentes, também, os trabalhadores da **Fiação de Crestuma.**

Por outro lado, na **Valfar,** o pessoal suspendeu ontem à tarde a greve que encetara às 10 horas, depois da administração ter aceite parte das reivindicações apresentadas, nomeadamente o pagamento do salário mínimo nacional e a reintegração de alguns despedidos.

Situação comum à generalidade destas empresas é o elevado montante das dívidas aos trabalhadores, resultantes de salários e subsídios por pagar. São 70 mil contos na Valfar (1200 trabalhadores), que pertencem à multinacional Winner; 50 mil contos na **Cifa** (1600 trabalhadores); 12 mil contos na **Abel Alves de Figueiredo** (550 trabalhadores); etc.

«JACINTO»

As últimas desintervenções têm sido comunicadas pelo Governo via «telex», meio que se afigura pouco idóneo para o efeito. Isso ocorreu, por exemplo, na **Jacinto,** caso particularmente escandaloso, segundo o Sindicato Têxtil, já que, «num inquérito realizado pela Inspecção Geral de Finanças, ficou demonstrado que houve graves irregularidades e fraudes fiscais praticadas pela administração patronal, e fuga de mais de três mil contos para a conta particular» de um dos seus elementos.

Ainda segundo o sindicato, um alto funcionário do MIT teria esclarecido que «o Governo não se importa de arriscar os 300 mil contos que a empresa deve à banca», pois «o que é preciso é entregar a empresa aos patrões». Perante «soluções» deste tipo, o sindicato mostra-se disposto a «denunciar a política de recuperação capitalista do Governo, que pretende apoiar a reconstrução dos monopólios e ceder às pressões das multinacionais à custa do aumento da exploração e da miséria dos trabalhadores».

GRUPO T-M-T

Foi também por intermédio de um «telex» que os trabalhadores do grupo **Tonus-Moali-Tecnil** tomaram conhecimento de que estas empresas tinham sido desintervencionadas. Desconhecendo embora o sentido da decisão, há razões para suspeitar que ela contraria as conclusões do relatório elaborado pela comissão interministerial que estudou o assunto.

Os órgãos representativos dos trabalhadores do grupo T-M-T pretendem conhecer o teor da resolução, exigindo desde já que «o Governo (...) não faça a entrega pura e simples das empresas, nem mande para o desemprego dezenas de trabalhadores, com os consequentes arrastamentos familiares, afundamento das empresas e da economia nacional».

A PAR DA "DEMOCRACIA UGT"

Ingerência do governador civil no caso dos Escritórios do Porto

«Com que direito se expulsam trabalhadores da sede do seu sindicato?» – foi uma das perguntas postas aos jornalistas durante uma conferência de Imprensa realizada ontem, na sede do seu órgão de classe pelos actuais corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito do Porto.

Um dos elementos que compõem a actual direcção (impedida ilegalmente de tomar posse) interrogaria ainda: «Será que o resultado de eleições livres e democráticas como foram os do STEDP não contam para o dr. Cal Brandão?».

Esta pergunta veio na sequência de críticas ao Governador Civil do Porto pela sua intromissão neste processo eleitoral com o qual nada tem a ver mas em que interferiu, apoiando a ex-direcção a quem posteriormente mandou entregar as chaves daquele organismo, após ordenar pelas 4 horas da madrugada de terça-feira, a «evacuação total e encerramento do Sindicato».

Como referiram ainda, as chaves foram entregues à Polícia que se manteve à porta, «enquanto os novos corpos gerentes e os trabalhadores se retiravam na certeza de que hoje seria um novo dia de luta pelo respeito da legalidade e da vontade dos trabalhadores de escritório».

Tal, porém, não viria a suceder, como frisaram os promotores da conferência. Efectivamente e apesar dos agentes da PSP se manterem à porta do sindicato, este «abriu e abriu mal». «Entraram os funcionários, entraram elementos da ex-direcção e depois foi o arbítrio», com tentativas de impedimento da entrada dos actuais corpos gerentes.

INGERÊNCIA DE CAL BRANDÃO

Entretanto, o dr. Cal Brandão recebeu, na manhã de ontem, elementos da antiga e actual direcção, na presença do comandante da Polícia. Foi então, disseram, que o Governador Civil decidiu entregar as chaves «aos seus correligionários da ex-direcção do STEDP».

Contrastando com a «ingerência» do representante do Governo o comandante da PSP «decidiu retirar a Polícia das instalações do sindicato por considerar tratar-se de um problema de trabalhadores e não ter havido alteração da ordem pública», sublinharam os elementos dos actuais corpos gerentes que acrescentaram: «A cada um a responsabilidade dos seus actos. Aos trabalhadores o direito de os julgarem».

Além das críticas tecidas à volta do Governador Civil outras foram feitas à figura de um dos principais responsáveis pela não tomada de posse dos novos corpos gerentes, Paulo Barbosa, secretário da AG, que mais uma vez se furtou ao diálogo (não apareceu) «em pleno desrespeito pelas centenas de trabalhadores presentes» nas instalações do sindicato, desejosos de verem reposta a legalidade no seu órgão de classe e que, desta forma, vêem «avolumar as suspeitas de várias e graves irregularidades na gestão do nosso sindicato».

«Há aqui – frisaram – uma tentativa de ganhar tempo para repor dinheiros» como já começa a ser voz corrente entre os associados que não encontram outra explicação para as manobras que apenas visam retardar a tomada de posse dos actuais corpos gerentes. Mas serão, disseram, accionados todos os mecanismos legais para mover um processo - criminal ao sr. Paulo Barbosa.

Enquanto isto, e apesar das tentativas feitas para evitar o exercício legal de funções à actual direcção, esta continua ocupando os seus cargos nas instalações do sindicato de onde não foi «desalojada» como o demonstra à evidência o facto de utilizar as instalações para dar esta conferência de Imprensa.

Sucedeu somente que em nova reunião havida na tarde de ontem no comando da PSP o seu responsável se comprometeu, com o fim de evitar situações menos claras, a encerrar o sindicato às 20 horas e a abrí-lo às 9 da manhã de hoje, não permitindo o acesso a quem quer que seja, exceptuando o caso de duas mulheres de limpeza.

Entretanto, está prevista para amanhã a decisão do Tribunal do Trabalho pelo que a tomada de posse pode vir a ser dada por via judicial.

Seguros votam amanhã novos estatutos

Os sócios do Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Sul votam amanhã as alterações aos estatutos daquela associação de classe.

O debate em torno da questão centrou as atenções em dois dos cinco projectos concorrentes: um, proposto pela actual direcção (afecta à UGT), outro subscrito por diversos sócios, numa perspectiva unitária.

Este último projecto («B») confere à vida sindical na empresa o maior relevo, com destaque para o papel dos delegados sindicais, a quem saberia uma participação activa na actividade sindical. Prevê-se também a realização de assembleias gerais descentralizadas, funcionando em simultâneo nas diversas sedes de distrito.

O projecto «A» (direcção), por seu turno, tem suscitado uma atitude francamente crítica em muitos sectores, já que parece retirar os sócios o efectivo poder de intervir na vida sindical. Ele prevê a nomeação (e não a eleição) dos delegados sindicais, concebidos como porta-vozes da dos corpos gerentes; substitui as assembleias gerais por um Congresso cujos membros, eleitos por três anos, não podem ser destituídos; cria mecanismos que impedem a discussão e votação de questões «incómodas» para o secretariado; etc..

Há nova direcção na F. Pública (Centro)

A nova direcção, unitária, do Sindicato da Função Pública da Zona Centro foi eleita no passado fim-de-semana, a partir de uma única lista que se candidatou, com 96,07 por cento dos votos expressos e válidos.

A lista agora eleita candidatou-se sob o lema: «Por um sindicato democrático, pelo reforço da unidade e da participação dos trabalhadores».

PUB

Sindicato do Comércio de Lisboa

ASSEMBLEIA GERAL — MOÇÕES APROVADAS (por unanimidade e aclamação)

VIVA O 3.º ANIVERSÁRIO DA CONSTITUIÇÃO!

MOÇÃO

1 — Comemora-se no próximo dia 2 de Abril o 3.º ANIVERSÁRIO da promulgação da Constituição da República Portuguesa;

2 — A Constituição, Lei Fundamental do País, consagra as grandes transformações (políticas, económicas e sociais), que se verificaram no nosso país na sequência da Jornada libertadora do 25 DE ABRIL;

3 — Para os trabalhadores e para a generalidade do Povo Português, a Constituição significa a consagração das suas lutas de muitos e muitos anos em defesa da liberdade, em particular da liberdade sindical, da Democracia e pela restauração de uma sociedade mais justa, de onde seja eliminada a exploração do homem pelo homem;

4 — Porém, os inimigos dos trabalhadores, para quem a lei fundamental constitui um sacrilégio, tentam por todos os meios esvaziar o seu conteúdo progressista, e mesmo destruí-la, recorrendo para isso a todos os métodos antidemocráticos e por isso ilegais, com vista à restauração do poder político e económico anterior ao 25 de Abril de 1974, ou seja, uma ditadura reaccionária;

5 — Deste modo, a defesa abnegada da Constituição é um dos muitos pontos comuns que deve unir todos os trabalhadores, todos os democratas, todos os antifascistas sejam quais forem as suas opções ideológicas ou religiosas.

6 — Para os trabalhadores do Comércio, a defesa da Constituição e da legalidade democrática consubstancia-se actualmente na defesa da SEMANA INGLESA, conquista histórica que o Governo MOTA PINTO/PPD pretende, ilegal e inconstitucionalmente, retirar.

POR ISSO,

Os trabalhadores do Comércio, reunidos no dia 28 de Março de 1979 em Assembleia Geral do seu Sindicato, saudam calorosamente a passagem do 3.º Aniversário da Constituição e manifestam a sua firme determinação de lutar pela sua defesa e pela defesa dos princípios que consagra, unindo-se cada vez mais e juntando a sua força à dos restantes trabalhadores portugueses.

Manifestam ainda a sua firme convicção de que as manobras dos inimigos da Constituição, e por isso, da Democracia e da liberdade serão derrotados.

PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES NA DEFESA DOS SEUS DIREITOS E CONQUISTAS!

VIVA O 3.º ANIVERSÁRIO DA CONSTITUIÇÃO!

ABAIXO A CENSURA

(Fora da Ordem de Trabalhos)

Está a realizar-se na Voz do Operário, a esta mesma hora, uma sessão pública pela Liberdade de Informação e contra a política do Ministério da Comunicação Social, promovida pelos Sindicatos e Comissões de Trabalhadores do sector.

O descaramento e reaccionarismo das medidas de PROENÇA DE CARVALHO indignam profundamente a consciência democrática do Povo Português e dos trabalhadores, e em particular dos trabalhadores da comunicação social.

Reunidos em Assembleia Geral, os trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa manifestam a sua solidariedade para com os camaradas da comunicação social e integram-se no vasto coro dos protestos populares:

— **NÃO À CENSURA, ÀS SUSPENSÕES, AOS DESPEDIMENTOS, ÀS REPRIVATIZAÇÕES NA COMUNICAÇÃO SOCIAL!**

— **NENHUMA MANOBRA REPRESSIVA CONSEGUIRÁ ESCONDER DO POVO O CARÁCTER ANTIPOPULAR E REACCIONÁRIO DA POLÍTICA DO GOVERNO MOTA PINTO/PPD!**

— **A LUTA CONTINUA, MOTA PINTO PARA A RUA!**

Lisboa, 28.3.79

"DL" DE VOLTA AO ZAMBUJAL

Também no caso da Herdade dos Vinhas os trabalhadores falam em processos desonestos

Se não fosse a sociedade dos srs. Barreto & Portas, do 1.º Governo Constitucional, que pegou na área agrária portuguesa e a geriu – ou ingeriu – como se de uma granja sua se tratasse (sua e de mais alguns amigos bem conhecidos), decerto que os trabalhadores agrícolas do Zambujal não estariam hoje aqui e de novo a dizerem-nos como os seus esforços e a sua esperança foram (ou tenta-se que sejam) miseravelmente iludidos. Se não fosse Barreto & Portas, talvez os trabalhadores do Alentejo não tivessem que defraldar bandeiras negras. Se não fosse Barreto & Portas, talvez o MAP não fosse o que agora é – embora convenhamos que esta estranha sociedade não anónima de inimigos das conquistas de Abril nos campos, não vá além de uma das muitas peças da máquina reaccionária montada após o 25 de Novembro para matar o 25 de Abril. De qualquer modo, os que vieram depois deste duo «fantástico», não ajudaram nada, pelo contrário, excepção feita a Luís Saias, que entretanto nem aqueceu lugar por isso mesmo. Quer dizer que os Vinhas e os últimos governos, bem tentam destruir tudo o que os trabalhadores salvaram e recriaram na herdade do Zambujal abandonada pelos patrões em 74. Os trabalhadores resistem, o MAP acha que eles têm razão mas... *há que cumprir a lei.*

Na reportagem que ali fizemos e que publicámos há cerca de três semanas sobre os problemas (dramáticos) que afectam a gestão do Zambujal pelos trabalhadores, pormenores houve que não ficaram claros, outros nem sequer foram tocados e dois deles, pelo menos, necessitavam duma ligeira rectificação. Desta vez, com mais tempo, melhor acesso à documentação do processo ali em curso e também melhor aproveitamento de um segundo diálogo estabelecido com os trabalhadores, podemos apresentar uma perspectiva mais concreta e objectiva do tema em questão.

A Herdade do Zambujal, situada no extremo sul do concelho de Palmela, é geográfica e historicamente diferente do resto da zona de intervenção da Reforma Agrária. Na fronteira do minifúndio, constituindo um agregado populacional autónomo, gerou relações entre a entidade patronal e trabalhadores, baseadas fundamentalmente num exacerbado paternalismo alienante.

Por outro lado, as lutas do proletariado rural alentejano não foram aqui sentidas com a intensidade do Alto e Baixo-Alentejo, exemplo da luta das 8 horas. A necessidade de capitalizar boas vontades para os servis trabalhos das caçadas, recepções e outras formas de «public relations», principal actividade do Zambujal; o recurso a fundos do grupo financeiro em que se englobavam os ex-proprietários, permitiram que uma exploração agrícola, fortemente deficitária, e aparentemente bem gerida, mantivesse um nível salarial e um apoio social acima da média das empresas da zona.

Neste contexto, os trabalhadores do Zambujal habituaram-se a uma entidade patronal que, embora os sujeitasse a situações aviltantes e a condições de vida e habitação abissalmente opostas àquelas que a 100 metros se verificavam no palácio, lhes parecia benfeitora.

O 25 de Abril abriu horizontes, e a livre crítica das realidade do passado deram, à maioria dos trabalhadores, uma visão correcta da sua exploração mas, ao mesmo tempo, erros aceitáveis para quem dava os primeiros passos na autogestão, avolumaram o medo da responsabilidade de gestão para a qual não se sentiam preparados, não estavam habituados e não foram apoiados.

Dois anos depois do 25 de Abril, esses mesmos trabalhadores, viram injustamente criticadas as suas heróicas iniciativas que, anos antes, eram alvo de louvores. Não é pois de estranhar que, frente a uma situação de instabilidade política, com a ameaça de desemprego pela inviabilidade económica da cooperativa por um lado e a vingança dos ex-proprietários, agora reservatários, por outro, uma parte dos trabalhadores tome atitudes ambíguas.

Jogando com esta indefinição e angústia dos trabalhadores a direita manipula-os, divide-os e confude-os com a complacência e o aplauso da burguesia instalada no poder, ela também interessada na subjugação e domestificação do proletariado rural.

Tendo em consideração estes pressupostos, bom seria aclarar alguns pontos daquela reportagem feita no Zambujal, há 3 semanas,acrescentando, neste aclaramento, uns quantos preciosos pormenores. Vejamos, para lhes dar maior rigor, estes pontos um por um e devidamente escalonados.

O QUE A DIREITA QUER DESTRUIR

1.º. – Após um ano de autogestão em que a gerência da herdade foi assegurada por uma comissão de trabalhadores, aprovaram-se estatutos e à base dos mesmos foi eleita, por escrutínio secreto e em lista aberta, uma primeira direcção que logicamente foi ao gosto, certo ou errado, de todos os trabalhadores cooperantes do Zambujal.

Democraticamente (porque no Zambujal todas as decisões assim têm sido tomadas), devemos aceitar as decisões da maioria de que a eleição da primeira direcção foi exemplo.

2.º – O Crédito Agrícola de Emergência não foi concedido por especial deferência às primeiras comissões de trabalhadores e direcção e cortado discriminatoriamente à segunda direcção eleita, como se pode depreender da leitura da reportagem anterior.

Os gabinetes do MAP anteriores a António Barreto, sempre autorizaram, sem limitações, Crédito Agrícola de Emergência ao Zambujal por entenderem que a gestão era razoável e as carências muitas.

Na sequência das acções contra a Reforma Agrária que o gabinete António Barreto iniciou, veio a ser limitado, controlado e posteriormente cortado o CAE a todas as cooperativas que tivessem atingido um montante em dívida de 5000 contos.

Ainda na gerência da primeira direcção, mais propriamente no final do mandato, foi atingido aquele montante e cortado o CAE. O actual gabinete Vaz Portugal em 27/9/78, através do despacho conjunto dos secretários de Estado da Estruturação Agrária e do Fomento Agrário, inserido no «DR» n.º 230, II Série, veio agravar ainda mais as medidas restritivas, que nalguns casos como o Zambujal, são autênticos crimes, visto que não foi devoldida a parte da verba da venda da cortiça, que, segundo a alínea e) do Decreto-Lei 269/77, se destina expressamente ao pagamento de dívidas contraídas para fins agrícolas pela entidade alienante, nas quais se engloba o CAE.

Resumindo: o corte de crédito verificou-se ainda no tempo da primeira direcção da cooperativa, vindo a segunda a sofrer os efeitos negativos acumulados daquele ataque governamental à Reforma Agrária.

3.º – A primeiradirecção da Cooperativa do Zambujal geriu duas colheitas de fruta da herdade. A primeira foi abundante e, talvez por inexperiência, insuficientemente aproveitada. A segunda, também referida na reportagem anterior, foi quase nula por causa dos estragos provocados pelas gravíssimas geadas ocorridas em Março/Abril de 1977. Este prejuízo acumulado com o corte do Crédito Agrícola de Emergência e a aplicação do citado Decreto-Lei 260/77,que reteve as verbas da cortiça, foi o motivo principal da grave situação económica que se registou e culminou com 6 meses de trabalho dos cooperantes, sem remuneração.

É bom recordar que, também aqui, o gabinete António Barreto foi desleal e mentiroso ao prometer um subsídio para os estragos verificados, o que no Zambujal não passou de promessa apesar de outros, com menores prejuízos, terem recebido verbas avultadas.

4.º – O gado bravo e cavalar, e só esse, foi entregue pelo gabinete António Barreto/Portas à família Vinhas, que, segundo informações, vendeu parte da ganadaria para um país da América Latina, negócio que foi superiormente proibido quando a ganaderia era gerida pela cooperativa.

Resumindo: a Cooperativa não podia reduzir a ganaderia, mesmo que fosse deficitária, porque uma lei protegia a manutenção dos efectivos de gado especializado, enquanto a família Vinhas pode ultrapassar a lei e fazer o seu negócio, pouco tempo após ter recebido o gado em questão.

5.º – Alguns trabalhadores discordam da actual Direcção da cooperativa e, estatutariamente, têm meios para provocar a sua demissão. Se ainda o não quiseram fazer é talvez porque, apesar da sua discordância, não se sentem com coragem de a substituir, com vantagens para a salvaguarda dos interesses da cooperativa e de si próprios.

O não entendimento do processo, por parte de trabalhadores cooperantes que, explorados como os outros e que sofreram a influência dum paternalismo alienante, deveria ser objecto de atenção dos sucessivos Governos Constitucionais que, por o serem, deveriam dar cumprimento cabal aos artigos 96, 97, 100 e 104 da Constituição, como forma de construir uma Sociedade Socialista.

Em vez disso, semearam divergências e divisionismos, como é o caso do Ministério do Trabalho que teima em querer comparar as relações cooperativa-cooperante em entidade patronal-trabalhador, tentando impor as contratações colectivas de trabalho a cooperantes sócios entre si e beneficiários colectivos dos excedentes da Cooperativa. É evidente que tal manobra visa a destruição do espírito socializante que o Cooperativismo nascido da Reforma Agrária, encerra.

A direita que, sem ter a vontade da maioria do povo português, portanto antidemocraticamente, se instalou no poder, faz tudo para esvaziar do seu conteúdo a Constituição, primeiro passo para destruir a esperança do socialismo que a maioria do povo quis e que deveria aprender, construindo.

INTERPRETAÇÕES DA LEI À MARGEM DA LEI

Essa mesma direita ocupou, não só opoder, como infiltrou toda a máquina estatal e podemos dizer que, neste momento, a todos os níveis, existem funcionários que, longe de defenderem os interesses dos trabalhadores e cumprirem a Lei Fundamental, na sua letra e no seu espírito, estão a defender, esvaziando e deturpando a Constituição, os seus interesses os quais quantas vezes, estão confundidos com os dos latifundiários.

Só assim se pode admitir que haja, nos Núcleos de Gestão Fundiária, funcionários que façam pareceres como o que segue em anexo. Só assim se entenderá o escândalo agora detectado, das corrupções.

SOBRE CERTAS EXCEPÇÕES AFIRMAM OS TRABALHADORES DO ZAMBUJAL

– Queremos dizer que o director do Núcleo de Gestão Fundiária de Setúbal é tido por nós como sujeito integro e que procura ser justo, mesmo quando colocado sob fogo de interesses diversos (oficiais, particulares, lícitos e ilícitos). Porém, essencialmente técnico agrícola, vê-se muitas vezes confrontado com interpretações puramente legalistas da Lei 77/77, mais conhecida pela **Lei Barreto**, verdadeiro labirinto legal ou salada chinesa de conceitos contraditórios, ou seja, uma lei que no final consente o livre arbítrio do ministro e da respectiva equipa. Refira-se que a Lei 77/77 não é boa nem é má – é o gabinete que a aplica em cada momento e em cada situação, que lhe pode dar ou não um maior peso negativo.

Tendo em atenção o atraś referido segue-se que a lei, apesar de encerrar em si conceitos políticos que abertamente se desviam do espírito constitucional, é mais desviada por interpretações desequilibradas, injustas e menos honestas, feitas por técnicos jurídicos oficiais e particulares. E em matéria de possibilidades de contratar alguns técnicos jurídicos que, por serem meramente mercenários, só poderão defender a manutenção dum sistema onde a exploração capitalista seja possível, são os ex-latifundiários que levam a palma. As Cooperativas e UCP's encontram-se muitas vezes frente a interpretações deturpadas de técnicos jurídicos particulares, agravadas ainda pela indiferença dos responsáveis governamentais que, falsamente colocados numa posição neutral, deixam o trabalhador semianalfabeto ser enrolado por interpretações unilaterais ou mesmo abandonam essa posição e, em uníssono com os primeiros, desonestamente, violentam intelectualmente os trabalhadores que só pretendem ser donos daquilo que é seu: o produto do seu trabalho.

Que interpretação séria poderá merecer o agregado doméstico apresentado pelos herdeiros de Manuel Vinhas quando inclui: a viúva, 1 filho menor de 18 anos, estudante, 2 filhos solteiros, maiores de 18 anos, desempregados; 4 filhos e filhas, casados, desempregados, apesar de um ser professor liceal, vivendo em 3 residências diferentes; 1 filha casada, educadora infantil, que reside numa quarta direcção; 3 genros e noras todos desempregados, apesar de um ser eng. civil; 1 nora, funcionária pública; 4 netos, todos menores, com idades variáveis entre 7 anos e 4 meses, tendo dois nascido posteriormente à expropriação.

Qual o paralelismo que pode haver entre o espírito do n.º 2 do Art.º 28 da Lei 77/77 e esta discrição golpista dum agregado familiar que ainda hoje detém grandes interesses do antigo grupo financeiro SCC, considerado como dos maiores de Portugal?

No entanto, técnicos jurídicos aprontam-se para «atribuir provisoriamente» direitos e os trabalhadores não têm vozes que os defendam nesta teia, pretensamente legal, que os envolve.

Que pode dizer-se da interpretação que os reservatários e os seus técnicos jurídicos pretendem dar à alínea c) do n.º 2 do Art.º 29, para o qual arrajaram parecer técnico-agrícola de especialista que, sendo-o na realidade, por acaso é deputado do CDS, partido que votou contra a Lei 77/77 por achar que as reservas eram pequenas?

Este parecer, válido no seu conteúdo real para ageneralidade dos solos do Zambujal, tem que ser corrigido em relação à parcela que se pretende destacar do todo. E essa parcela, com a aptidão geral da silvo-pastorica, contém em si vinhas, olivais e sessenta hectares de solo adaptado ao regadio, onde estão plantados pomares de pessegueiros e citrinos, rendendo anualmente muitos milhares de contos e tanto quanto nos consta não são explorações integradas na silvo-pastorícia.

Não temos dúvidas em acreditar que haverá técnicos jurídicos do MAP que, escudados na interpretação estritamente legal e na sua ignorância agrícola, aceitem «alegremente» o parecer do eminente pedologista porque, o valor técnico e a visão geral, lhe servem para dar execução a uma determinada política; prejudicar a cooperativa, beneficiar o reservatário, numa palavra – cumprir o desejo do ex-agrário, entidade que pôde no passado e ainda poderá, no futuro, vir a dar largas compensações monetárias.

Oxalá não tenhamos razão.

A Cooperativa, apesar de tecer críticas violentas à Lei 77/77, e à maneira como está a ser aplicada, quer resolver as coisas pelo diálogo.

Tendo cedido, desde a publicação da Lei, à marcação de uma reserva não majorada (500 hectares), levantou objecções à localização da mesma, pois o reservatário pretendia ficar com a melhor parcela (o tal pomar de 60 hectares) cortando todos os acessos ao monte, portanto, ao assento agrícola, dos trabalhadores cooperantes.

Cede a cooperativa novamente na localização e na última posição e dizem-nos, está a mesma pronta a ceder o tal pomar integrado em 500 hectares, desde que estes não bloqueiem o monte e o reservatário empregue a mão-de-obra proporcional à parcela de pomar detida. Isto porque a exploração frutícola é a que emprega mais mão-de-obra, fazendo-se os restantes trabalhos agrícolas nas épocas mortas daquela exploração.

É evidente, também, que seteriam de salvaguardar as colheitas deste ano, nas quais já estão despendidos pela cooperativa muitos milhares de contos.

Dizem-nos os trabalhadores do Zambujal:

– Como se pode ver, temos cedido em tudo encontrando sempre a intransigência da parte dos reservatários e uma passividade tendenciosa do MAP. O futuro poderá vir a dizer-nos se algumas das esperanças que expressámos na entrevista de 75 (1) continuam vivas ou se a Lei 77/77 e a sua aplicação deturpada nos reduziu ao nada, prémio «revanchista» que parece constituir a melhor alegria que o Governo Mota Pinto poderia dar aos actuais empresários empreendedores (antigamente capitalistas absentistas).

Josué da Silva

Diário de Lisboa
a notícia e a opinião
o dia-a-dia do País
a explicação das coisas
o porquê das coisas
o porquê dos acontecimentos
cada coisa com seu porquê

ESCOLA DE S. ROMÃO ABRE EM 1980

Pedagogia de Rudolf Steiner lança raízes em Seia

Uma escola onde não há director nem notas no fim do período, nem exames no fim do ano, onde não se pratica qualquer selecção por inteligência e onde a nenhum aluno é recusada admissão por se considerar que as suas capacidades estão diminuídas poderá existir?
A quem se deformou no retrógrado ensino escolar que durante décadas se praticou em Portugal, a possibilidade de existência de uma tal escola surge tão longínqua, mas ao mesmo tempo tão desejável, que a coloca ao nível da miragem.

E no entanto são já cerca de duas centenas as escolas que, espalhadas por todo o Mundo, se constituíram segundo esta concepção. Delas e do seu método escolar – conhecido por método Waldorf – falou anteontem num colóquiono Instituto Alemão de Lisboa, a professora Meike Bischoff, que ensina na Escola Waldorf de Estugarda. Acompanharam-na, outro professor daquela escola, Reiner Junge, e 33 alunos do décimo segundo ano que em viagem de finalistas se deslocaram a Portugal, para, segundo a prática destas escolas, participarem no lançamento do primeiro estabelecimento do género em Portugal.

O estabelecimento – o Lar-Escola Santa Isabel – a construir em S. Romão, Seia, que se espera venha a funcionar em 1980, será uma boa oportunidade para este grupo de adolescentes pôr em prática o ensino integral que lhes foi ministrado na escola de Estugarda.

MÉTODO DE ENSINO DIFERENTE

«Aparentemente nada difere, nas escolas Waldorf, das escolas oficiais», começou por dizer Meike Bischoff, a quem nem sempre foi fácil explicar em francês as particularidades da pedagogia de Rudolf Steiner, autor do método Waldorf. «Mas, observando melhor, verificamos que o método de ensino é completamente diferente».

Neste método as matérias são divididas em três blocos: o primeiro é constituído por matérias do ensino tradicional como História, História da Arte, Ciências Naturais, Matemática, História da Música, Literatura Alemã, Geografia, entre outros. Estas matérias estão organizadas em períodos de três ou quatro semanas, sendo ministradas durante esse período de tempo das 8 às 10 horas da manhã. O segundo bloco é constituído pelo ensino de línguas, educação física, música, sendo estas matérias «permanentes», isto é, não são ministradas por períodos; no terceiro bloco incluem-se os ensinos artístico e manual.

Em vez das notas com que tradicionalmente se pretende avaliar a evolução do aluno, nas escolas Waldorf os professores registam periodicamente, em termos muito precisos e concretos, a sua apreciação do aluno, englobando as aquisições que fez, as matérias em que tem que se esforçar mais, as aptidões especiais, etc.

O método visa o desenvolvimento integral da criança, atendendo a que uma criança, em cada fase da sua vida, é um indivíduo, um todo com personalidade própria, com capacidades e necessidades adequadas às várias fases de desenvolvimento.

A professora Meike Bischoff referiu três etapas no desenvolvimento do aluno, a partir dos 6 ou 7 anos e até aos 18 ou 19 anos, quando abandona a escola.

Dos 6 aos 9 anos a criança aprende por imitação: é o período excelente para aprendizagem de línguas, por exemplo. Aos 9 anos, a criança tem necessidade de se distanciar do professor, olha-o como autoridade, com respeito; a partir dos 14 anos o aluno vai «colar-se» mais às matérias e aos trabalhos do que ao professor. É o período dos estágios nas fábricas, em quintas, entre outros. Esta é também a fase mais difícil, de acordo com a professora Meike Bischoff, por isso o ensino é confiado a professores especializados.

«Não é uma escola onde se faz o que se quer», esclareceu a professora alemã,« há sempre uma base obrigatória.»

Os «programas» diferem ligeiramente de escola para escola (na Alemanha Federal há 50, seguem-se os Estados Unidos, a Holanda e a Suíça como países onde são mais numerosas estas escolas), mas a pedagogia é a mesma: a criada por Rudolf Steiner em 1919, a pedido do proprietário da fábrica Waldorf Astoria, ao querer lançar uma escola para os filhos dos operários da sua fábrica após o termo da Primeira Gerra Mundial.

Depois desta formação de doze anos (há escolas em que é mais longo o período de aprendizagem pois incluem ensino pré-primário) as escolas Waldorf têm em geral um ano de preparação para os alunos que querem ingressar no ensino superior.

A PEDAGOGIA CURATIVA

Como não há director são os professores que designação de pedagogia curativa. Aqui a criança é também considerada um indivíduo, um todo que apenas tem maior dificuldade de aprendizagem e relação com o mundo.

As crianças diminuídas vivem em internato em escolas que não acolhem mais que dez a quinze alunos. Nesse grupo há mongolóides, autistas, epilépticos, histéricos, paralíticos, espáticos, entre outros casos.

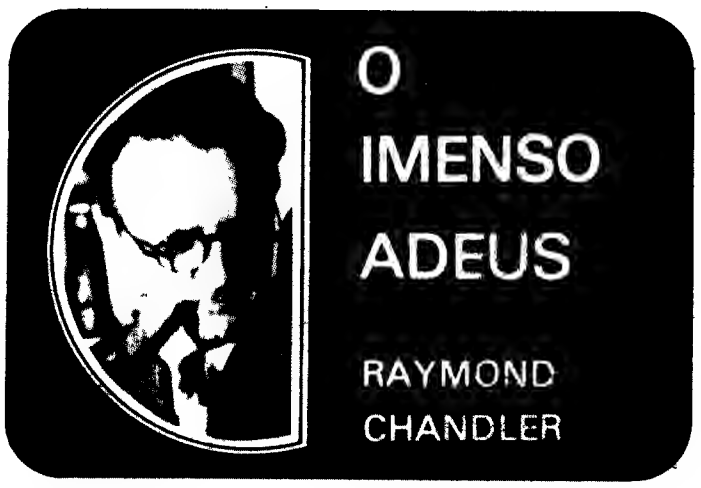
Inclui-se neste género a primeira escola do método Waldorf a construir em Portugal, mais precisamente em S. Romão (Seia). O Lar-Escola Santa Isabel, ligado à Fundação do mesmo nome, nasceu dos esforços conjugados de um casal luso-alemão que tem um filho deficiente e da visita a Portugal do pai de um professor da escola de Estugarda.

O terreno foi oferecido por um particular e a casa será em princípio construída pelos treze finalistas da escola de Estugarda. De 4 a 13 de Abril a obra deverá ser concretizada.

Espera-se que a escola comece a funcionar em 1980 para dez ou doze crianças ao que parece ainda não escolhidas, segundo conseguimos apurar junto da organização. Os futuros professores portugueses encontram-se na Alemanha Federal e Holanda onde adquirem a preparação necessária a este tipo de ensino.

No final do colóquio. Ana Maria Bénard da Costa, do MEIC, salientou que em Portugal as iniciativas escolares para as crianças diminuídas têm surgido por iniciativa de pais e pessoas directamente interessadas no problema, tentando-se a nível oficial um pouco à semelhança do que se faz nos Estados Unidos e na Suécia, a integração, com todas as conveniências e inconveniências que o sistema acarreta.

«A vossa experiência constitui uma alternativa muito importante para nós, sobre a qual todos os interessados irão seguramente reflectir», acrescentou Ana Maria Bénard da Costa, que confessou no entanto ignorar se o Governo português irá auxiliar e em que termos a iniciativa de Seia.



© — Livros do Brasil/College Trustees

—Você apanhou um pifão no Dancers Club. A sua amiga correu-o do Rolls.

—E com toda a razão. Era perfeitamente justificado.

—Você é inglês?

—Vivi na Inglaterra, mas não nasci lá. Se me deixar telefonar e chamar um taxi vou-me embora.

—Tem um à espera.

Desta vez desceu as escadas sem ajuda. Pouco falou durante o caminho até Westwood, a não ser para dizer que eu tinha sido muito amável e que lamentava ter-me dado tanta maçada. Provàvelmente já dissera estas mesmas coisas tantas vezes e a tantas pessoas que se tornara automático.

O seu apartamento era pequeno, abafado e impessoal. Podia ter começado a habitá-lo nessa tarde. Sobre uma mesa de café, em frente de um sofá verde e duro, estava uma garrafa de Scotch já meia, gelo derretido dentro de uma tigela, três garrafas de soda vazias, dois copos e um cinzeiro cheio de pontas de cigarros sem traços de «batom». Em toda a sala não existia qualquer fotografia ou objecto de uso pessoal. Podia ser um quarto de hotel alugado para uma conferência ou uma despedida, para beber umas bebidas e dar dois dedos de conversa ou para um encontro amoroso. Mas não uma casa onde alguém efectivamente vivesse. Ofereceu-me uma bebida e eu disse que não, obrigado. Não me sentei. Quando saí agradeceu-me mais, mas não como se eu tivesse subido a uma montanha por sua causa, nem como se não tivesse qualquer importância. Estava um pouco trémulo e um pouco envergonhado, mas continuava a ser o fim do mundo de bem educado. Ficou de pé junto à porta aberta até que o elevador automático subisse e eu entrasse. Podia não ter mais nada, mas não lhe faltava boa educação.

Não tornara a mencionar a rapariga. Nem que não tinha emprego nem projectos e que gastara quase o último dólar ao pagar a conta no Dancers Club: tudo por uma pequena da alta que não podia esperar e assegurar-se que ele não era

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE VESTUÁRIO, LAVANDARIAS E TINTURARIAS DO DISTRITOS DO PORTO

REUNIÃO GERAL DE SÓCIOS
DIA 5/4/79, ÀS 19.45 H.

CAMARADAS:
A direcção do sindicato convoca-te para uma reunião geral de sócios com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS
1 — Contratação
2 — Informações

25 DE ABRIL E 1.º DE MAIO NÃO FALTES

A DIRECÇÃO

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE VESTUÁRIO, LAVANDARIAS E TINTURARIAS DO DISTRITO DO PORTO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Informo os sócios de que a Assembleia Geral convocada para 31/3/79, não se realizou, tendo ficado adiada para o dia 5/4/79
A Assembleia realizar-se-á às 19 horas, na sede do Sindicato, Rua Formosa, 90-1 °, Porto, com a mesma ordem de trabalhos

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Maria Emília Reis Castro

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE COIMBRA

CONVOCATÓRIA

2.ª SESSÃO

Comunica-se a todos os Associados deste Sindicato que a Assembleia Geral Ordinária do passado dia 31 de Março, convocada nos termos do Art.º 31.º, alínea b) dos Estatutos foi, por sua decisão unânime, interrompida pelas 16 horas, reiniciando-se pelas 21.30 prefixas do próximo dia 5 de Abril, no mesmo local — Caixa de Previdência de Coimbra, Rua Padre Estevão Cabral, n.º 48, nesta cidade — com a mesma.

ORDEM DE TRABALHOS

PONTO ÚNICO: Apreciação e aprovação do Relatório e Contas do ano de 1978.

Coimbra, 31 de Março de 1979

O Presidente em Exercício da
ASSEMBLEIA GERAL

(Abílio José Durão Soares)

NOTA: O Relatório e as Contas encontram-se na Sede do Sindicato para consulta e divulgação aos Associados.
A entrada poderá ser feita mediante a apresentação de Cartão de Associado e/ou apresentação do Postal-Convocatória conjuntamente com cartão identificativo que tenha fotografia; na sua falta só através de credencial passada pelo Sindicato.

© – Livros do Brasil/College Trustees

metido na gaiola pelos pequenos do carro da patrulha ou apanhado por um «chui» dos que têm a mania que são fortes, e atirado para um campo depois.

Enquanto o elevador descia pensei em voltar atrás e tirar-lhe a garrafa de Scotch. Mas eu não tinha nada com o assunto e não adiantava. Eles arranjam sempre um processo de o obter quando querem.

Guiei até casa, preocupado. Sou normalmente um tipo duro, mas havia um não sei quê naquele fulano que me impressionava. Não sabia ao certo o que era, se os cabelos brancos, se a cara com a teia de cicatrizes, se a voz clara ou se a delicadeza.

Talvez fosse isso. Não havia qualquer razão para que eu o tornasse a ver um dia. Ele era simplesmente um cão perdido, como dissera a rapariga.

2

Tornei a vê-lo uma semana depois do *Thanksgiving* (1). As lojas do Boul. de Hollywood começavam a encher-se de bugigangas para o Natal, todas demasiadamente caras, e os jornais faziam barulho sobre o horrível que iria ser se se não fizessem cedo as compras para o Natal. Ia ser terrível em qualquer dos casos, é-o sempre.

A cerca de três quarteirões do prédio onde eu tinha o escritório vi um carro da polícia com dois «pasmas» lá dentro que olhavam não sei o quê sobre o passeio, junto à montra de uma loja. O não sei quê era o Terry Lennox — ou os seus restos — e o espectáculo não era muito atraente.

O Terry estava encostado à fachada da loja. Era-lhe indispensável encostar-se a qualquer coisa. A camisa estava suja e aberta no pescoço, uma parte fora do casaco e a outra dentro. Não tinha feito a barba há quatro ou cinco dias.

(1) Dia de Graças. Festa religiosa americana, geralmente na última 5.ª feira de Novembro. *(N. do T.)*

EXPOSIÇÃO
RDA
SOCIEDADE NACIONAL
BELAS ARTES
LISBOA
R. Barata Salgueiro — LISBOA
ACTIVIDADES CULTURAIS
PROGRAMADAS PARA HOJE
(dia 4 de Abril)
Quarta-feira
19 H – "A música, o bailado e a educação artística na RDA", mesa redonda com B. Buley, João de Freitas Branco, Fernando Lima e Álvaro Salazar.
21 H – Grupo de Teatro da Associação Portugal-RDA ● Isabel Santos
ENTRADA LIVRE
Associação Portugal-RDA

TRIBUNA LIVRE

Bernardo Paulo Guedes da Silva

Os blocos e o interesse nacional

O autor, Bernardo Paulo Guedes da Silva, solicitou-nos a publicação deste artigo. Das dificuldades que terá tido para o publicar, não curamos. A TRIBUNA LIVRE de um jornal independente tem esta vocação: dar a palavra àqueles com quem estamos em sintonia e àqueles cujos pontos de vista nos merecem reserva discreta ou declarada contestação. De expressões e opiniões de Bernardo Paulo Guedes da Silva discordamos, mas queremos dar-lhe a palavra e valorar, no que se escreve, o realismo que morde num parasitarismo plutocrático, na cegueira política de uma direita que nada aprendeu, num irrealismo passadista. Para Bernardo Paulo Guedes da Silva, qualquer que seja a sua posição e qualquer que venha a ser o seu itinerário, a descolonização é um dado.

«DL»

Conforme o tempo vai passando torna-se, por demais evidente, estar a sociedade portuguesa, tanto civil como militar, com uma vocação muito forte para criar grupos de pessoas ou blocos – verdadeiros fautores de desestabilização - tendo em atenção uma vocação muito pouco acessível a determinado tipo de fenómenos que têm directamente a ver com factos recentes da vida nacional.

Efectivamente, a descolonização que Portugal desencadeou após o 25 de Abril tem-se tornado verdadeira fronteira entre os portugueses; dum lado, os que a fizeram – considerados, no mínimo de traidores –, e do outro, todos quantos nela não participaram e que, por tal comportamento se consideram na posição de julgadores. Enquanto esta dictomia posicional no quadro analítico e de comportamento dos portugueses se vai mantendo o País, esvai-se «em nada».

Obviamente que existem responsabilidades terríveis por parte dos portugueses quanto à descolonização; para não retrocedermos muito no tempo poderemos dar-nos conta, por exemplo, do documento mais horrendo que alguma vez um homem conhecedor de África e dos africanos poderia ter assinado – O Acto Colonial – em nome da Nação Portuguesa.

Depois, é todo o comportamento da plutocracia nacional no esquema económico em «vigor» para com a África Portuguesa; comportamento que era praticado dando-se sempre a entender, pelas aparências que era o Governo, dito de direita, que dava e executava a orientação quando, bem pelo contrário, o Governo não governava; o Governo pertencia, nessa ocasião, à Rua do Comércio e este poder encoberto estendeu-se, praticamente, a toda a «questão portuguesa» sobretudo onde tivesse de ser levado em linha de conta com qualquer modificação do «stato quo» que alterasse os resultados finais «em termos de balanço» dado que, no fundo, em termos de «ditadura» eram os seus verdadeiros responsáveis e, praticamente, eram mais de uma e menos de sete famílias que, de resto, todos conhecemos.

Ora estas famílias que, por um processo pouco imaginativo, detinham o Poder através dos políticos que souberam interessar na «coisa pública» (?), davam as orientações pequenas, mas rentáveis, enquanto o doutor Salazar procurava tentar manter um determinado tipo de política nacional – no caso da política africana pouco consequente, dado que só a partir de 1961, quando foi necessário restabelecer a ordem pública no Ultramar, o doutor Salazar optou. Só que, quanto a mim, mal. A manutenção da ordem pública era uma imposição de consciência e, mais do que isso, era um dever decorrente da característica presencial em África. Só que a «intervenção» deveria ter sido imediatamente acompanhada duma política nacional que, em lugar de ser dirigida da Rua do Comércio o deveria ser da Praça do Comércio. A política a realizar então era, por certo extremamente simples e, ao mesmo tempo, extremamente revolucionária – tentativa de construção duma só nação, com o Terreiro do Paço em Nova Lisboa, com o rectângulo transformado em província da Lusitânia, e em termos «operacionais» o sítio de repouso para a população portuguesa habitando, também, nos trópicos. A total igualdade de pretos e brancos perante a lei – no conceito de que dentro de dois ou três anos nós teríamos como chefe de Estado um homem negro sem que daí decorresse qualquer acto que não fosse um acto natural.

Nada disso se fez. As acções policiais foram transformadas em estado de guerra; a Rua do Comércio reparou que teria uma nova fonte de receitas; era rendível. Afirmava-se, na altura, como atitude inteligente para convencerem «terceiros» que se morria menos na guerra de África do que em acidentes de viatura, em Lisboa, ao fim-de-semana.

No entanto um grupo de militares que, por uma questão de aumento de pré – no 25 de Abril a ideologia era do mesmo nível das reservas do Banco de Portugal nos nossos dias – o que houvesse era «importado» – decidiram fazer um golpe e, duma forma quase infantil, vencidos e vencedores mostraram ao povo português o Exército que eram, os interesses que prosseguiam, os homens que «mentalmente» representavam. Foi a tragédia. Os derrotados militares recolheram a suas casas com o «soldo» em ordem, dentro da velha ética do «porreirismo», alguns com um certo espírito de aventura, foram ajudados a fazer pequenos exércitos de libertação a «operar» a partir das «cafeterias» de Madrid e das esplanadas de Copacabana. O povo, o bom povo português que, antes do 25 de Abril, pagava os seus impostos para ocorrer à manutenção da guerra em África da qual dependeria o futuro do seu país acreditava; no entanto, verificou a Rua do Comércio que poderia cobrar outro tipo de imposto directo dado que, os outros, eram cobrados através das finanças; daí criou o dinamismo da Bolsa de Lisboa – acto económico em que meia dúzia de sacrificados por este nosso país obtiveram milhões de contos de benefício e, rapidamente, fizeram com que esses lucros fossem repousar, tranquilamente, na Suíça, na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Depois, foram perseguidos; altas personalidades políticas do Prec encarregaram-se de fazer a «mudança» dos móveis, das louças e das pratas para o estrangeiro. Os nossos esforçados trabalhadores da Rua do Comércio foram «obrigados» a partir para o exílio. Uma tristeza.

Em Portugal ficaram, como é óbvio, o povo, os militares vencedores – os vencidos também ficaram – alguns empresários que tinham a consciência tranquila e, ainda, toda a carga de problemas que o regime nos havia legado e dos quais o africano não era o menor.

Os proprietários do Poder tomaram sobre si a responsabilidade da descolonização; parte dessas personalidades que estavam encarregadas de proceder a essa descolonização não a deveriam ter feito nos mesmos precisos termos com que, nos nossos dias, funcionam os partidos políticos. Dentro em pouco deixaram-se transformar em representantes de interesses russos, americanos e europeus – da linha da internacional socialista. Os portugueses já pouco ou nada poderão fazer por si – passaram para outros a possibilidade de decidir.

Entretanto os primeiros responsáveis, os do antigo regime, são, agora, apenas vítimas e os «réus» são os «ingénuos» do «processo» de Abril.

Qualquer acto que os responsáveis da descolonização pratiquem no sentido de atenuar «os mal-entendidos» existentes com os novos países africanos de língua portuguesa são prontamente criticados pelos «bons portugueses» transformados em vítimas. Já ninguém recorda, e era importante que isso fosse feito, os comportamentos de alguns dos últimos governadores gerais das antigas províncias portuguesas de África; o que não seria difícil. Fazendo ligeiras excepções, das quais a mais evidente é o comportamento do general Silvino Silvério Marques, haveria muita «história» para contar sobre alguns governadores-gerais.

Neste momento porém, o que é importante é destruir qualquer acto do Presidente da República no sentido de ampliar o diálogo com Angola e Moçambique, Guiné e Cabo Verde e, ainda, São Tomé.

Se para tais contactos eles escolhem, por exemplo, algum ou alguns conselheiros da Revolução – cai o Carmo e a Trindade. Na Assembleia da República os «miúdos» de serviço vêm logo fazer declarações terríveis. No lugar do Presidente da República mandaria lá uma vez por outra esses «faladores de serviço» da Assembleia da República – talvez desse resultado.

Quando será que acabam com os blocos neste País e se forma, apenas, um que represente o interesse nacional?

CURSOS
MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO/
GRAVAÇÃO
Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos: 6 Abril
DACTILOGRAFIA
Início, todos os dias
Estágio grátis após os cursos
Informações e Matrículas no
EXTERNATO CONTINENTAL
Telef. 32 56 52 — R. do Arsenal, 100 — 1.º

A "modernização" da NATO é uma modificação qualitativa dos seus arsenais

«A modernização a que a NATO está a proceder é uma modificação qualitativa dos seus arsenais e tende a reforçar a sua componente nuclear. Tal alteração inscreve-se nos planos de preparação acelerada de uma guerra nuclear contra a URSS» – eis o que declara o general soviético, Rais Simonian, perito em problemas político-militares.

Num artigo distribuído pela agência Novosti por ocasião do 31.º aniversário da fundação da NATO (ocorrida em 4 de Abril de 1948), aquele especialista afirma que a propaganda feita pela NATO no sentido de convencer a opinião pública mundial de que a Organização necessita de se reforçar para fazer face à proclamada «ameaça militar soviética» visapura e simplesmente criar terreno para um reforço da sua capacidade nuclear.

A «bomba de neutrões» funcionou como um balão de ensaio lançado na RFA. Mas, falhada a tentativa de instalar novos mísseis com um raio de acção médio e portadores de ogivas nucleares na RFA, os mentores da nuclearização acelerada da NATO, decidiram lançar mão de uma ampla campanha de desinformação, tendente a fazer crer que existe um desequilíbrio de forças na Europa.

A desinformação é perigosa, porque impede os europeus de prosseguirem na via do desanuviamento traçada na Conferência de Helsínquia. Leva a opinião pública a acomodar-se à ideia catastrófica de que a guerra nuclear é uma coisa admissível.

Assim, os belicistas da NATO com o apoio de altas individualidades da administração norte-americana, ensaiam a guerra nuclear contra a URSS, enquanto, ao mesmo tempo, vão lançando as pessoas no pântano do pânico, e diminuindo a sua capacidade de serena reflexão.

Segundo Rais Simonian, é evidente que os EUA procuram elevar as potencialidades nucleares da NATO para limites que vão muito além do chamado «escudo norte-americano», facto que constitui uma séria ameaça à paz.

Um dos argumentos invocados pela NATO para reforçar o seu potencial nuclear é a criação pelos soviéticos dos mísseis SS-20. Mas o Estado-Maior da NATO sabe muito bem que esses mísseis foram criados em resposta à nuclearização da linha da frente da NATO na Europa, e à instalação de numerosas bases americanas no Velho Continente.

Se a NATO está de facto interessada n desarmamento e no desanuviamento, tem o caminho aberto para alcançar tais objectivos — afirma Simonian. A URSS tem proposto uma série de medidas susceptíveis de reforçarem o desanuviamento na Europa e de fazerem baixar o nível do armamento de ambos os blocos, sem quaisquer riscos de desequilíbrio. Mas o que se tem visto, nomeadamente na conferência de Viena sobre a redução mútua e equilibrada de forças na Europa, é que os países da NATO nada propõem para se conseguir uma limitação dos armamentos. Pelo contrário: a NATO visível e claramente procura alcançar uma superioridade nuclear, desafiando assim directamente Moscovo. Deste modo, segundo o perito soviético, visa-se levar a URSS a tomar medidas face à alegada «modernização» das forças atlânticas.

É evidente que os países do Pacto de Varsóvia terão de adoptar medidas de segurança, se se virem confrontados com a instalação em bases, por exemplo, na RFA ou na Itália, de mísseis nucleares apontados para território soviético.

A ninguém interessa, no entanto, este perigoso caminho. O reforço nuclear da NATO não aumenta a segurança dos países membros dessa Organização. Antes pelo contrário: serve apenas para aumentar os riscos de uma catástrofe que o mais elementar bom senso repele e deseja ver arredada do campo das possibilidades.

ÁSIA

Ali Bhutto enforcado

O antigo primeiro-ministro do Paquistão, Zulfikar Ali Bhutto, foi enforcado esta manhã na prisão de Rawalpindi. O seu corpo foi imediatamente transportado num avião militar para o cemitério familiar de «Ghali Bhutto», no Sind, a 1000 quilómetros da capital. A execução e o enterro decorreram no maior segredo e por entre um impressionante serviço de segurança montado pelas forças armadas.

A execução de Bhutto, condenado à morte sob a alegação de ter ordenado o assassinato de um inimigo político, Ahmed Kasuri, quando era chefe do Governo e o ponto final de um longo processo que começou com o golpe militar de 5 de Julho de 1977 que conferiu todos os poderes ao general Zia Ul Haq.

Ao recusar a sua clemência a Ali Bhutto, que lhe fora pedida pela maior parte dos chefes de Estado dos países ocidentais e do Terceiro Mundo, o general Zia, actual presidente do Paquistão, não cumpriu a promessa que fizera quando o derrubou de, segundo a sua própria expressão, «não tocar num só dos seus cabelos».

O general devia pessoalmente o seu posto de chefe de Estado-Maior do Exército a Bhutto que o tinha escolhido preferindo-o a nove generais à sua frente na escala hierarquica militar.

Após mais de ano e meio de exercício discricionário do poder o general Zia Ul Haq parece ter-se convencido que só a eliminação física de Bhutto permitiria enterrar definitivamente no Paquistão a ideia do «socialismo islâmico», cara ao seu antecessor, e aplicar um programa de islamização decalcada sobre o modelo da Arábia Saudita.

Vinte milhões de iranianos votaram na República Islâmica

Mais de vinte milhões de iranianos votaram no referendo da semana passada sobre a transformação do país numa República islâmica, excedendo em quatro milhões as estimativas do Governo sobre a afluência às urnas – de acordo com os resultados oficiais hoje anunciados.

Os organizadores do referendo anunciaram que 20 288 021 iranianos votaram no referendo, dos quais 20 147 055 a favor da República islâmica.

Do total, somente 140 966 votaram contra e todos em Teerão.

Em 1 de Abril, o «aytollah» Khomeiny proclamou a República islâmica após a esmagadora maioria dos votos ser a favor da sua proposta. Oficialmente, tinha-se previsto que somente dezasseis milhões dos 34 milhões de iranianos votassem neste referendo.

Entretanto, na cidade nordestina de Gonrad – e Qaboos, após a rendição dos turcomanos e face à aparente rejeição pelo Governo quanto a estabelecer acordos com grupos rebeldes locais, o Exército mantém o controlo da situação. O primeiro-ministro Mehdi Bazargan, rejeitou hoje qualquer acordo político individual com facções que pretendam a autonomia regional.

AFRICA

Rebeldes preparam tomada de Kampala

Registaram-se hoje em Kampala violentos tiroteios e bombardeamentos enquanto se aguarda a qualquermomento uma ataque massivo das forças rebeldes apoiadas pela Tanzânia.

Fontes de exilados em nairobi declararam que forças que se opõem ao presidente Idi Amin tem estado há quase uma semana a armazenar munições e combustível a sudoeste de Kampala, e que os preparativos para ao assalto final à capital estão perto da conclusão.

Entretanto, e contrariando informações de diversas origens, um porta-voz do ministério líbio dos Negócios Estrangeiros afirmou que a Líbia não enviou tropas para o Uganda, mas apenas «alguns instrutores e combustível», anunciou ontem a agência de notícias oficial, «JANA».

Segundo a agência, o porta-voz, não identificado, afirmou que a Líbia «não tem a certeza se o Uganda está a travar uma guerra regular com a Tanzânia ou se os ugandeses estão a lutar uns contra os outros».

ANGOLA

Neto nomeia 5 vice-ministros da Defesa

O presidente Agostinho Neto, de Angola, na sua qualidade de comandante-chefe das Forças Armadas, nomeou cinco vice-ministros para a Defesa – noticiou a agência angolana ANGOP.

Num telex de Luanda, a ANGOP disse que as nomeações ocorreram no sábado passado, no fim do primeiro curso do Estado-Maior-General para as Forças Armadas angolanas.

Os cinco vice-ministros vão coadjuvar o ministro da Defesa, comandante Henrique «Iko» TelesCarreira.

Angola anunciou hoje que tropas sul-africanas voltaram a atacar o seu território, destruindo uma aldeia e causando «algumas baixas» às suas Forças Armadas.

Num comunicado difundido pela Rádio, o ministro angolano da Defesa, comandante «Iko» Carreira, acusou as «tropas racistas da África do Sul», de terem destruído a aldeia Xamavera, no Sudeste do país, junto da fronteira com a Namíbia e a Zâmbia.

O comunicado afirma que os sul-africanos, cujos aquartelamentos se situam na Namíbia, sofreram pesadas perdas em ataques anteriores contra o Sudoeste de Angola, junto da fronteira com a Namíbia.

Nkomo anuncia ofensiva na Rodésia

Joshua Nkomo, presidente da ZAPU anunciou hoje uma ofensiva geral das Forças Armadas do seu movimento, planeada para paralisar o país na altura das eleições previstas para a segunda quinzena de Abril.

O dirigente da União do Povo Africano do Zimbabwe, que é também co-presidente da Frente Patriótica com Robert Mugabe, leu, em Lusaca, uma «declaração do Conselho Revolucionário Popular da ZAPU» através da qual é anunciada igualmente «a ocupação permanente e o controlo de todas as regiões da Rodésia já libertadas da ocupação inimiga.»

● PELA TERCEIRA VEZ nos últimos seis dias guerrilheiros nacionalistas levaram a cabo uma acção militar na área de Salisbúria, alvejando com um foguete e fogo de armas automáticas uma residência em Christon Bank.

MÉDIO ORIENTE

Begin e Sadat em corrida contra o tempo

O primeiro-ministro israelita, Menachem Begin, chegou hoje ao aeroporto de Telavive após uma visita de 28 horas ao Cairo.

Begin dirigir-se-á ainda hoje aos membros do Knesset depois de ter telefonado da capital egípcia para Jerusalém pedindo para proferir um importante discurso no Parlamento imediatamente após o seu regresso.

Soube-se entretanto que Begin e Sadat concordaram durante as conversações que realizaram no Cairo em acelarar a aplicação do Tratado de Paz, abrindo as fronteiras terrestres e estabelecendo ligações aéreas entre os seus países, no prazo de dois meses.

Assim, a liberdade de deslocação por terra e ar surgirá sete meses antes da data prevista no plano original.

Begin, no final da sua visita, revelou que se tornará a encontrar com Sadat em 27 de Maio, em El-Arish, a principal cidade do Sinai, para celebrar a abertura das fronteiras, um dia após a cidade ser devolvida à soberania egípcia.

O dirigente israelita afirmou, por outro lado, que existe já uma «amizade real» entre os dois países, e apelou para que esta cooperação sirva de «exemplo» para terceiros.

Sadat, que falou para os jornalistas juntamente com Begin, declarou não estar preocupado com as sanções diplomáticas e económicas, impostas pelos Estados Árabes como protesto contra o tratado dado confiar no apelo dos EUA e de outros Estados ocidentais.

● UM GRUPO DE PARLAMENTARES EGÍPCIOS denunciou ontem o Tratado de Paz israelo-egípcio como «uma grande catástrofe para o Egipto», e declarou que lutaria contra ele «por todos os meios ao seu alcance».

O grupo de 25 deputados da Assembleia Popular inclui dois membros do Partido Nacionalista Unionista Progressivo, marxistas, independentes, nasseristas, liberais e direitistas pertencentes a um partido dissolvido o ano passado por Sadat.

Durante a conferência de imprensa, os parlamentares anunciaram a formação de uma «Frente Nacional» composta por uma coligação de deputados que se opõem ao tratado assinado a 26 de Março e que votarão contra ele na Assembleia Popular.

● OS ESTADOS MEMBROS da organização dos Países Exportadores de Petróleo concordaram com uma reunião extraordinária segunda-feira próxima, para examinar a expulsão do Egipto deste organismo.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Pressè, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latian e Reuter

Uma televisão que "sabe tudo"

LONDRES – Os britânicos poderão a partir desta semana consultar à vontade no seu écran de televisão as informaçoes mais diversas, indo dos resultados desportivos às ofertas de emprego, passando pelos horários dos comboios e pelas anedotas do dia.

O sistema, que recebeu o nome de «Prestel», funciona por simples chamada telefónica. Estabelecida a ligação, o assinante encontra-se em contacto com um computador que, respondendo a instruções dadas pelo telespectador através dum pequeno teclado, projecta no seu écran a informação desejada.

Já se encontram armazenadas nos computadores da televisão que «sabe tudo» mais de 150.000 páginas de informações.

O serviço fornece também receitas de cozinha, boletim de meteorologia, as cotações da Bolsa, o estado do trânsito nas estradas, os preços dos automóveis, etc., etc.

«Prestel» não é um serviço gratuito. Além duma assinatura anual que custa o equivalente a cerca de trinta contos por ano, é preciso comprar um televisor a cores adaptado especialmente (o mesmo aparelho pode receber os programas normais), que custa à volta de cem contos.

Além disso, cada informação pedida custa cerca de dois escudos e cinquenta centavos por minuto, importância que é debitada automaticamente pelo computador na conta do assinante.

Os fornecedores de informações, firmas particulares, grupos de imprensa, administrações, devem igualmente pagar para fazerem entrar os seus textos e documentos nos computadores.

O sistema britânico beneficia dum avanço de um ano ou dois sobre os seus concorrentes principais, francês (sistema antiope) e japonês, que no entanto serão tecnicamente melhores.

Mas os britânicos já convenceram os alemães de Oeste e os holandeses a comprar os seus programas. Estão actualmente em negociações com Hong-Kong e os Estados Unidos.

Novas revelações sobre a vida privada de Marilyn Monroe

NOVA IORQUE – Marilyn Monroe que, segundo os rumores da época, teria tido relações íntimas com o presidente John Kennedy e seu irmão Robert, considerava os irmãos Kennedy muito novos para ela, segundo afirma a sua antiga criada de quarto, a senhora Lena Pepitone.

Ao serviço da célebre actriz de Hollywood dos anos 1957, a senhora Pepitone afirma no último número da revista «Playboy» que Marilyn lhe disse um dia a propósito dos irmãos Kennedy: «são divertidos e elegantes mas não são o meu tipo. São uns garotos».

A senhora Pepitone lembra-se igualmente que Marilyn lhe confiou um dia que John Kennedy se esquecia que era presidente quando estava com ela. «Estava sempre a apalpar-lhe as coxas e contava-lhe coisas brejeiras», afirma a antiga criada de quarto da vedeta.

Segundo ela, a actriz não se importava de ir para a cama com um homem que lhe não agradasse. «Se isso lhes dá prazer, porque não? Gosto de ver os homens sorrir», disse um dia Marilyn.

A antiga criada de quarto de Marilyn que vai publicar um livro de recordações sobre a vedeta intitulado «Marilyn Monroe – Confidencial», o qual aparecerá no mês que vem, afirma que ela gostava dos homens «maduros» e mesmo os que podiam ser pai dela.

A senhora Pepitone fornece também muitos detalhes sobre a vida quotidiana de Marilyn. Esta passava a maior parte do tempo no seu quarto a olhar-se ao espelho.

«Tinha quatro casacos de vison, mas, está claro não tinha nenhuma roupa interior. Quando estava deprimida sentava-se na cama e tomava as suas refeições sozinha. Adorava também telefonar», afirma a senhora Pepitone na entrevista ao «Playboy».

Ivone (Feliz Natal Avozinha) em 2.º mês

Entrou em 2.º mês de representação no Teatro da Graça, Travessa de S. Vicente, 11, tel. 875626, o último espectáculo do Grupo Teatro Hoje. «Feliz Natal Avozinha», um original de Gilbert Leuatier, traduzido por Luísa Neto Jorge, e que é apresentado numa encenação de Carlos Bernardo, com cenografia de José Rodrigues e colaboração plástica de Carlos Cristo.

Como se sabe, o espectáculo marcou uma viragem na carreira de Ivone Silva, que alcançou neste espectáculo o seu primeiro e grande sucesso no teatro declamado, na interpretação de um papel de uma velha de 130 anos, alugada num asilo numa noite de Natal.

Aliás, e ao mesmo tempo que entra no 2.º mês, o espectáculo muda de horário, devido à afluência do público, voltando a efectuar-se «matinée» aos sábados às 16 horas, já a partir do próximo sábado, dia 7 de Abril. Assim, atenção ao horário de «Feliz Natal Avozinha»: todas as noites às 22 h, «matinées» aos sábados às 16 h e aos domingos espectáculo único às 16 h. Folga às segundas-feiras.

Ciclo "DL" de Cinema no Cine Camões prossegue com grande afluência

Prossegue hoje, no Cine Camões, o Ciclo «DL» de Cinema, com a exibição do filme de Alain Resnais «Providence».

Para já, pode considerar-se um êxito (artístico e de bilheteira) esta iniciativa da Comissão de Trabalhadores do «Diário de Lisboa», integrada no 58.º aniversário do nosso jornal. Na foto, captada no dia da estreia do Ciclo, pode ver-se o director do «DL», dr. A. Ruella Ramos, conversando com outros trabalhadores, antes do início da sessão.

O Ciclo «DL» de Cinema completar-se-á com a exibição de «Salmo Vermelho» e «Pascualino das Sete Beldades», respectivamente nos dias 5 e 6 (amanhã e depois).

"Monet" vendido por 43 mil contos

LONDRES – Um quadro do pintor impressionista francês Claude Monet, «A Ponte do Caminho-de-Ferro de Argentueil» (1873), foi vendido por 420 000 libras esterlinas (cerca de 43 134 contos), pela galeria Londrina Sotheby's

No total foram vendidas dezoito telas da colecção do casal Sydney Barlow, de Beverly Hills (Califórnia). O comprador do Monet preferiu manter o anonimato.

Um quadro de Camille Corot, «A Venus no Banho», (terminado em 1874), foi vendido por 240 000 libras esterlinas (cerca de 24 640 contos) a um outro comprador anónimo, na mesma sessão. «A Venus no Banho» é um dos três grandes «nus» do mestre francês.

Aliás, esta venda constituiu um recorde para os quadros de Corot que, até agora, «apenas» tinham atingido a quantia de 110 715 libras.

Por outro lado, um coleccionador suíço comprou um estudo de Cezanne, «O Jogador de Cartas» (1892), por 370 000 libras (37 999 contos), ao passo que um comprador japonês pagou 240 000 libras (24 648 contos) por um retrato de Edouard Manet e um negociante londrino deu 180 000 libras (18 486 contos) por «Elena», um retrato do fauvista Henri Matisse.

1.º CICLO DE CINEMA DO "DIÁRIO DE LISBOA"

CINE-CAMÕES

RUA DO LORETO, 15 — Telf.: 32 41 94

Dia 4 Abril (Quarta-feira)
«**Providence**», de Alain Resnais

Dia 5 Abril (Quinta-feira)
«**Salmo Vermelho**», de Miklos Jancso

Dia 6 Abril (Sexta-feira)
«**Pasqualino das Sete Beldades**», de Lina Wertmuller

TODAS AS SESSÕES TERÃO INICIO AS 19 HORAS

BILHETES À VENDA AO PREÇO DE 50$00, NO CINE-CAMÕES

Canal da Crítica

NATO: Aqui há gato!

MÁRIO CASTRIM

Hoje não há crónica. Enfim, um homen não é de pau, esta facadinha no matrimónio há-de ser-me perdoada em recordação dos serviços a que sacrificadamente me devotei, passe a imodéstia. Aliás, quando não estiverem contentes comigo vão pensar que me ralo? É o ralas. Trago sempre no bolso a minha colecção de bilhetes do metropolitano.

Não há crónica, porquê? Porque me pus para aí a cirandar? Nada disso. Aquele amigo ainda há pouco, judiciosamente, me dizia que o meu mal era ficar metido na toca todas as noites da minha vida: sufocava, paralisava, deixava de dar à realidade outra área que não fosse a do pequeno visor. É. Paciência. Deus me levará em conta nas penas do purgatório.

Não há crónica porque adormeci a meio do filme «O homem que veio para jantar». Não adianto nenhum juízo de valor, em primeiro lugar porque todos os juízos, face à longevidade da fita, iriam demasiado tarde – e depois vamos supor que aparecia aí um superfino do nimas americano a dizer maravilhas e lá ficava eu com meu juízo de valor totalmente desvalorizado em seu jízo.

Ná. O melhor é calar-me. Adormeci, pronto. Acontece a qualquer mortal. Talvez não dormisse, se fosse um daqueles filmes capazes de fazer parte do «Cineclube de todos nós», a cárrego da televisão. Mas agora não vale a pena semear favas cozidas. Adormeci. Sem direito a recurso, condenado.

Meu desvario, aliás, começaria muito antes, com aquele documentário sobre a NATO para festejar os seus trinta anos. Veio aquele senhor dr. Gomes, com aspecto de corvo na fábula do corvo e da raposa, segundo La Fontaine. Depois veio outro sujeito, Alcácer de seu apelido, investigador embolsado pela NATO. Daí a pouco ficámos a saber que a União Soviética é o mau da fita, os países da NATO é que são os bons. Tão bons, tão pacíficos, tão fora de esperar mal que... mas o melhor é ouvirmos tudo:

«Aqui, no Norte de Itália, apenas uma brigada da guarda nacional exerce vigilância sobre os 120 quilómetros de fronteira com a União Soviética, uma das áreas mais vulneráveis dos flancos da Aliança».

Fronteira com a União Soviética? A Itália? Diabo! Não seria antes fronteira com Cuba? De igual modo não seria verdadeiro. Mas seria mais pitoresco e estaria mais de acordo com as «nossas» tradições recentes.

Sobre o carácter ofensivo desta organização de «gangsters» dirigida pelo «gangster»-mor, nada foi dito. O povo português ficou mais uma vez intrujado por uma televisão ao serviço do imperialismo, de um projecto antinacional. Quem concluísse sobre o que viu e ouviu, havia de julgar que a NATO não passa de uma organizaçao internacional de ajuda aos mais necessitados – para o caso Portugal, Grécia e Turquia.

A NATO oferece à gente, de quando em quando, uma bolsa (ou a vida) organiza uns cursos de verão, faz umas reciclagens. A televisão portuguesa faz humor com uma organização que faz a guerra. Vai tão longe no seu afã de dourar a pílula que se torna caricata.

No entanto, algumas coisas essenciais precisava o povo português de saber.

Precisava de saber que a NATO pertence a um complexo onde é difícil determinar as fronteiras dela com as multinacionais, com a CIA, com os representantes oficiais das nações.

Precisava de saber que as bases da NATO existentes no nosso país o tornam alvo prioritário das mais terríveis, das mais duras retaliações.

Precisava de saber o real conteúdo dessas bases, o qual pode ser do género de causar danos cartastróficos mesmo em tempo de paz.

Precisava de saber que a NATO foi uma força de apoio ao regime fascista de Salazar, na infâmia da guerra colonial.

Precisava de saber qual a exacta função e o exacto valor das forças ao serviço da NATO instaladas no nosso país. Precisava de estar seguro de que essas forças não constituem qualquer coisa como uma força de ocupação potencial.

Precisava de saber que raio temos nós a ver com os desígnios ofensivos da NATO, nós, um pequeno país sem poder nem ambiçoes.

Precisava de saber que, quando no seio da NATO se levantam clamores anti-soviéticos, isso apenas representa uma forma de pressão para não diminuírem, nos Estados Unidos, os gastos com o armamento, colossal fonte de lucros das multinacionais.

Claro. Isso era o mínimo que honradamente se podia dizer ao povo português. Destruir o argumento do carácter defensivo da NATO face aó Pacto de Varsóvia recordando que aquela nasceu em 1949 e que este nasceu em 1955...

A televisão portuguesa não fez isso. Fez panegírico fraudulento, não fez História. Preferências...

Falar da NATO, em termos de ajuda científica e pacífica, só pode provocar ou uma barrigada de riso ou uma série de vómitos. TV não tem o mínimo sentido da vergonha.

De modo que me reservei, com poder de crítica, para o filme da noite, aí foi que sucedeu a minha desgraça, meu sono. Sem qualquer possibilidade de crítica útil. Desculpem. Até amanhã, com melhores perspectivas. Não faltem ao **Holocausto.**

Hoje

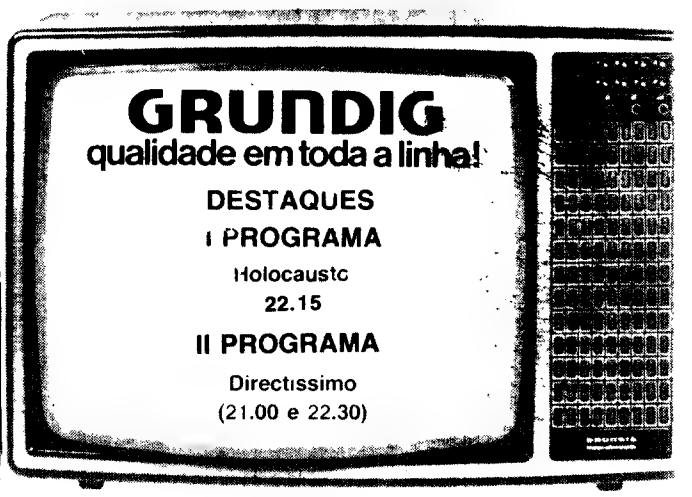
Uma cena de Holocausto que a partir de hoje começa a ser exibido no I Programa

I PROGRAMA

18.30 **Sumário** – uma breve informação nacional e internacional.
18.30 **Imaginação a galope** – série sueca produzida em 1975 e realizada por Pierre Gisling e Louis Berly.
19.05 **País, País** – actualidade regional vista e comentada por jornalistas da Informação.
19.25 **Caldo de pedra** – uma realização de Pedro Alcântara com produção de Leonel de Brito. Desta vez a comida regional de Coimbra.
20.00 **Jornal RTP/1** que inclui a informação sobre o tempo.
20.35 **O Astro** – episódio n.º 122 da telenovela brasileira.
21.15 **Vamos jogar no totobola**
21.25 **Literatura sem gravata** – um programa cultural, produzido por Emídio Uva e realizado por Jorge Listopad.
22.15 **Holocausto** – 1.ª parte do primeiro episódio intitulado «O Adensar das Trevas». Intérpretes: Tom Bell, Joseph Bottoms, Fritz Weaver, Rosemary Harris e Meryl Streep. Realização de: Marvin J. Chomsky.
23.20 **24 horas** – Último serviço noticioso e fecho.

II PROGRAMA

20.30 **Síntese** – magazine da ciência.
21.00 **Directíssimo – produção de Thilo Krassman e Joaquim Letria que também apresenta. – 1.ª Parte.**
22.00 **Informação/2.**
22.30 **Directíssimo** – 2.ª parte e fecho.



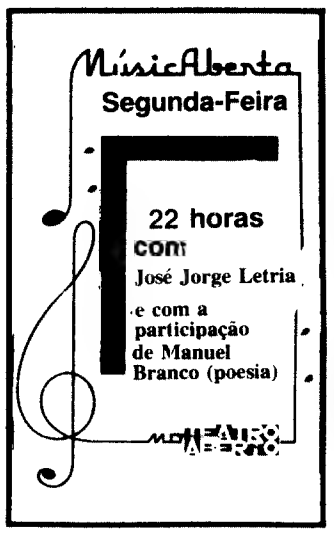
Amanhã

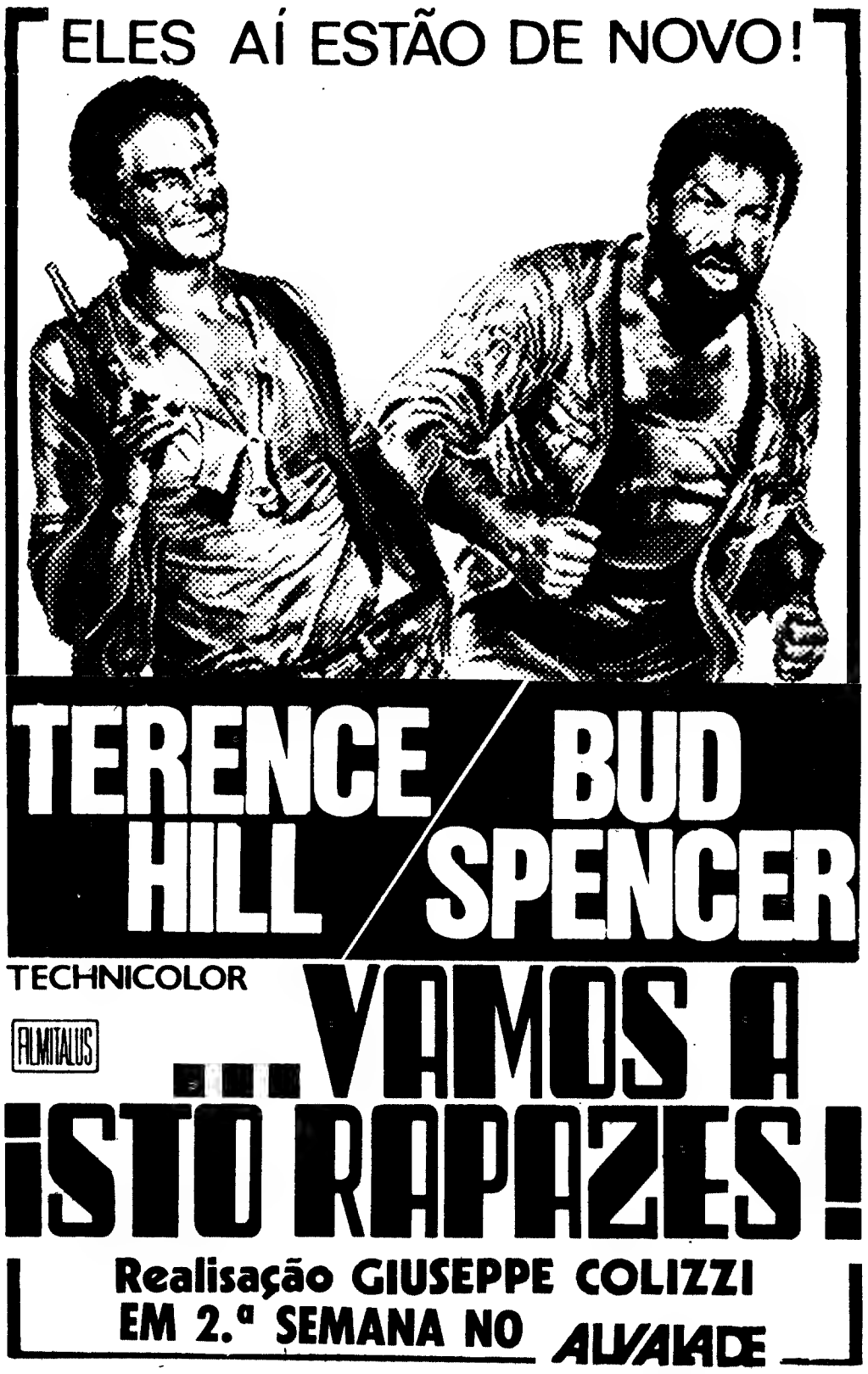
I PROGRAMA

18.30: Sumario; **18.35:** Clube do Rato Mickey, **19.05:** Pais Pais, **19.25:** A falar e que a gente se entende, **19.55:** Júlio e Beatriz; **20.00:** Jornal RTP-1, **20.25:** Eurovisao – Final da Taça da Europa de Basquetebol; **21.45:** O Astro; **22.30:** Música da renascença – «Os Segreis de Lisboa»;
23.15: 24 Horas, **23.30:** Fecho,

II PROGRAMA

20.32: Aqui Jazz, **21.00:** Historia da Aviaçao – 1.º episodio, **22.00:** Informaçao/2; **22.30:** Série dramática «Jean Christophe» – 5.º episódio; **23.30:** Fecho





TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE TORRES VEDRAS

ANÚNCIO

No dia 30 de Abril próximo, às 14 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de carta precatória vindos do 7.º Juízo Cível do Porto e extraídos dos de Execução Sumária (sentença), que a exe-quente Costa Pina & Vila Verde, Ld.ª, move contra a executada UNICOOP — UNIÃO COOPERATIVA ABASTECEDORA, S.C.R.L., com sede na Rua Álvaro Gomes, 112 — Porto, hão-de ser postos em praça pela segunda vez, para se arrematarem, por metade do valor indicado nos aludidos autos, os seguintes móveis: 1 máquina de assar frangos; 1 armário mesa com estufa e uma fritadeira eléctrica.

Torres Vedras, 29 de Março de 1979

O Juiz de direito
a) Manuel Gonçalves Vilar

O Escrivão adjunto
a) Maria da Piedade Santos Silva

NATAÇÃO

Paulo Azevedo e Liliana Santos "nadadores completos"

Terminaram ontem na piscina do Benfica as provas do Torneio do Nadador Completo. Liliana Santos, senior, do Benfica, e Paulo Azevedo, junior, do Algés, sagraram-se vencedores absolutos.

O Benfica pode considerar-se o conjunto de nadadores mais em evidência ao longo das três jornadas, tendo ganho cinco dos oito títulos em disputa. Dos restantes, dois foram para o Algés e um para a Associação dos Bombeiros dos Estoris.

Por categorias, foram os seguintes os vencedores: Femininos, infantis Alexandra Nogueira (Benfica); juvenis, Paula Lamego (Benfica); juniores, Ana Yokochoi (Benfica); e, seniores, Liliana Santos (Benfica); masculinos, infantis, Mário Madeira (Associação dos Bombeiros dos Estoris); juvenis, Henrique Villaret (Benfica); juniores, Paulo Azevedo (Algés); e, seniores, Carlos Serra (Algés).

Além de Liliana Santos e Paulo Azevedo, vencedores absolutos, será de destacar o nome de Mário Madeira, infantil da Associação dos Bombeiros dos Estoris.

Entretanto, ainda no âmbito da natação, partiram esta madrugada para o Brasil as selecções portuguesas masculina e feminina que, de 6 a 8 do corrente, vão disputar a VII Taça Latina.

Integram a delegação portuguesa os seguintes nadadores: Gomes Pereira, Paulo Frischknecht, Rui Abreu, Jaime Fidalgo. José Baltar Leite, Vitor Oliveira, João Freitas, Liliana Santos, Cláudia Osório, Teresa Figueiras, Julia Sobral, Paula Santana, Doroteia Coelho e Paulo Barbeiro.

Seguiram também os treinadores Eurico Perdigão e Filipe Vaz e os dirigentes Janeiro das Neves e Soares Martins.

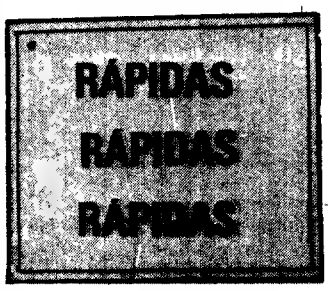
Juantorena em Portugal

O famoso atleta cubano Alberto Juantorena estará em Lisboa, mais concretamente no Estádio Nacional, no próximo dia 29. Vem para participar no Torneio Internacional 1.º de Maio, de Atletismo.

Campeão olímpico dos 400 e dos 800 metros, e campeão mundial desta segunda distância, Juantorena é apenas uma das vedetas que vêm a Portugal e correrão no «tartan» do Jamor nesse dia e nos seguintes.

O público português poderá ver, entre outros, Sellik, Giana Rumanova, Krojelniki, Sweza, Stacha, Pollak, Zanozek, Bohemem.

O torneio pertence ao calendário da Associação Europeia de Atletismo.



MOÇAMBIQUE: MUDAR DE NOMES

Três clubes desportivos da província moçambicana de Sofala adoptaram novos nomes em substituição daqueles que tinham antes da independência da RPM. São eles o ex-Sporting da Beira, que passa a chamar-se Clube Palmeira da Beira, o ex-Académico da Beira, que adopta a designação de Clube Desportivo Matacuane, e o ex-Sporting de Moçambique, que passa a designar-se por Clube Desportivo de Munhava.

XADREZ NA GUARDA

António Ferreira, do Grupo de Xadrez da Guarda (GXG) venceu o II Campeonato de Juniores daquele distrito. Nos lugares imediatos ficaram Fernando Badana, Fausto Coutinho e António Rodrigues, todos do GXG.

ANDEBOL NA GUARDA

As equipas espanholas de andebol dos colégios de San Agustin e do Vitória de Abrados, de Salamanca (Espanha) participam no próximo fim-de-semana no Encontro Nacional de Iniciados de Andebol, masculinos. A vinda destas equipas espanholas integra-se no âmbito do acordo cultural e desportivo assinado entre Portugal e Espanha e no plano de intercâmbio entre as regiões da Guarda e de Salamanca. No Encontro Nacional de Iniciados de Andebol participam 20 equipas em representação de todos os distritos do continente e ilhas.

TOTOBOLA

No escrutínio relativo ao concurso do último fim-de-semana foram apuradas 2386 apostas com 13 resultados certos.

Quarenta e três totalistas são de Moçambique.

A cada totalista cabe o prémio de 6026$50.

Com 12 resultados certos foram escrutinadas 34 409 apostas. Destas, 833 são de Moçambique.

A cada «doze» cabe 384$40.

Halterofilia: Europeu de juvenis em Portugal

Cinco países já confirmados e mais quatro dados como prováveis (além de Portugal), participarão no Torneio Europeu de Juvenis de Halterofilia que se irá realizar em Coimbra – foi anunciado pela Federação Portuguesa de Halterofilia, no decorrer de uma conferencia de imprensa.

O Torneio Europeu de Juvenis é a prova mais importante do calendário da Federação Internacional de Halterofilia neste escalão e servirá de lançamento para o campeonato europeu da categoria, cuja organização foi igualmente entregue a Portugal.

Os países que já garantiram a sua presença são Turquia, Itália, França, Inglaterra e Espanha, sendo possível a participação da Hungria, Polónia, Checoslováquia e Jugoslávia. No caso de todos estes países concorreram, estarão em prova cerca de 60 atletas.

A Federação de Halterofilia considera a prova de grande importância para a modalidade e salientou fazer parte do plano de desenvolvimento da halterofilia, que se tem expandido desde o «25 de Abril», verificando-se um aumento de mais de cem por cento de praticantes.

Foi também anunciado que alguns países ficarão mais tempo em Portugal para acções suplementares, treinos, torneios e exibições nas Beiras, zona onde se desenvolve, presentemente, a acção prioritária da modalidade, razão que explica a escolha de Coimbra para o local da realização do torneio.

ORTY MÓVEIS CONFIANÇA

ATENÇÃO

Visite os salões de exposição das nossas fábricas

NUNCA COMPRE OS SEUS MÓVEIS SEM NOS VISITAR PRIMEIRO, MESMO POR CURIOSIDADE

VEJA A DIFERENÇA: É A FÁBRICA A VENDER-LHE DIRECTAMENTE

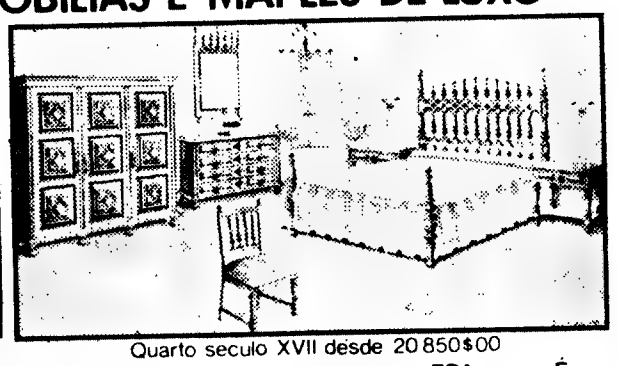
Quarto de casal desde 11 950$00

Quarto de criança desde 8 500$00

GRANDE VARIEDADE EM MOBÍLIAS E MAPLES DE LUXO

Cadeiras 1580$00 — Mesa 4 950$00 — Estante 12 850$00

PREÇOS	ERA	É
Quarto casal moderno	29 000$00	11 950$00
Quarto criança moderno	15 000$00	8 500$00
Salas modernas c/ cristaleira	19 000$00	12 500$00
Jogo de maples desde	7 000$00	4 500$00



Quarto seculo XVII desde 20 850$00

PREÇOS	ERA	É
Quartos século XVII em mogno	29 000$00	20 850$00
Salas século XVII em mogno	38 000$00	27 850$00
Mesas de refeição cromadas tampo vidro	8 000$00	4 950$00
Cadeiras cromadas veludo ou napa	2 200$00	1 580$00

E AINDA ARCAS, COLCHÕES E MUITOS OUTROS ARTIGOS A PREÇOS NUNCA VISTOS.

ABERTO À HORA DO ALMOÇO E ATÉ ÀS 21 HORAS E AO SÁBADO

De tarde na Av. 25 de Abril, 45 — Almada e Av. 5 de Outubro, 55 — Lisboa

ORGANIZAÇÕES A. S. NUNES

VISITE O 1.º SUPERMERCADO DE MÓVEIS EM PORTUGAL

Av. 25 de Abril, 45 • Telef. 2769001 • ALMADA

SALÕES DE EXPOSIÇÃO: Av. 5 de Outubro, 55 • Telef. 546860 • LISBOA

Rua Luciano Cordeiro, 18-A • Telef. 577521 • LISBOA

R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B (junto ao Pão de Açúcar) • COVA DA PIEDADE

Feira Popular de Lisboa • Pavilhão de expositores • Telef. 731588

CICLISMO NO PORTO

"Corrida da Primavera"

Numa iniciativa conjunta do Grupo dos Modestos e do Secretariado Distrital do Movimento Voluntário Desportivo do Porto, vai realizar-se, no próximo dia 8 de Abril, integrada nas comemorações do 3.º aniversário da Constituição, uma prova velocipedica denominada Corrida da Primavera», destinada aos jovens dos 6 aos 16 anos.

Para os mais pequenos (6 aos 9 anos) haverá uma gincana no recinto inferior das escolas 53 e 54, sitas na Rua de Raul Doria, com início pelas 9,30 horas, havendo medalhas para os cinco primeiros, certificados de participação para todos os concorrentes e, ainda, prémios-surpresa.

Os jovens dos 10 aos 12 anos, entrarão num circuito que terá como local de partida e de chegada o Largo de Tito Fontes, passando pela Praça da República, Praça da Trindade, Avenida dos Aliados, Praça da Liberdade e Rua de Camões. Haverá uma taça para a primeira equipa, um medalhão ou troféu para o primeiro classificado e medalhas para os restantes até ao 5.º.

A prova destinada aos jovens dos 13 anos 16 anos terá um perímetro maior, sendo, no entanto, utilizado o mesmo local de partida e chegada, da corrida anterior. Nesta prova, os participantes passarão pelas ruas Firmeza, D. João IV, Alegria, Constituição, Praça do Marquês de Pombal, Santa Catarina, João Oliveira Ramos, Bonjardim e Gonçalo Cristovão. Serão atribuídas taças às duas primeiras equipas, um medalhão ou troféu para o primeiro individual e medalhas para os cinco jovens que se classificarem a seguir.

As inscrições estão abertas até ao próximo dia 5 de Abril, no Grupo dos Modestos (Rua de Gonçalo Cristovão, 190) ou pelo telefone 20412.

Junho: pesca nos Açores

O Clube Açoriano de Pesca Desportiva (CAPD) vai organizar, em Junho próximo, um torneio internacional da modalidade, aproveitando a presença de navegadores estrangeiros que participam na regata «Azab-79».

O clube conta realizar, ainda este ano, uma prova de pesca desportiva a nível regional, além de participar na «Semana do Mar» a decorrer na cidade da Horta.

Estas iniciativas estão, no entanto, dependentes das limitações económicas do CAPD que, de acordo com um dirigente, não tem quaisquer apoios das entidades oficiais responsáveis.

Carlos Eugénio disse à ANOP estar convencido que a modalidade, quando devidamente apoiada, poderia vir a constituir um bom cartaz turístico da região, uma vez que os mares dos Açores têm grande abundância e variedade de espécies de peixe.

Um número crescente de pessoas de diversos países da Europa tem-se dirigido frequentemente ao clube, numa tentativa de assegurar apoio técnico para a pesca desportiva, mas o organismo não o tem podido garantir por falta de material e de uma sede à altura – indicou aquele dirigente.

Para tentar solucionar os problemas económicos e dar maior projecção à pesca desportiva no arquipélago, o CAPD está a efectuar esforços para representar a «Spela Mars», organização internacional de pesca que poderia vir a apoiar o clube.

O Clube Açoriano de pesca Desportiva, apesar de já ter 27 anos de existência, ainda não participou em provas de nível nacional ou internacional, devido à falta de derbas para a deslocação dos competidores. Com cerca de duas centenas de sócios, o clube mantém em funcionamento equipamento de apoio à pesca desportiva na Lagoa das Sete Cidades e no porto de Ponta Delgada.

A pesca tornou-se, nos Açores, um desporto quase tão popular como o futebol, sendo muito frequente ver-se nos cais da cidade ou ao longo da costa, grupos entusiasmados na pescaria.

FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL

Breve relance pela III Divisão

Quando faltam apenas seis jornadas para terminar o Campeonato Nacional de Futebol da III Divisão, algumas das 96 equipas que disputam a prova encontram-se excelentemente colocadas nos primeiros lugares das tabelas classificativas e têm praticamente à vista o ingresso no escalão secundário, onde deverão militar a época que vem. São elas, por exemplo, a Oliveirense, o Ginásio de Alcobaça, o Desportivo de Bragança, que têm respectivamente seis e cinco pontos sobre os segundos classificados nas suas séries, o Amarante, que está em segundo lugar na série da Oliveirense, mas tem cinco pontos de vantagem sobre o terceiro classificado (e, como se sabe, sobem à II os dois primeiros). Pode ainda contar-se com o Mangualde, que vai em primeiro na sua série com três pontos a mais do que os dois segundos Viseu e Benfica e Naval 1.º de Maio, com o Oriental, que está na mesma situação em relação ao Estrela da Amadora, e com o Lusitano de Évora, que é primeiro na sua série com dois pontos mais do que o segundo, o Desportivo de Beja, mas mais quatro que o terceiro, o Sesimbra.

Destas referências há uma que avulta e é o Desportivo de Bragança, porque, se nós não nos enganamos, a concretizar-se, como se espera, a ascensão do clube ao Nacional da II Divisão, será a primeira vez. E, de momento, nem sequer nos ocorre que no distrito de Bragança, pelo menos nas últimas temporadas, tenha havido um clube participando no campeonato secundário do futebol português.

Mas também o Ginásio de Alcobaça (igualmente se a nossa memória não falha) deverá ter na próxima temporada a sua estreia ao nível da II Divisão.

As demais referências que aparecem, a um relance pelas tabelas classificativas actuais, em melhores posições para a promoção, todas, à excepção, quere-nos parecer, do Amarante, já estiveram na divisão secundária. Mais, algumas já pertenceram à I Divisão. São os casos do Lusitano de Évora, da Oliveirense, e do Oriental.

Um olhar pelos nomes que figuram nas tabelas presta-se facilmente a estas curiosidades, e outras. Por exemplo, será interessante reparar nos concorrentes actualmente na III Divisão e que já estiveram na I alguma vez, em tempos mais felizes dos respectivos historiais.

Do Sul para o Norte, clubes que já tiveram equipa de futebol no escalão superior são, além dos citados, o Lusitano de Vila Real de Santo António, o Leça Futebol Clube, o Casa Pia, a Sanjoanense e o Tirsense.

Não deixará de ser ainda interessante reparar em alguns números deste Nacional de Futebol da III Divisão. É o futebol de «terceira» tão depreciado pelos frequentadores das Antas, da Luz de Alvalade, mas é o futebol que está ao alcance de tanta população que não tem melhor para ver.

Entre os noventa e seis concorrentes, não há já nenhuma equipa que não tenha perdido ao menos uma vez. Mas, neste caso, está apenas o Ginásio de Alcobaça. Perderam duas, o Lusitano de Évora, o Desportivo de Beja, o Benfica e Castelo Branco e a Oliveirense.

O melhor ataque é actualmente, o do Lusitano de Évora. De longe: 56 golos marcados, seguindo-se o Bragança, com 48, o Ginásio de Alcobaça, com 46, o Benfica e Castelo Branco, com 47, o Ginásio de Alcobaça, com 46, e o Mangualde, com 45.

A melhor defesa é, evidentemente, a do Oliveirense, que em vinte e quatro jogos apenas sofreu cinco golos. O melhor número, mais próximo, é do Lusitano de Évora: 10 golos sofridos.

Não é depreciativo reparar nos números menos brilhantes, certamente.

Assim, os ataques menos realizadores são os do Odemirense, com 8 golos, apenas, e os do Sp. Bustelo e do Quarteirense, com apenas 9.

As defesas que mais se têm deixado bater são, actualmente, as do Odemirense e do Desp. de Matrena, com 56 golos sofridos. União Mirense não sofreu muito menos: 52 e Sp. Bustelo, também não: 50.

Não há concorrentes sem vitórias, mas Abambres, Bustelo, e Quarteirense ganharam apenas uma vez.

"DL" vence o "Popular" para o Torneio Amizade

Com a vitória de ontem, por 3-2, sobre o «Diário Popular», o «DL» mantém intactas as suas possibilidades de vir alcançar um lugar cimeiro no Torneio da Amizade, organizado pelas Associações de Funcionários da Federação Portuguesa de Futebol, e que tem vindo a decorrer desde há um mês no rinque do Desportivo da Graça.

Na jornada de ontem, que iniciou a fase final do torneio, registaram-se os seguintes resultados: ANOP,3 —«Jornal Novo»,3 e «Diário Popular,»2 —« Diário de Lisboa,»3.

O jogo que opôs a nossa equipa à do «DP» (uma das grandes favoritas) foi extremamente disputado e prendeu [illegible] ao fim o interesse da assistência. A perder por 0-2 no final da primeira parte, a equipa do «DL» conseguiu, nos primeiros dez minutos do segundo período passar a vencedora, mantendo, depois, a vantagem adquirida, não sem antes desperdiçar um penaltie e ver anulado um golo «limpo».

As equipas alinharam: «DP» — Edmundo; Flecha, Seminário, Quim (1) Malcher (1); «DL» — Magalhães; Orlando, Sousa, Eugénio (1), Júlio (2) e Coelho.

TORNEIO DE ANIVERSÁRIO

Entretanto a nossa equipa defronta esta noite, no rinque do Futebol Benfica, a turma da RDP (Radiodifusão) para as meias-finais do torneio comemorativo do 58.º Aniversário do «Diário de Lisboa». Segunda-feira passada, o «DL» eliminou «O Jornal» enquanto que a RDP bateu expressivamente «o diário» por 6-2.

Trata-se portanto, do terceiro jogo seguido, em três dias da equipa do «DL», que já ontem deu alguns sinais de fadiga. Dizem os entendidos que a equipa da RDP é imbatível! Será? Logo à noite veremos.

JOGO-TREINO DO JAMOR

"Esperanças", 2 - Estoril, 2

A selecção de futebol de «Esperanças» e a equipa principal do Estoril Praia empataram ontem, 2-2, num jogo-treino disputado no Jamor.

O jogo integra-se no plano de preparação da selecção com vista ao jogo com a Noruega, em Maio que vem.

Pela selecção jogaram Silvino (Vitória de Setúbal), Olavo (Marítimo), Bastos Lopes (Benfica), Chico Silva (Setúbal), Nelinho (Leixões), Ademar (Sporting), José António (Estoril), Carlos Manuel (Barreirense), Fontes (Braga), Vital (Porto) e Pinto (União de Tomar).

Entraram ainda no jogo Padrão (Beira-Mar), Diamantino (Benfica), Jorge (Benfica), Rafael (Farense), Manuel Santos (Feirense) e Freire (Sporting)

Lesionados, Folha (Leixões) e Virgílio (Famalicão) não compareceram, apesar de convocados.

A selecção está a ser orientada por Rodrigues Dias.

MODALIDADES EM DESFILE

GINÁSTICA

Isabel Curado e Hugo Andrade foram os vencedores do Campeonato Regional de 3.ª categoria (Zona Centro) de ginástica desportiva, disputado no Centro Cultural dr. Magalhães Lima (rapazes) e no CACO (raparigas).

Prova masculina — Geral: 1.º, Hugo Andrade (Vitória CL), 89,15; 2.º, João Avelino (Vitória CL), 87,40; 3.º, Luís Sammer (Física de T. Vedras), 78,00. Por aparelhos: Hugo Andrade, paralelas (14,90), argolas (14,10), cavalo com arções (14,25), barra fixa (13,25) e saltos de cavalo (17,50) e solo, Luís Sommer (Física), 15,60.

Prova Feminina — Geral: 1.ª, Isabel Curado (Ginásio CP), 67,95; 2.ª, Maria João Morais (Lisboa Ginásio), 64,85; 3.ª, Maria João Cabrita (Lisboa Ginásio). Por aparelhos: saltos de cavalo, Isabel Curado (Ginásio CP), 16,45 pontos; trave, Maria João Morais (Lisboa Ginásio), 17,00; paralelas assimétricas, Isabel Curado (Ginásio CP), 17,55; e exercícios no solo, Isabel Curado, 17,70. Por equipas, venceram o Vitória Clube de Lisboa, em rapazes e o Lisboa Ginásio, em raparigas.

BASQUETEBOL

O dr. Abdel Aziz Eshri, presidente da Federação Egípcia de Basquetebol, anunciou ao «Maariv» que proximamente disputar-se-ia uma «Taça da Paz», na Suíça, entre basquetebolistas egípcios e israelitas.

A idéia desta taça, precisa «Maariv», foi lançada pelo dr. Jones, antigo presidente da Federação Internacional de Basquetebol, depois da visita a Jerusalém do presidente Sadate, em Novembro de 1977.

As selecções do Lisboa e Faro comandam, ao cabo da terceira jornada, o Torneio Nacional de Iniciados em Basquetebol, organizado pela Federação, em colaboração com a DGD. O torneio está a disputar-se em Santarém. Participam nove selecções distritais e cerca de 160 atletas. Ao fim da terceira jornada, a classificação, e depois de Lisboa e Faro, que vão em primeiro lugar com 9 pontos, estao, em terceiro Coimbra, com 7 e, em quarto, Porto, com 6. Santarém, com 5, Setúbal, com 4, Aveiro e Angra do Heroísmo, com 3, e Castelo Branco, com 2, estão depois, na tabela classificativa.

NATAÇÃO

A nadadora canadiana Nancy Garrapick estabeleceu nova melhor marca mundial dos 200 metros estilos femininos, ao realizar, o tempo de dois minutos 13,18 segundos nos campeonatos do seu país, a decorrerem em Winnipeg. Todavia, a marca não será reconhecida como recorde do Mundo, porque foi obtida numa piscina de 25 metros e não numa de dimensões olímpicas (50 metros)

FUTEBOL

TAÇA DO REI

Em Espanha, o Santander é a única equipa já qualificada para os quartos-de-final da Taça do Rei, depois de vencer o Rayo Vallecano por 2-0 no jogo da segunda «mão». Na primeira, disputada em 28 de Fevereiro, em Madrid, as duas equipas haviam empatado sem golos.

Nos restantes jogos da primeira «mão» dos oitavos de fi- resultados: Osasuna-Elche, 3-0; Valladolid-Burgos, 2-2 Salamanca-Sevilha, 1-0 Os jogos da segunda «mão» disputam-se em 17 de Abril

Os outros jogos dos oitavos-de-final sao (indica-se entre parêntesis o resultado da 1.ª «mão»»): Valência Barcelona (1-4) Saragoça-Atletico Bilbau (2-2), Alaves-Murcia (0-1) e Real Madrid-Celta (1-1)

PANORAMA

OLIMPISMO: A CHINA EM QUESTÃO

O Comité Olimpico Internacional adiou ontem, em Montevideu, uma decisão sobre a admissão da China e transferiu a discussão do assunto para o plenário da 81.ª Assembleia do COI, que começa hoje na capital do Uruguai. Um informador oficial anunciou que os membros do Comité Executivo se limitaram exclusivamente a escutar o delegado da Formosa, Lawrence Ting. A Assembleia do COI tratará do assunto na sessão da tarde de sábado.

BOXE NA CORUNHA

Disputam-se hoje em La Corunha (Galiza, Espanha), as primeiras eliminatórias da edição de 79 do Torneio de Pugilismo Boxam 79, em que intervêm equipas de vários países, entre os quais Portugal. As finais das várias categorias têm lugar no sábado.

até 20 de abril sensacional campanha de trocas

9.500$00 e o seu velho televisor...

...por um grundig último modelo!

GRUNDIG

uma imagem de Portugal no mundo

Não demore! Dirija-se já a qualquer agente GRUNDIG para trocar o seu televisor velho; se pretender informações mais detalhadas dos televisores GRUNDIG SUPER ELECTRONIC, cole o cupão num postal e envie-o, mas depressa, para os distribuidores:

SUL NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L. — Apartado 2096 1102 LISBOA CODEX

NORTE SOC. REP. SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA, S.A.R.L. — Apartado 154 4000 PORTO CODEX

CAMPANHA DE TROCA DE TELEVISORES

Queiram enviar-me informações detalhadas dos v/ televisores GRUNDIG Super Electrónic últimos modelos.

ROTEIRO CULTURAL

O dia apresenta-se triste do ponto de vista climatológico. Desde a manhã que a cidade é fustigada por aquela chuvinha acinzentada e sem personalidade que geralmente se designa por chuva «molha-tolos». É claro que só os tolos é que se deixam molhar pela chuva de hoje, porque os outros abrigam-se num dos muitos sítios onde há coisas a ver e a fazer. E, diga-se de passagem, há tanta coisa a ver e a fazer, que todos os interessados em fugir a este magnífico «Abril em Portugal» tem onde ir. Para começar, tem uma das muitas exposições de belas-artes presentemente patentes ao público da cidade. Na lista que a seguir indicamos, figuram, certamente, exposições que nem todos os leitores deste Roteiro já visitaram:

Galeria S. Mamede-Telas de Nadir Afonso.

Teatro do Bairro Alto-Obras de Eduardo Batarda Fernandes.

Audimagem-Obras de Vítor Belém.

Parceria António Maria Pereira-Obras de Albino Moura.

Galeria de Arte Moderna-gravuras checoslovacas.

Escola Superior de Belas-Artes – Obras de Pedro Chorão.

Fundação Gulbenkian – Exposição de cartazes culturais de Cuba, de pintores búlgaros, de artistas jugoslavos contemporâneos, de artistas húngaros contemporâneos e, ainda, das obras que fazem parte da colecção doada ao Estado pelo Dr. Anastácio Gonçalves.

Casino do Estoril – Exposição de humoristas espanhóis e portugueses e exposição de faiança decorativa portuguesa.

Como se vê, os amadores de belas-artes têm muito onde ir e só andará à chuva quem estiver, mesmo, interessado em molhar-se...

Para lém das exposições acima mencionadas, há uma inauguração a registar – a de obras de José Lúcio, na Galeria Opinião. José Lúcio, como já tivemos ocasião de dizer, é um jovem açoriano natural da ilha Terceira, que expõe pela primeira vez em Lisboa e que chega com os rompantes próprios (quase diríamos tradicionais...) de quem pretende impor-se, como se depreende desta frase que extraímos do seu folheto de apresentação: «Dirijo ainda esta afronta ao ténue espectro dos que me visitam: ide a outro lado se pretendeis sepulcros caiados de branco!». Como se vê, bombástico, «duro» e o mais que convém a quem chega e pretende ser notado... O que interessa, porém, não é o que ele diz com palavras – é o que ele diz com os seus desenhos e as suas pinturas, já que os leitores deste Roteiro sabem bem que se espera pintores exactamente o contrário do que se espera dos políticos, isto é, que pintem com pincéis e com paletas e não palavras... Tudo isto, porém, tem pouca importância porque não há um único artista que não tenha um amigo capaz de escrever coisas destas a seu respeito e, apesar de tudo, ter isto no catálogo, dá um certo ar de «revolta», de novidade, de coragem, que sempre engana quem ainda não sabe bem como estas coisas se passam. O que interessa é a obra de José Lúcio e essa pode ser vista, a partir de hoje, na Opinião.

Uma peça de faiança portuguesa em exposição no Casino do Estoril

Outra exposição que hoje abre as portas ao público, mas esta já relacionada com outro sector, é a de fotografias de Jorge Molder e de poemas de Joaquim Magalhães (não, não se trata do Joaquim de Magalhães editor, que embora seja um poeta de primeira, nunca escreveu um poema...) e de J.M. Fernandes Jorge. Esta exposição está patente, a partir de hoje, no Centro Nacional de Cultura.

Parece-nos importante, muito importante – chamar a atenção dos leitores deste Roteiro para o facto de que «Homem morto homem posto» sai de cena no domingo. Porque é que nos parece importante chamar a atenção para este facto? Porque há muita gente que ainda não viu este magnífico espectáculo da Comuna e porque entendemos estar toda a gente que se encontra nestas circunstâncias, a perder um acontecimento importante. Este Roteiro faltaria a todas as suas obrigações e falharia a todos os objectivos que presidiram à sua criação se não insistisse neste ponto: «Homem morto homem posto» é um magnífico espectáculo que é preciso não perder.

A Orquestra Gulbenkian dá hoje um concerto, às 18.30 no Grande Auditório da Fundação. Dirigirá a orquestra o maestro Christopher Seaman e o violinista Pierre Amoyal. Serão interpretadas obras de Rameau, Beethoven e Ravel.

A música, o bailado e a educação artística na RDA é o tema de uma mesa-redonda que terá lugar hoje, às 18h. na SNBA, com a participação de João de Freitas Branco, Fernando Lima, B. Buley e Álvaro Salazar.

Os nossos leitores de Coimbra poderão ir hoje, às 21.30h. ver a Companhia Nacional de Bailado ao Gil Vicente. O programa do espectáculo não nos chegou às mãos, mas a presença desta companhia numa cidade e sempre um acontecimento.

No decorrer do «1.º Ciclo «DL» de cinema», é hoje projectado no Camões o filme «Providence», de Alain Resnais, que não vale a pena comentar, dado que o foi, na devida altura, tanto pela crítica do «DL» como pela crítica de quase toda a imprensa. Trata-se de um filme que muitos quererão rever. Os que ainda não o viram poderão aproveitar a ocasião para o fazerem agora. A projecção integra-se nas comemorações do 58.º aniversário do «DL» sem o qual a vida de milhares de pessoas seria consideravelmente mais pobre.

Rua Tenente Raúl Cascais, 1 A 1200 Lisboa – T. 661515 669205
teatro do bairro alto
teatro da Cornucópia
E não se pode exterminá-lo?
cenas de Karl Valentin
CARREIRA LIMITADA
3.ª a sáb. às 21.30
Domingo só às 17.30
A bilheteira abre às 18.00 h
Sub. da SEC e Inst. Alemão

GH
GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA
Tr. S. Vicente 11 - 875626
IVONE SILVA
«FELIZ NATAL, AVÓZINHA»
DE GILBERT LÉAUTIER
ENCENAÇÃO DE CARLOS FERNANDO
«Trabalho extraordinário de Ivone Silva» — Helena Serôdio «O diário»
TODAS AS NOITES ÀS 22.00 H
MATINÉES AOS SÁBADOS ÀS 16.00 H
DOMINGOS SÓ ÀS 16.00 H
FOLGA ÀS 2.as-Feiras
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era fraco ou moderado do quadrante Oeste e chovia ou caiam aguaceiros em várias regiões.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	9°
BRAGANÇA	5°
VILA REAL	7°
PORTO	10°
P. DOURADAS	1°
COIMBRA	10°
PORTALEGRE	7°
LISBOA	11°
ÉVORA	9°
SINES	13°
BEJA	–
SAGRES	14°
FARO	13°
P. DELGADA	15°
FUNCHAL	15°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
8.30 3,1 m	1.41 1,8 m
21.03 3,2 m	14.04 1,9 m
Dia 5	
9.52 3,0 m	3.10 1,9 m
22.28 3,2 m	15.37 2,0 m
Dia 6	
11.13 3,1 m	4.42 1,9 m
23.41 3,3 m	17.01 1,9 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado alternando com abertas, vento fraco ou moderado de Noroeste, aguaceiros com períodos de chuva diminuindo de frequência durante o dia de amanhã.

AMANHÃ
NASCER ÀS 7.17
OCASO ÀS 20.04

DIA 4 DIA 12 DIA 19 DIA 26

rádio

1.º Programa

17.00: «Trajectória» (Programa da Juventude); **19.00:** Música Portuguesa; **19.30:** «Jornal da Noite» **20.00:** Música Variada; **21.00:** 6.º episódio do Folhetim «A Passagem», original de Judite Navarro; **21.20:** «Programa da Noite»; **24.00:** «Último Jornal». «Vida na Noite»

2.º Programa

17.45: Música de Piano: – Estudo n.º 12, em Dó menor e Balada n.º 4, em Fá menor, de Chopim; 1.º Volume de «Imagens», de Debussy; **18.15:** Obras de Mozart: Quarteto em ré menor K. 341, Sinfonia n.º 36, em dó maior, K. 425; **19.15:** Música de Vanguarda: J'ai Été Coupé, de Luc Ferrari; **19.25:** «Texto Literário», um programa da Direcção-Geral do Ensino Básico; **20.00:** Música Sinfónica: Dança Macabra, de Listz; A Sagração da Primavera, de Stravinsky; **21.00:** «In Memoriam» de Martin Luther King. uma obra para violoncelo e orquestra do compositor e professor canadiano Oskar Moraawetz um programa em gravações cedidas pela Rádio Canadá e transmitido por ocasião do 11.º aniversário da morte daquele defensor da Paz e dos princípios de Igualdade Rácica. **21.15:** Música Sinfónica. Sinfonia n.º 6 em Mi bemol Maior, de Mahler; **22.45:** Concerto em sim bemol maior Op. 4 n.º 2, de Handel; **23.00:** «Intercâmbio Musical» Música Húngara. num programa em gravações cedidas pela Radiodifusão Televisão Húngara e assinalando a passagem do dia da Festa Nacional da Hungria. «Microcosmos», fragmentos da transicção para 2 pianos, do Bela Bartok, 3 peças para flauta e cimbalão, de József Soproni. Variações para piano e orquestra de János Decsenyi. Música para metais, de András Szollosy. **23.55:** O Maestro Otto Klemperer. Concerto Brandeburguês n.º 5, em ré maior, de Bach Sinfonia n.º 7 em Lá Maior, de Beethoven; **01.00:** Fecho.

Rádio Comercial (290 m)

18.00: «Espaço»; **18.30:** «Comentador desportivo» **19.00:** Emissão regional: Emissor do Porto Alto; **19.10:** Som Fantástico; **19.45:** «Teatro Trágico». (com Paridiantes de Lisboa) **20.00:** Quando o Telefone Toca **20.33:** De 7 em 7 – Revista de Actividades Turísticas; **21.00:** Mensagens bíblicas, **21.33:** Quando o Telefone Toca; **23.00** Projecção. Helena Falé; **23.30:** Jornal Noticioso

Emissão Estereofónica

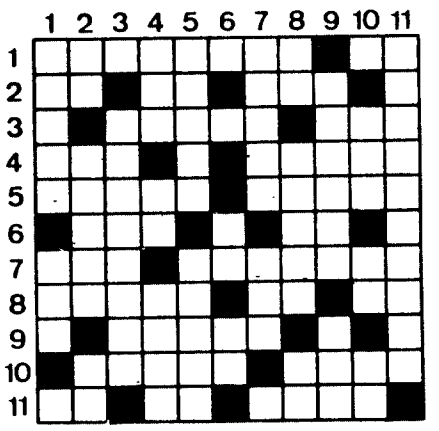
18.03: Hora de Ponta; **19.00:** Em Órbita; **21.03:** Forum; **22.00:** Ouvir Jazz do Bop ao Free.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 12 304

HORIZONTAIS:

1 Casas humildes. Pedra de moinho.
2 Artigo definido. Caminhar. Coisa (ant).
3 Aliado. Ápice (Prov).
4 Anuência. Calcular.
5 Nome de fruto. Arma branca, de lâmina curta e larga, com dois gumes.
6 Ice. Segundo.
7 Preposição. Combinasse.
8 Branda. Clima. Antes do meio-dia.
9 Vagueias. Nome de letra.
10 Cantigas. Levantas.
11 Prasiodimio (s. q.). Isolado. Patrões.



VERTICAIS:

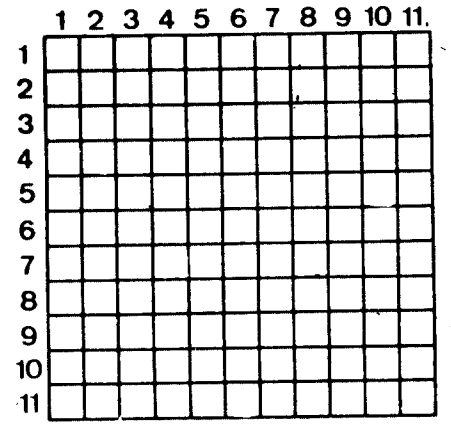
1 Saquinho para trazer dinheiro. Estimo.
2 Carta de jogar. Não nascida. Aparência.
3 Abrandar.
4 Viscera dupla. Neon (s.q). Borboleta diurna que vive, de preferência, nos sítios onde há choupos ou salgueiros.
5 Estéril. Irmão de Moisés.
6 O mais. Artigo definido.
7 Armadilha para pássaros. Tempo do verbo ir.
8 Pronome reflexo. Detestar. Prefixo de negação.
9 Assassinais. Ferro temperado.
10 Página. Apelido. Campeão.
11 Executaremos.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8364

HORIZONTAIS:

1 Reino associado da Federação Indochinesa a nordeste da Conchichina. Nome de mulher.
2 Alindaremos.
3 Um milhar. Cidade da antiga Caldeia. Bebida do Peru.
4 Deus supremo da religião fenícia. Centímetro.
5 Reis. Personagem do romance «Primo Basílio».
6 Agitaram (uma arma) antes de descarregar o golpe.
7 Cólera. Acrescentei. Nota musical (inv).
8 Nota musical. Camareiras.
9 Azedume de estômago. Pequenos barcos de recreio.
10 Filtraria. Lodo.
11 Cobalto (s.q). Radio (s.q). Pêlos de certos animais.



VERTICAIS:

1 Cidade de França. Cobalto (s.q).
2 Transferes para outro dia. Preposição e artigo.
3 Cabeça (fig). Célebre romancista trances, autor de «Comédia Humana».
4 Bromo (s.q). Pátria. Freguesia do conselho de Barcelos.
5 Organização das Nações Unidas. Autores. Nesse lugar.
6 Cidade da China. Clima.
7 Brisa. Mil quatrocentos e três em romano.
8 Pertences. Nesse lugar. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
9 Estimo. Vidro de muito boa qualidade.
10 Repousavas Ave pernalta.
11 Pega. Grande ribeira da Ásia Russa. Empregas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 303

HORIZONTAIS:

1 VIVA. QUEM.
2 Sarou. Sina
3 Ralo Arpais
4 Irás. Lien.
5 Sr. Ps.
6 Barcaças.
7 Sem Rea. Are.
8 Unem. Am.
9 Acre. Mia. Mo.
10 Ea. Saa. Vós.
11 Ársis. Sais.f

VERTICAIS:

1 Rua Sua.
2 Isar. VENCER.
3 Valas. Meras.
4 Aros. Ma.
5 Bar. SS.
6 Qual. Resma
7 Risca. Ias.
8 Espera. Fa.
9 Miam. Cá. Vl.
10 Ni. Paramos.
11 Casassemos.

Provérbio: VIVA, QUE VENCER.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8 363

HORIZONTAIS:

1 Alimenta. Ás.
2 Marão. Ar.
3 Amo. Assim.
4 Ga. Par. Acém.
5 Bar. Ali.
6 Carimbo.
7 Pó. AAA. Ias.
8 Uvas. Rascas.
9 Lassáis. Olá.
10 Sena. Orto.
11 Ares SM. AAs.

VERTICAIS:

1 Âmago. Pulga.
2 Ma. Cova.
3 Imo. Ba. Asse.
4 Má. Parasses.
5 Erraria. An.
6 Na Marias.
7 Toa. Ab. As.
8 Sa. Ois.
9 Asca. Açora.
10 Ariel. Salta.
11 MMII. Saõs.

teatros

Lisboa Permanente

ESPERANÇA, Rua Carlos Mardel, 101-B (Alameda D. Af. Henriques); **BAIRRÃO,** Rua Prior do Crato, 27 (Alcântara); **GUERRA,** Rua Andrade, 32-36 (Anjos - ao cin. Roxy); **MORÃO,** Rua da Assunção, 17-19 (Baixa); **ALMEIDA,** (Rua Silva Carvalho, 136 (Campo de Ourique); **ZIRA,** Pç. das Casas Novas, Lote 66 (Encarnação); **BELÉM,** Rua Tristão Vaz, 10-A (Encosta Restelo); **GASPARINHO,** Rua Dr. Gama Barros, 54-A (Estados Unidos); **ALAMEDA,** (Alm. Linhas Torres, 201-B (Lumiar); **J. RIBEIRO,** Est da Luz, 199-A (Luz - 2.ª Circular); **MADRE DE DEUS,** Rua da Margem, 15-B (Madre Deus); **MARLUZ,** Cç. da Picheleira, 140-B-C (Picheleira); **SAGRES,** Av. Luis Bivar, 69-71 (São Sebastião), **LEITÃO,** Rua Guilherme G. Fernandes, 62 (Odivelas), **CÉSAR FERNANDES,** Az dos Bezouros, Lote R-8 (Pontinha).

Reforço

ARNALI, Rua Escolas Gerais, 88-A (Alfama): **DILENA,** Rua Aliança Operária, 49-A-B (Alto St.º Amaro-Ft Seco); **SANEX,** Av. da Igreja, 31-C (Alvalade); **PROVIDÊNCIA,** Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (Arco Cego); **BENFICA,** Est Benfica, 678-E (Benfica-Portas Benfica), **AÇORIANA,** Lg Conde Barão, 2 (Conde Barão); **CENTRAL DA LAPA,** Rua Navegantes, 10 (Lapa), **BRANCO,** Av. Duque de Loulé, 61-65 (Marquês de Pombal), **CARRONDO,** Rua Padre Sena Freitas, 10-A (Penha de França); **BRITO,** Rua Colégio, Lote 32-B (Brandoa), **VAZ MARTINS,** Rua António Ferro, 6-A (Buraca); **NOVA,** Rua Açores, 11-A (Olival Basto), **MATOS,** Tv Prioras (Viv. Morgadinho - Prior Velho).

Outra Banda

ALMADA, Castro Rodrigues. R. Capitão Leitão, 21-A (Telef. 2760076), **COVA DA PIEDADE, Garcia Reis.** R Dr. Alberto Araújo, 19-A; **LARANJEIRO, Moderna.** R. Dr. António Elvas, 84 (Telef 2490305), **COSTA DA CAPARICA, Higiénica.** Av. da República, 23 (Tel. 2400020); **SESIMBRA, Leão.** Av. da Liberdade, 21 (Telef. 2233471), **BARREIRO, Normal.** Av. Alfredo da Silva, 116 (Telef. 2073035); **SEIXAL, Sormenho.** R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560); **AMORA, Amorense.** Av. Marg. Silva Gomes, 80 (Telef. 2210042); **MONTIJO, S. Pedro.** Av. Camões, 16 (Telef. 2311133); **MOITA, União Moitense.** Av. dr. Teófilo Braga (Telef. 239025); **ALHOS VEDROS, Gusmão.** R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 204020); **ALCOCHETE, Nunes.** L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137).

Linha de Cascais

ALGÉS, Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Telef. 2112081); **ALCABIDECHE, Carvalho.** Até às 21 horas; **PORTO SALVO, Ferreira Bastos.** Até às 21 horas; **CARCAVELOS, Central.** Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS, Vilar.** Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA, Godinho da Silveira.** Av. Sabóia, 29-B (Telef. 260085). Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS, Trindade Brás.** R. Costa Pinto, 184 (Telef 2432034). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS, Mourão Vaz, Ld.ª.** Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS, Leal.** Até às 24 e das 0 às 9 horas, **PAREDE, Brandão.** Av. da República. 77-C (Telef. 2471054). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE, Junqueiro-Mendes.** Até às 21 horas; **AMOREIRA, Amoreira.** (Telefs. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL, Ostende.** R. de Espinho, 1 (Telf. 260391). Até às 24 e das 0 às 9 horas, **CASCAIS, Misericórdia.** R. Regimento 19, 41 (Telef. 280141) Até às 21 horas; **Cascais.** R Conde Monte Real -B.º Caixas (Telef 282407). Até às 24 e das 0 às 9 horas

Linha de Sintra

AMADORA, Melo. P D. João. I, 9-B (Telef 932756). Permanente; **Central.** Av Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210). Até às 22 horas. **DAMAIA, D. João V.** Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461); **QUELUZ, Queluz.** Av. Elias Garcia, 151 (Telef. 951841); **CAMARATE, Batalha.** R Avelino S. Oliv.ª, 5 (Telef. 2518669); **CACÉM, Araújo e Sá.** Est de Paço de Arcos, Lote 1-B (Telef. 2940781), **ALGUEIRÃO, Rodrigues Rato** (Telef. 2912038). Até às 24 horas, **AGUALVA, CACÉM, Mira Sintra.** P N-Torre. 310 Até às 20.30 horas, **MERCÊS, Claro Russo.** Permanente; **RIO DE MOURO, Riomouro.** Av Óscar Mont.º Torres. 8 (Telef. 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA, Gomes da Silva.** (Portela) Permanente; **COLARES, Abreja** (Telef 299088)

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

NAU VITÓRIA – Rua Nau Vitória, 723 Telf. 490427. **ORDEM DA TRINDADE** – Rua Heróis e Mártires de Angola, Telf 27420; **CONFIANÇA** – Rua de Santa Catarina, 960. Telf. 22884; **ANTAS** – Av. Fernão de Magalhães. 1076. Telf. 481158; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL** – Campo Mártires da Pátria, 122. Telf. 24262; **FERREIRA** – Praça D. Afonso V, 55-B. Telf. 681975; **LOUSADA** – Largo do Campo Lindo, 62. Telf 480353.

(De dia e toda a noite)

ALVES DA SILVA – Avenida da Boavista, 1016. Telf. 60342; **AZEVEDO** – Rua de Azevedo, 36. Telf. 52344; **GOMES FERREIRA** – Rua Faria Guimarães, 499. Telf. 481907; **FALCÃO** – Rua de Santo Ildefonso, 61. Telf 21566.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

MONTES CLAROS – Rua Dr. José de Almeida, 69. Telf. 25904; **CRUZ VIEGAS** – Rua do Brasil, 154. Telf. 74821.

centros de cinema e outros espectáculos

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
Sala A As 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
Não acons. men. 13 anos
A GAIOLA DAS MALUCAS

Sala B – 14.45, 17, 19, 21.30, 23.45 h
UMA MULHER IMPLACÁVEL
Não acons. men 13 anos

ALVALADE 897480
Av. de Roma

As 15.15, 18.15 e 21.30 h
VAMOS A ISTO RAPAZES
Com Bud Spencer, Terence Hill
Int men 13 anos

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
MEAN STREETS
OS CAVALEIROS DO ASFALTO
Um filme de Martin Scorsese – Colorido
Não acons men 18 anos
Hoje e todos os dias
às 24.00 horas – Não ac m 13 anos
2001: ODISSEIA NO ESPAÇO

AVIS 547163
Av. Duque D'Avila, 45
as 15.30, 18.30 e 21.30 h
Não acons men 13 anos
Nada se pode comparar à magia e «suspense» de
A NOVA AVENTURA DE O LADRÃO DE BAGDAD!
Com Kabir Bedi – Roddy McDowall – Terence Stamp e Peter Ustinov

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.30 h
Robert Powell, Anne Bancroft e Ernest Borgnine em
JESUS DE NAZARÉ
Primeira parte
Um filme de Franco Zeffirelli
Para todos – Colorido

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
A partir de hoje
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Walt Disney Productions apresenta
AS AVENTURAS DE PETER PAN
Para todos em Technicolor
Falado em português

CASTIL 580194
Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30 horas
Colorido
Uma comédia especialmente dedicada aos mais jovens
UM CAROCHA DOS DIABOS
Não acons. men. 13 anos

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
às 12.30, 14.30, 16.45, 19, 21.30 h
As imagens jamais vistas dos obcecados do sexo
«DESESPEROS SEXUAIS»
Int men 18 anos

As 24 h – Não acons men. 18 anos
AL CAPONE

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15
As 14.15, 16.30 e 21.30 horas
GRAÇAS A DEUS É SEXTA-FEIRA
Robert Klana
Com Donna Summer e os Comodores
Não acons men. 13 anos
2.ª Semana

Às 19 h – Não acons men. 18 anos
PROVIDENCE

CITY CINE 549999
Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas
Não acons. men 13 anos
Um milhão de espectadores em Paris já viram
A GRANDE CARRAPATA
Um êxito com Pierre Richard

As 23.45 h
O OUTRO

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

Não acons men 13 anos
UM MOMENTO DE DESVARIO
Com Jean Pierre Marielle e Vitor Jandux

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
Às 15.30, 18 e 21.30 horas
Int. men. 18 anos
AS MULHERES DE PRAZER DOS CAMPOS NAZIS
«Aviso ao público»
Contém cenas event chocantes

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial – Damaia

Amanhã, às 21.15 h
ALTA ANSIEDADE
Não acons. men. 13 anos

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.30 h
Robert Powell, Anne Bancroft, Ernest Borgnine em
JESUS DE NAZARÉ
Primeira parte
Um filme de Franco Zeffirelli
Para todos – Colorido

ESTÚDIO 555134/5
Av. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30 horas
O primeiro filme sobre um problema actual – o «bebée proveta
Colorido
DE QUEM SOU FILHA?
(Whose child am I?)
Interdito a men. 18 anos

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
Às 13.30, 16.15, 19 e 21.30 horas
Para todos
JESUS DE NAZARÉ
A grande obra-prima do realizador Franco Zeffirelli

Atenção O filme começa a projectar-se no início das sessões

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
2 sessões. 15.15 e 21.30 h
Não acons. men 13 anos
S.O.S. SUBMARINO NUCLEAR
Charlton Heston e David Carradine
Às 18.15 H – Tarde infantil
Para todos
ALI-BABÁ E OS 40 LADRÕES
Falado em português
Hoje às 18.15 h
Em «Cinema à quarta-feira»
Maiores de 10 anos
SHANE
Alan Ladd, Jack Palance e Van Heflin
Amanhã às 18.15 h em «Quinta-feira à tarde»
Int. men. 13 anos
MATRIMÓNIO À ITALIANA

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30 horas
21.30 h
O mais espectacular acontecimento da história do cinema
SUPERMAN
2.ª semana
Um filme de Richard Donner
Atenção: horários sábado/domingo. 4 sessões

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
O melhor retrato de mulher do cinema americano
C/Jill Calyburgh - Alan Bates - Michael Murphy
UMA MULHER SÓ
6.ª semana

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
3 SESSÕES: 15.15, 18.15, 21.30 Horas
Int. men 18 anos
Um filme de Andy Warhol – Relevo 3 dimensões
CARNE PARA FRANKENSTEIN
Joe Dallesandro Udo Kier Arno Juerging
4.ª semana

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
Às 15.15, 18.30 e 21.30 h
CALIFORNIA SMITH
(Um Apartamento na Califórnia0
A mais fabulosa comédia do ano!
com Alan Alda, Michael Caine, Maggie Smith, Jane Fonda
Não acons men 13 anos

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
Não acons. men 13 anos
AS HORAS DE MARIA
Um filme de António de Macedo

NOVOCINE 840678
Av. General Roçadas, 7
Às 15.15 e 21.15 h
A grande emoção em «suspense»
SUSPIRIA
Com Jessica Harper e Stefania Casini
Interdito a men. 18 anos

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.15 h
AI SE TE AGARRO!...
com Annie Girardot
Não acons. men. 13 anos
Colorido
Uma espirituosa comédia ao moderno cinam francês

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas
Para todos
A TÚNICA
Com: Richard Burton, Jean Simmons

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.º Antão
Às 14.15, 16.30 19 e 21.30 h
«A HIENA DO KARATÉ»
Só de lhe pronunciar o nome e os inimigos tremiam
com Kar Ling. Tung Li

QUARTETO 771378
R. Flores do Lima, 16
Sala 1
às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Para Todos
AS MIL APOTEOSES DE ZIEGFELD
Para todos - Sala 2
às 15, 17, 19, 21 e 23
Filme de qualidade
VIA LÁCTEA
Sala 3
às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Não acons. men 18 anos
CAVALEIROS DO ASFALTO
Sala 4
às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Não acons. men. 13 anos
NOITE DE CHUVA
Rez -Lina Wertmuller

RESTELO 610375
Av. Torre de Belém
Às 15.30 e às 21.30 h
Não acons men 13 anos
Uma experiência de terror e suspense!
A FÚRIA
Em 7.ª semana
Com Kirk Douglas e John Cassavetes

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote JRB
as 15.30, 18.30 e 21.30
1.ª semana – N ac m/13 anos
Uma divertida aventura com Annie Girardot e J. P. Mariélle
AI SE TE AGARRO!

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
as 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Uma bestial máquina de porrada!
O QUEBRA OSSOS
com Bud Spencer - colorido
N. Acons men 13 anos

SÃO JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Numa história de amor e liberdade!
«UMA MULHER INDOMÁVEL»
Filme de Qualidade
«COMES A HORSEMAN»
De Alan Pakula
Não acons men 13 anos

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Em 3.ª semana
4 sessões 15.00, 17.00, 19.00, 21.30
Não acons men 13 anos
Um filme de Lina Wertmuller
O FIM DO MUNDO NA NOSSA CAMA HABITUAL NUMA NOITE DE CHUVA
Projecção do filme 5 minutos após o início das sessões

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
14.30, 16.45, 19 e 21.45
N ac. m/13 anos
Divertimento em cheio!
A GRANDE CARRAPATA
de Gerard Oury c/Pierre Richard

TERMINAL 371573
Estação do Rossio
às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h
O espantoso Louis de Funés no seu melhor filme de sempre!
«O GENDARME E OS EXTRA-TERRESTRES»
com Louis de Funés, Michel Galabru, Maurice Risch
Não acons. men. 13 anos

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
A partir de hoje
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Walt Disney Productions apresenta
AS AVENTURAS DE PETER PAN
Para todos em Technicolor
Falado em Português

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
14.15, 16.30, 19 e 21.45
Louis de Funés no seu melhor filme!
O GENDARME E OS EXTRA-TERRESTRES
Não acons men 13 anos

PALÁCIO FOZ 367031
P. Restauradores
Ciclo «Fantástico Moderno»
3.ª Série
ENCONTRO EM BRAY
Realização de Andre Delvaux
Maiores de 14 anos
Sessões. 15.15, 18.15 e 21.15 h
Iniciativa da Direcção-Geral da Acção Cultural

ZODÍACO 57 01 51
Às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
GRAÇAS A DEUS É SEXTA-FEIRA
Com Donna Summer – Os Commodores

teatros

Lisboa

COMUNA – «Homem Morto Homem Posto», às 21.30 (13 anos).
VARIEDADES – «Felizardo e C.ª Modas e Confecções», às 21.30 (13 anos).
MARIA MATOS – «A Família», às 21.30 (13 anos)
A.B.C. – «Direita Volver», 20.30 e 22.45 (18 anos)
MONUMENTAL – «Um Zero à Esquerda», às 21.15 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «E tudo S. Bento Levou», às 20.30 (18 anos)
D. MARIA II — «Os Filhos do Sol», às 21.30 (13 anos)
TEATRO DA GRAÇA – «Feliz Natal Avozinha», 22.00 (13 anos)
PALÁCIO GALVEIAS — «Tragédia Infantil», às 21.45 (13 anos)

Outros Espectáculos Lisboa

CINEARTE – «O Poder do Mal», às 21.30 (18 anos)
ROYAL – «Golpe Mortal», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «A Invasão dos Astros-Monstros», às 21.15 (13 anos).
LUMIAR – «Duas Almas... Dois Destinos», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «Sexo no Colégio», às 19, 21 e 23 (18 anos)
PARIS – «Adeus Inspector», às 21.30 (13 anos).
OLÍMPIA – «Introduções», Sessões permanentes (18 anos).

outros cinemas

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «O Ovo da Serpente», às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «A Outra Face de Roma», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Mulheres em Fúria», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Palácio – «O Comboio do Inferno», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – S. José – «Massacre no Texas», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «O Gendarme e os Extra-Terrestres», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «O Indomável Rebelde», às 21.30 (13 anos).

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «O Segredo de Fedora», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «O Comboio dos Duros», às 21.15 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Desejos Loucos», às 21.15 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «A Carga do Búfalo Branco», às 21.30 (13 anos)
PÓVOA DE ST.º ADRIÃO – S. José – «A Mais Louca Aventura de Beau Geste», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADÁ – Incrível – «Cadáveres Incómodos», às 21.15 (13 anos)
LARANJEIRO – Instrução e Recreio – «Viver a Dois», às 21.15 (18 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Beco sem Saída», às 21.15 (13 anos)

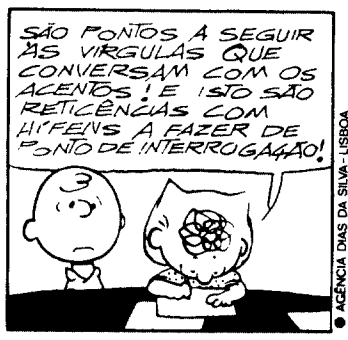
Porto

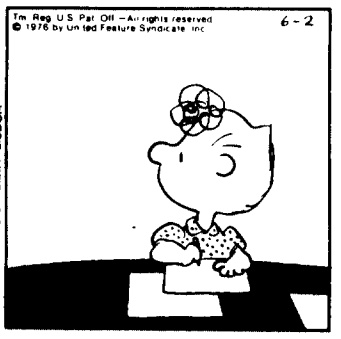
COLISEU – «Jesus da Nazaré», às 21.30 (13 anos)
LUMIER (A) – «A Grande Carrapata», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Par ou Impar», às 21.30 (13 anos)
PASOS MANUEL — «O Comboio dos Duros» 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «A Verdadeira História de Frankenstein», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Terramoto», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO – «Julie», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «Calcinhas ao Léu», às 21.30
OLÍMPIA – «Que Bela Boite de Núpcias», 21.30 (18 anos)
LUMIERE (L) – «O Expresso da Meia-Noite», às 21.45 (18 anos)
TRINDADE – «Superman», às 21.45 (13 anos)
S. JOÃO – «Operação Águias Negras», às 21.30 (13 anos)
SALA BEBÉ – «O Regresso dos Heróis», às 21.45 (13 anos)
CARLOS ALBERTO – «Uma Mulher Só», às 21.45 (13 anos)
ÁGUIA DE OURO – «O Quebra Ossos», às 21.30 (13 anos)

Coimbra

AVENIDA – «Meia Bola e Força», às 21.30 (13 anos).
TIVOLI – «Batalha no Espaço», às 15.15, 17.45 e 21.30 (13 anos)
S. TEOTÓNIO – «Três Horas Decisivas», às 21.30 (18 anos)

lubrificantes
GALP
a máquina é exigente





DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

- ADMINISTRAÇÃO RUA CASTILHO 185 1.º TELEFONES 654531/2/3
- REDACÇÃO PUBLICIDADE E SERVIÇOS TECNICOS
  TELEFONES 321154/5 320271/2/3 320229 372 81 2
  PUBLICIDADE 368760
- SERVIÇO NOITE (DEPOIS DAS 21)
  PORTEIRO 321154
  MENSAGENS GRAVADAS 320229
- ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIÁRIA TELEX 12363
- DELEGAÇÃO DO PORTO
  RUA DO ALMADA 30 2.º TELEFONES 28954 5

"Holocausto" esta noite na RTP-1

Duas imagens da série que esta noite começa a ser «passada» no Canal Um

A RTP, através do seu 1.º canal, iniciará este noite, a partir das 22 e 15, a transmissão da série televisiva «Holocausto», já passada no 2.º canal, materializando assim a deliberação tomada nesse sentido pelo Conselho de Informação. Deste modo, o filme de Marvin Chomsky, baseado no livro do escritor americano Gerald Greene, irá levar a milhões de portugueses, à semelhança do que tem acontecido em muitos outros países, incluindo a Alemanha Federal com um realismo e rigor histórico indesmentíveis, o que foi o extermínio de milhões de judeus e antifascistas operado pelas hostes nazis de Hitler, e de outros dirigentes do Terceiro Reich, como Goebels, Himmler e Goering.

Para além de alguns incidentes fomentados na Alemanha por jovens nazis, à semelhança do que ainda ontem aconteceu em Lisboa durante a estreia do filme de António Macedo «As Horas de Maria», se manifestaram junto aos estúdios da televisão, em Bona, na noite da transmissão do primeiro episódio, «Holocausto» tem provocado reacções favoráveis, mesmo da parte de sectores de direita de vários países europeus, como aconteceu em França, onde o próprio «L'Aurore» (direita radical) o considerou «um folhetim terrivelmente eficaz. Somos sacudidos, agarrados, voltados ao avesso(...), nunca se deve esquecer. Perdoar sim. Esquecer não». Para «Le Matin» (esquerda) o grande interesse do primeiro episódio da obra reside em termostrado como um jovem normal sob todos os aspectos se transforma pouco a pouco num «pensador» SS.

Facto que torna oportuna a transcrição do extracto de um comunicado tornado público há dias pela Juventude Socialista, em que se refere: «A transmissão de «Holocausto» no 1.º Canal permitirá que a população portuguesa tenha a dimensão das atrocidades cometidas pelos nazis antes e durante a 2.ª Guerra Mundial, realidade escondida pela cumplicidade da censura prévia do regime salazarista e possibilitará que muitos milhões de jovens estudantes que se reclamam do fascismo e do nazismo tenham a exacta dimensão dos crimes e atrocidades cometidos pelos seus ídolos que muitos deles certamente tão mal conhecem einfantilmente seguem».

Berlinguer defende participação do PCI no Governo

Luigi Longo e Enrico Berlinguer, respectivamente presidente e secretário geral do PCI foram reeleitos no encerramento do XV congresso do PCI. Não se esperam mudanças quer no secretariado quer nos orgãos directivos.

A comissão encarregada da revisão dos Estatutos do partido modificará o artigo 5 – quer obrigava os filiados ao estudo e a aplicação do marxismo-leninismo.

No novo documento – diz-se que os comunistas italianos se inspiram fundamentalmente na obra de Marx, Lenine e Engels, bem como na filosofia do italiano Labriola e na do fundador do partido, António Gramsci.

Ao encerrar ontem em Roma os trabalhos do XV Congresso do PCI Enrico Berlinguer, reafirmou a tese da necessidade e um Governo de solidariedade nacional, no qual os comunistas participem.

O secretário geral do «PCI» acusou a Democracia Cristã e, em menor escala, os restantes partidos, de serem causadores da situação que levou às eleições antecipadas e apoiou a posição do Presidente da República quanto à necessidade de encerrar o Parlamento, depois de esgotadas todas as soluções para resolver a crise.

No plano ideológico, Enrico Berlinguer ratificou os laços históricos, que ligam o «PCI» à revolução de Outubro e à obra de Lenine, acrescentando todavia que «os comunistas italianos criticam publicamente os defeitos do socialismo soviético e recusam toda a profissão de fé no modelo russo».

Mota Pinto quer metade

Continuação da pág. 1

Comissão Permanente do grupo parlamentar, incluindo Mário Pinto, responsável pelo pelouro do trabalho no «gabinete sombra».

Vilhena de Carvalho, outro dos dissidentes, vice-presidente do grupo parlamentar, diria ontem estar convicto de que «vamos ficar na Assembleia como deputados independentes para defesa do programa do PSD e do ideal social-democrático que serviu de base à nossa campanha eleitoral». Aquele deputado, eleito pelo círculo da Guarda, indicou ainda que o citado grupo dissidente tenciona «propor alterações ao regimento da Assembleia da República no sentido de ser tomada em conta a alta expressão parlamentar de tão elevado número de deputados».

«O facto de sairmos do partido – afirmou também Vilhena de Carvalho – não significa que não possamos regressar ao PSD no dia em que este for dirigido em termos que ofereçam garantias de uma prática social-democrata».

Juntamente com Vilhena de Carvalho, compõem a Comissão Permanente do grupo parlamentar do PSD, Cunha Leal, Sérvulo Correia, Marques Mendes, Magalhães Mota, Braga Barroso e Cunha Rodrigues. São estes elementos que se encontravam ainda reunidos em S. Bento ao fecho desta edição elaborando um comunicado-síntese das moções e resoluções aprovadas na reunião de ontem alargada a todo o grupo parlamentar.

Em termos de alterações no interior do PSD fala-se para já em que Nandim de Carvalho, embora não abandone o partido, deixará os Conselhos de Informação enquanto Pedro Roseta, um dos novos homens-fortes do PSD, passará a assumir a liderança daqueles conselhos, dando-se assim como adquirida uma titude de «endurecimento» da linha social-democrata relativamente à Comunicação Social.

Na reunião efectuada ontem pelo Grupo Parlamentar sobressaíram as tentativas conciliatórias levadas a cabo por Nandim de Carvalho, Sá Carneiro e Menéres Pimentel.

O primeiro apresentou uma moção que visava conciliar «as várias posições dentro de um prazo que tinha por limite o próximo Congresso do PSD». A moção foi rejeitada por oito votos «Sá-carneiristas»), teve cinco a favor e os restantes (cerca de 40) foram abstenções.

A intervenção de Sá Carneiro e as tentativas pessoais de Menéres Pimentel feitas durante a tarde e à noite, iam no sentido da moção de Nandim de Carvalho, ou seja, evitar rupturas até ao próximo congresso.

Entretanto, Magalhães Mota, presidente da Comissão Permanente do Grupo Parlamentar limitou-se no final da reunião de ontem a indicar que a maioria dos deputados renovou a sua confiança na direcção grupo parlamentar e acrescentou que foram aprovadas algumas deliberações críticas em relação a certas posições assumidas pelo Conselho Nacional do partido, que teve lugar no passado fim-de-semana na Guarda.

(Hoje 28 páginas)

FERIADO
DE 25 DE ABRIL

VIAGENS ESPECIAIS

ATENAS — 22 a 29 de Abril
LONDRES — 22 a 29 de Abril
ROMA — 22 a 29 de Abril

INSCREVE-TE JÁ

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

LISBOA Av da Liberdade 160 Telef 371341
PORTO Av dos Aliados, 207 Telef 317921
COIMBRA Rua da Sota, 2 Telefs 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar 65 Telefs 25035/6
FUNCHAL Rua do Gorguilho, 1 Telefs 31077/8

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

ELEIÇÕES MUNICIPAIS EM ESPANHA

Esquerda vence nas principais cidades

Os espanhóis votaram ontem nas suas primeiras eleições municipais democráticas desde há cinquenta anos, dando a vitória aos socialistas em Barcelona, a segunda cidade do país, do mesmo modo que a esquerda se mantém à frente na capital espanhola.

Com 73 por cento dos votos escrutinados em Barcelona, os socialistas tinham já alcançado quinze lugares no Conselho Municipal desta cidade, quedando-se os comunistas de Catalunha e os centristas do partido do primeiro-ministro Adolfo Suarez, a UCD, com nove lugares cada.

Em Madrid, com 50 por cento dos votos contados, os centristas levam uma ligeira vantagem de 26 lugares contra 24 para os socialistas e 9 para os comunistas.

Porém os observadores políticos prevêem uma aliança entre os socialistas e os comunistas que assim dominarão o município de Madrid.

Avalia-se a participação eleitoral de 65 por cento, o que é ligeiramente inferior à taxa de 68 por cento registada nas eleições gerais de há um mês.

Na província a UCD regista uma larga maioria.

No País Basco os separatistas encontram-se à frente dos nacionalistas moderados.

Dirigentes socialistas e comunistas vão começar a negociar uma aliança que lhes permitirá, a partir de 18 de Abril, fazer designar alcaides de esquerda pelos conselheiros municipais eleitos.

Na sede da UCD em Madrid o ambiente era de apreensão perante a importância do êxito da esquerda.

É, no entanto, de referir que dada a sobrevalorização dos votos provindos das zonas rurais pelo sistema eleitoral em vigor, a UCD regista uma confortável maioria de vereadores a nível nacional. Os últimos dados divulgados dão 16.053 vereadores para a UCD, 5.629 para o PSOE, 1.659 para o PCE e 1249 para a Coligação Democrática.

Quem não gostou da vitória da esquerda nos grandes centros urbanos foi a polícia que carregou com brutalidade na noite passada à volta da Plaza Mayor onde várias centenas de manifestantes celebravam o êxito dos partidos de esquerda nas eleições municipais em Madrid. Vários manifestantes foram feridos.

Rome tome

OIÇA LÁ

Rui Camacho, ex-chefe de redacção dos noticiários da RDP regressou à ANOP. À entrada encontra um conhecido jornalista que lhe diz:

– Oiça lá ó Camacho, aquilo na RDP está mesmo feio.

– Porquê? Inquire Camacho.

– É que apesar de tudo, você conseguiu sair pela esquerda...

LEÕES DO QUELHAS

Dois leões encontram-se na Rua do Quelhas. Um está gordo e outro magro.

Diz o leão gordo:

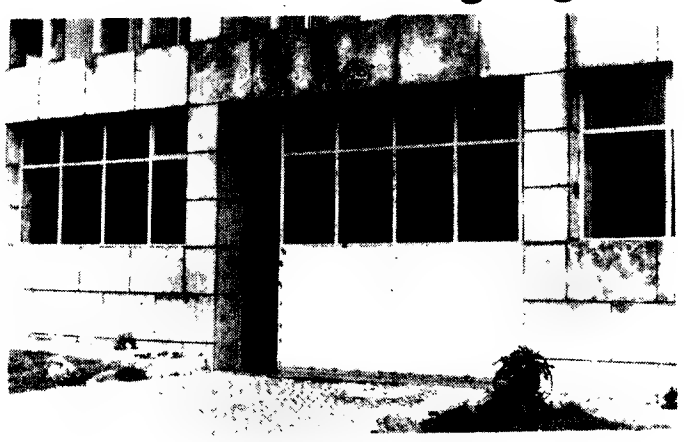
– Então, estás a dieta ou quê?

O magro, desconsolado e pálido responde que não, que anda «aos caídos» mas que não lhe toca nada. O gordo, ainda palitando os dentes, responde-lhe:

– É pá, faz como eu. Anda para a RDP. Comes todos os dias um chefe novo e ninguém dá por nada...

QUANDO ARRUMAVA O AUTOMÓVEL

Mulher violada na garagem



Com os rostos deformados pelas meias de senhora, os algozes violaram a sua vítima nesta garagem

Uma mulher de trinta anos foi esta madrugada assaltàda por três indivíduos que a violaram. O crime verificou-se cerca das 4 da manhã, numa garagem de um edifício no Monte Estoril, momentos depois da vítima guardar ali o seu automóvel. A violação foi consumada com os algozes de cabeça coberta com meias de senhora que lhes deformavam os rostos.

A vítima, cuja identificação aqui não reveladmos por motivos óbvios, é uma mulher muito bonita e atraente, proprietária de uma «boite» na zona da Costa do Sol.

Declarações confiadas ao «DL» por um irmão da senhora violada (esta recusou-se a falar fosse a quem fosse, não desejando tão pouco participar os factos à Polícia) fazem supor que o objectivo dos bandidos não foi, apenas, a violação: eles roubaram-lhe joias no valor de cinquenta contos e uma importância em dinheiro não determinada.

A circunstância da vítima ser dona de uma «boite», aberta ao público pela madrugada adentro, faz com que ela seja, talvez, a última inquilina do prédio a regressar a casa. Desta vez, tinha três homens sem escrúpulos à sua espera.

A hora tardia em que se verificou o assalto e violação, por um lado, e o facto de tudo se ter passado dentro da garagem fechada, por outro, não permitiu que a vizinhança se apercebesse do crime que se desenrolava «lá em baixo». Esta manhã, a porteira do edifício estava completamente «em branco», não tinha sequer ouvido falar disso.

A vítima é divorciada, tendo a seu cargo duas sobrinhas, menores.

Por último, crê-se que os assaltantes sejam frequentadores da «boite» conhecendo os hábitos da sua vítima, nomeadamente o usso de joias e a rontina do regresso a casa com o **apuro** da «boite».

Está a chegar o "novo" partido

Continuação da pág. 1.

tivo no seio do seu partido? E se decidisse retirar-se para a RFA durante dez meses, para novo período de tratamento? Não há muitas certezas. A única é que Carlos Macedo, ex-dissidente de Aveiro, fala antes do líder. Nas mãos deste advogado nortenho está igualmente o futuro dos sociais-democratas. O tema principal do seu discurso seria, segundo as previsões que nos adiantaram, a posição do Presidente da República, vista com maus olhos pelo remanescente do PSD. As iras das bases, uma vez mais espontaneamente suscitadas, poderiam ainda ser aplacadas. Mas, o novo bloco, pleno de «pujança», parece ser inevitável, apesar de alguns socialistas ponderarem com precaução a oportunidade de «repescarem» alguns dos inadiáveis para o PS.

N.º 4/79 ● Quarta-feira, 4 de Abril de 1979

MESA REDONDA

Contraponto de opiniões

NESTE SUPLEMENTO
O "negócio" dos medicamentos - 1

participam
Luís Ferreira
Diamantino Elias
Luís Teodoro
Luís Bastos
António Bernarda
Vasconcelos Dias

Gastaram-se, no nosso País, no ano passado, cerca de 16 milhões de contos em remédios. O Estado foi quem mais pagou. Apesar disso, continua a não intervir directamente neste sector, para grande alegria das multinacionais e dos seus representantes em Portugal.

A situação actual da indústria farmacêutica, o papel dos diversos sectores do circuito e a eficácia do medicamento, foram alguns dos temas desta mesa-redonda. Participaram Luís Ferreira, do Sindicato da Indústria e Comércio Farmacêutico; Diamantino Elias. do Sindicato dos Ajudantes de Farmácia; Luís Teodoro, da Associação Nacional de Farmácias; Rui Bastos, da Ordem dos Farmacêuticos; Vasconcelos Dias, da Ordem dos Médicos, e António Bernarda, administrador da UNIFA.

Curiosamente, quer a Associação de Importadores, quer a Associação dos Industriais, recusaram categoricamente estar presentes neste debate. Como representantes de sectores que poderiam ser atingidos, com uma intervenção estatal, tinham uma palavra a dizer. A mesa-redonda explica, talvez, um pouco do seu silêncio. Pelo interesse do problema e pela extensão do debate esta mesa-redonda terá duas partes. Na primeira, a de hoje, uma análise global do sector e, na segunda, a publicar numa das próximas semanas, o papel da Farmácia, o formulário e a eficácia do medicamento.

Que espera o Governo para intervir na indústria e comércio farmacêutico?

DL — A primeira pergunta será relacionada com o mercado em Portugal, condicionado como está ao mercado das multinacionais. Isto é: qual é a situação neste momento emPortugal, do medicamento? Qual o controlo deste país por parte das multinacionais. Que alternativa e que perspectivas para esse tipo de controlo?

Luís Ferreira – A sua pergunta põe duas coisas diferentes, por isso é preciso ordenar. Uma delas é: política de medicamentos. Outra pergunta é a situação no mercado farmacêutico. São duas coisas completamente distintas, mas que se articulam. É preciso, para que a gente tenha uma compreensão relativamente precisa deste problema, primeiro considerá-los independentemente e depois ver de que modo eles se articulam. Já ouvi aqui alguém sugerir que não havia uma política de medicamentos em Portugal. Eu sou perfeitamente contrário a esta afirmação.

Dr. Vasconcelos Dias — Não foi bem isso,se existe qual é? Eu não sei bem qual ee que existe. Está de acordo?

L.F. – Sr. Dr. Vasconcelos Dias, a ausência de definição de uma política...

V.D. – Também é uma política.

L.F. – Também é uma política, e serve determinados objectivos. Isto é uma coisa que a gente constata. Em termos afirmativos não há de facto. Há indicações, mas não há de forma coerente uma articulação entre política de medicamento e política de saúde como aliás não existe sobre a política de saúde uma política coerente. O que não quer dizer que isso não pressuponha uma determinada política, quer na saúde, quer no medicamento. Antigamente dizia-se: «laissez faire, laissez passe». A política do deixa passar, deixa fazer, o liberalismo, está presente no sector da saúde e está presente no sector do medicamento que lhe está ligado.

António Bernarda – É melhor dizeres que não interessa que haja uma política do medicamento...

L.F. – Não interessa a quem?

A.B. – Bem, tu perguntas a quem! Se calhar essa falta de política, digamos, poderá haver interesses... Mas que não há política, quer dizer, talvez disesse...

V.D. – Que não se estrutura e se escreva pelo menos uma política de medicamentos...

L.F. – Uma política de medicamentos, quem é que deve, predominantemente, servir?

É preciso termos uma base consensual de política de saúde e política de medicamentos, que deve estar ligada, deve servir os interesses da grande maioria da população. Estes são os interesses que se pretende servir em termos de saúde, em termos de medicamentos. Em minha opinião, o medicamento é um instrumento em política de saúde, deve servir a maioria da população. A ausência de uma política de saúde e de uma política de medicamentos consequente, serve quem vê os frutos. E quem vê os frutos é quem tem maior capacidade de gerir o seu negócio. Quer dizer, a gente temos de ser muito claros: quem vê o futoro aproveita-o. Portanto não há uma definição.

A.B. – Eu diria que o que você está a pôr são dois factos incompatíveis. O haver uma política de medicamentos que interessa a população em geral, e portanto esse seria o objectivo e por outro lado o medicamento, mesmo que seja pouco moral dizê-lo, é uma fonte de receita, produz lucros. Portanto, há aqui uma certa incompatibilidade; não se pode desenvolver uma indústria que produz lucros e, compatibilizá-la com a outra parte dos seus objectivos, que ao fim e ao cabo era a saúde e a população em geral. Portanto há aqui uma certa incompatibilidade entre estas duas posições, porque ela serve tanto melhor a população, digamos, quanto mais acessível for a essa mesma população.

16 MILHÕES DE CONTOS

L.F. — Há mais razões. Há muito mais. Mas esta em relação portanto à política de saúde e de medicamentos, parece-me que há uma base e uma relação enas duas. Por outro lado, vamos agora ver a situação, digamos de mercado de medicamentos. O mercado de medicamentos, é de facto um mercado que apresenta características muito engraçadas. É pouco conhecido, e antes de mais tenho a dizer, que é um mercado que está em perfeita expansão, é quase como o universo. O que quer **dizer que em volume o mercado de** medicamentos é de facto um mercado que cresce de ano para ano. Este ano foi de cerca de 37 por cento...

DL – Comparando com outras indústrias, como é?

L.F. – Já o ano passado tinha trinta e tal por cento também. Em 78, em relação a 77, foi trinta e tal por cento também.

Diamantino Elias – Está a crescer á média de trinta e tal por cento. Isto em balor.

L.F. – Em 1973 os laboratórios venderam três milhões de contos de medicamentos. Em 78 venderam 10 milhões.

DL – Através das farmácias?

L.F. – Através das farmácias. Ainda há a somar a venda hospitalar e a venda por outros canais.

Rui Bastos – Evidentemente que esses números são preços de grossista, na medida em que esses números revertidos a preços de venda ao público dão 14 673 969 escudos e se realmente lhe juntarmos os hospitais e ao mesmo tempo o facto de não terem sido consideradas as actualizações de preços, digamos que o ano passado foram 16 milhões de contos, pagos pelo póblico.

D.L. — Só a previdência pagou 8 milhões duzentos e trinta mil.

L.F. – Isso são números redondos. Mas eu penso que aqui há que focar esses números, para ver que a taxa de evolução em escudos média deste mercado, é muito superior à taxa média de inflaçao no mesmo período.

R.B. — Na medida em que houve crescimento na ordem dos 36 e meio a 37 por cento, a taxa de inflação estava na ordem de 24 a 25 por cento, naturalmente houve um crescimento de consumo na ordem dos 4,2 por cento. No entanto, temos que considerar que no primeiro trimestre de 1978 houve também uma incidência de gripe bastante acentuada que fez expandir o mercado, pelo que vamos ver que fundamentalmente o nosso mercado neste momento e condicionado pelos aumentos de preços dos medicamentos. Em primeira instância, pelo aumento de preços dos medicamentos importados. Em segundo lugar pelas introduções de medicamentos novos que normalmente têm preços bastante elevados. E só depois pelas actualizações dos medicamentos que são cá fabricados, onde essas actualizações vêm praticamente só da alta de preços da matéria-prima que entra na composição dos medicamentos.

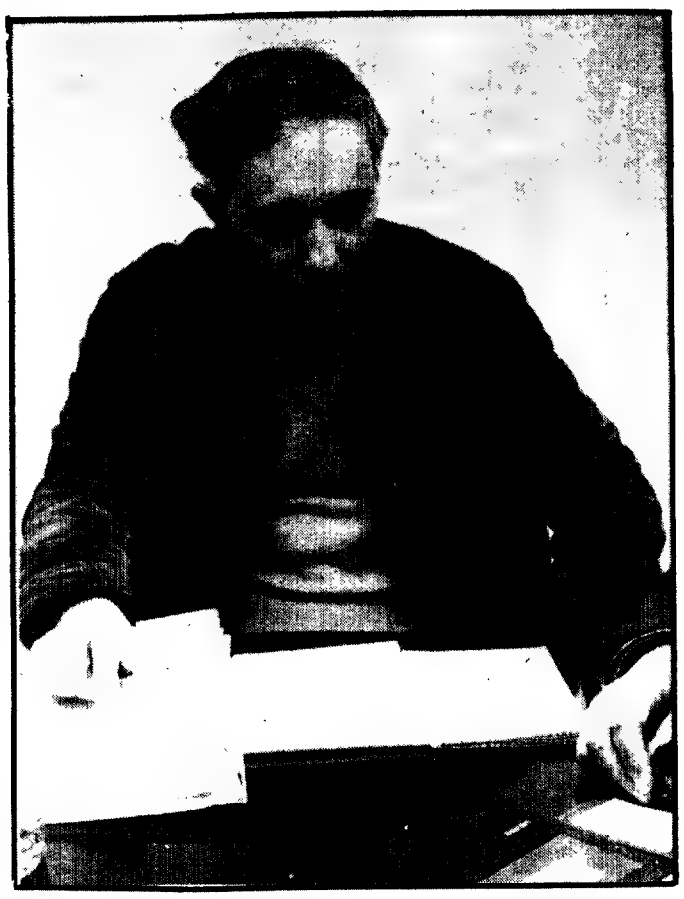
DL – E isso globalmente dá...

A.B. – Eu diria que os aumentos dos preços, as variações dos preços em Portugal é que são benignas, porque algumas das matérias-primas dos produtos produzidos em Portugal, também o preço dessas matérias-primas não são nada benignas. Portanto, a variação em relação aos produtos importados é mais benigna. Mas não quer dizer que as matérias-primas não tenham um preço internacional elevado e em aumento.

R.B. – A variação é realmente mais benigna, mas se um medicamento é fabricado com uma matéria-priam que vem da Suíça ou que vem da Alemanha, muitas vezes é o

MESA REDONDA

Podia-se economizar nos remédios. Os médicos, na maioria, receitam caro. Os utentes preferem "do bom". Um ciclo vicioso



que sucede, já sabemos que só pela própria desvalorização do escudo face a essas duas moedas, que a matéria-prima em escudos tem um crescimento bastante acentuado. Mas todos nós sabemos que a matéria-prima no cálculo do preço do medicamento não entra sempre da mesma maneira e na mesma proporção. Daí nós dizermos que só na medida em que a matéria-prima entra na forma de cálculo do preço do medicamento, é que a alteração do preço do medicamento fabricado dentro do país sofre por via de regra um aumento benigno, independentemente da matéria-prima. Mas, principalmente, no que respeita a um medicamento importado, independentemente da chamada inflação importada, que se traduz sempre por um aumento de preço do medicamento de origem. Nós temos assistido ultimamente a uns aumentos de preços dentro do nosso País. Digamos, nos medicamentos importados quase há uma triplicação no preço relativamente ao preço que eles tinham por exemplo no último trimestre de 1977, em que esses aumentos, essa triplicação de preços não pode ser pura e simplesmente imputada á desvalorização do escudo, e reflecte mas duma maneira nítida a inflação importada. Embora, paradoxalmente, a gente olhe para as taxas de inflação desses países e, claro, como acontece por exemplo na Suiça, essa inflação não ultrapassa um por cento.

DL – Em relação a esses preços queria saber, em relação às multinacionais, e a pergunta começou por aí e depois especificou-se em questões de preços queria saber: atendendo a que o aumento de preço da matéria-prima da origem aumenta sem qualquer controlo da parte do Governo português, que alternativas para isso ou que hipóteses de controlo do preço da matéria-prima.

A.B. – O problema dos preços dos produtos farmacêuticos merece quase nesta conversa um capítulo especial, na medida em que a actual legislação praticamente pretende fazer preços reais, basear-se em preços reais. Portanto, preços reais que têm os seus preços internos, que podem ser comprovados por facturas respectivas quando são preços de produtos fabricados. Digamos, baseados na própria contabilidade interna das empresas para justificar o preço dos produtos. Digamos portanto são preços reais e onde o preço sobe, é exactamente nos produtos importados.

E é nas matérias-primas, que neste momento não existe legislação que controle os preços. Nalguns países, como por exemplo, na Inglaterra, as matérias-primas não podem ser vendidas, à vontade da multinacional que queira lá vender os produtos.

FALTA A LEGISLAÇÃO

DL – E cá não?

A.B. – Cá não. Mas acontece que muitas vezes as matérias-primas, por exemplo em relação a produtos novos, não têm competidor no mercado, e, portanto, é extraordinariamente difícil o controlo do preço de um produto novo, enquanto o produto não tem concorrente para estabelecer um preço de comparação.

L.F. — No fundo é o preço internacional da matéria-prima como termo de comparação.

A.B. – O que acontece também é que a nossa própria legislação exigir ensaios clínicos. Ensaios de estabilidade, ensaios clínicos etc. que normalmente em relação a um produto novo só podem ser obtidos através da multinacional ou de um centro de investigação que a represente, e sem esses não se poderá fazer o registo. E a empresa só licencia o produto se lhe for adquirida a matéria-prima. Mesmo que apareça, como acontece com muitos produtos, o «bandido» que faz a fórmula e consegue fazer a síntese, o que acontece é que enquanto não aparecer na bibliografia os ensaios clínicos e os ensaios de estabilidade em relação a esse produto, não é possível através da nossa legislação adquirir esse produto ao laboratório que fez essa cópia, exactamente porque esse laboratório não dispõe na bibliografia de dados publicados para introduzir o produto em Portugal. E portanto a nossa própria legislação que me parece que estava bastante adiantada em 57, hoje é igual a muitos países, leva a que se os nossos laboratórios quiserem introduzir produtos novos terão que ser licenciados e terão que obrigatoriamente adquirir por esse licenciamento a matéria-prima ao licenciador: que faz o preço, sem controlo cá.

Em relação á nossa legislação de preços dado que todos os outros factores são factores reais, o único que fica dependente realmente é o preço da matéria-prima que terá que ser oficialmente controlado. Enquanto não for controlado permite por exemplo que uma Ampicilina, que é um produto relativamente barato em qualquer mercado, possa aqui atingir preços extremamente altos porque na verdade o preço de origem dessa mesma Ampicilina é digamos 100 ou 200 vezes mais que o custo normal da Ampicilina.

L.F. – Não há dúvida que o mercado português está, em termos de venda de produtos, dominado por firmas cuja sede e cuja origem de capital não se situam cá. São as chamadas multinacionais. Isto em princípio não teria mal nenhum se elas tivessem sede cá ou se houvesse algum controlo sobre os preços praticados por essas multinacionais. Na verdade, como disse o sr. eng. esse controlo é muito difícil, e não está previsto na nossa legislação qualquer atitude de controlo a esses preços. A princípio o preço de medicamentos é formado, tomando como boa, a informação da própria multinacional sobre o preço da sua matéria-prima.

Resumindo e concluindo, o preço da sua venda ao público é calculado sem restrição. O que é que o limita? No fundo, a capacidade do comprador. Simplesmente, neste mercado o que acontece também é que o pagador não é o utilizador. Quer dizer o doente não paga todo o medicamento, o medicamento é comparticipado. Se tivessemos um comprador-tipo em Portugal, o doente-tipo em Portugal, o doente-médio, o «oscar» dos doentes, o medicamento que custasse na realidade em preço de venda ao público 100$00, o «doentinho» só paga 40 em termos médios, 60$00 são pagos através do Estado, o Estado paga 60$00. Portanto, o público não sente com tanta intensidade o preço do medicamento em virtude de ser comparticipado em 60%. Isto torna o mercado extremamente interessante. Aliás este é um mercado, senão o mais rentável, um dos mais rentáveis. Este é um dos mercados que dá mais lucro, para as grandes empresas as chamadas multinacionais, que realizam os seus lucros muitas vezes fora do país de origem, isto é nos paraísos fiscais. Uma multinacional americana não realiza os seus lucros na América, realiza os seus lucros nos países onde paga menos fisco, porque ela tem uma área que abrange o Mundo todo. Tem 50, 60 ou 70 filiais e uma delas está, por exemplo, no Lichenstein. Quer dizer a multinacional no país de origem produz um preço e depois faz uma série de manobras de envio de matéria-prima através do Mundo, faz a chamada viagem através do mundo em que vai alterando, o preço, sucessivamente, através das suas filiais. Às vezes são firmas até fantasmas, no Liechenstein por exemplo há muitas firmas dessas:

Recebem papéis, carimbam com o novo preço. Assim, esses papéis servem para afixação dos novos preços, e os lucros não são realizados cá. São realizados no Liechenstein, na Suiça, nos países onde os impostos sobre os capitais e sobre os lucros são mínimos. Países que curiosamente são aqueles que nos fazem os grandes empréstimos.

DL – Pois. Quer você dizer que através dos produtos farmacêuticos pode haver qualquer tipo de pressão?

LF. – Não só. Também poderá haver, mas não é aí que eu quero chegar. Quero dizer que a nossa balança de pagamentos que é deficitária e uma das partes desse défice deve-se aos produtos farmacêuticos...

DL – Quanto?

LF. – É difícil calcular neste momento, não há números precisos, o orçamento não é muito preciso nisso. Mas para pensarmos um bocado, a gente gastou o ano passado 4 milhões de contos em matérias-primas, um pouco mais do que isso talvez 5 milhões. E isto em grande parte está sujeito a esta manobra, difícil de quantificar.

DL – Pois dizia você, que é uma indústria altamente lucrativa.

LF. – É das mais lucrativas se não for a mais.

A.B. – Se bem que isso não seja patente em Portugal, e nem sequer através dos balanços das próprias empresas, uma vez que digamos a empresa licenciadora e a empresa que vende normalmente o produto tem participações altamente volumosas em investigação. Normalmente na ordem dos 7 a 8 por cento. É difícil muitas vezes controlar esses próprios valores, mas é nessa base dos gastos em investigação que uma síntese relativamente baixa e barata vem atingir preços bastante altos, visto que leva a sua comparticipação exactamente em relação à própria investigação.

Em relação aos laboratórios nacionais, ainda completando o problema do licenciamento, o que acontece, por exemplo, é que existem talvez dois ou três que têm condições próprias ou tecnologia ou uma investigação reduzida, que poderia efectivamente, a partir de determinadas matérias-primas, poder atingir condições necessárias e suficientes para aprovar um produto em Portugal. Pois são esses dois ou três laboratórios e não é mais possível fazer uma indústria que nem sequer transformadora é, uma indústria misturadora dependente dos preços que as multinacionais marcam. Sintetizando, a dependência é de 90 e tal por cento. Directo e indirecto somado é quase total.

R.B. — Desculpe, quer referir-se pura e simplesmente ao aspecto da manufactura de medicamentos a partir de matérias-primas oriundas do exterior ou abordou também?

A.B. — Um pouco as matérias-primas e até a possibilidade de adquirir por exemplo, digamos uma matéria-prima no mercado... Não existem ensaios de estabilidade laboratoriais.

COMPLETA DEPENDÊNCIA

DL — Portanto nos estávamos a falar na dependência do mercado que é de 90%...

L.F. — Mais, directa e indirecta.

DL — Também me disseram que é altamente lucrativo e agora eu gostava de ouvir a opinião da Associação Nacional de Farmácias que é o seguinte: tem também essa opinião a Associação Nacional de Farmácias?

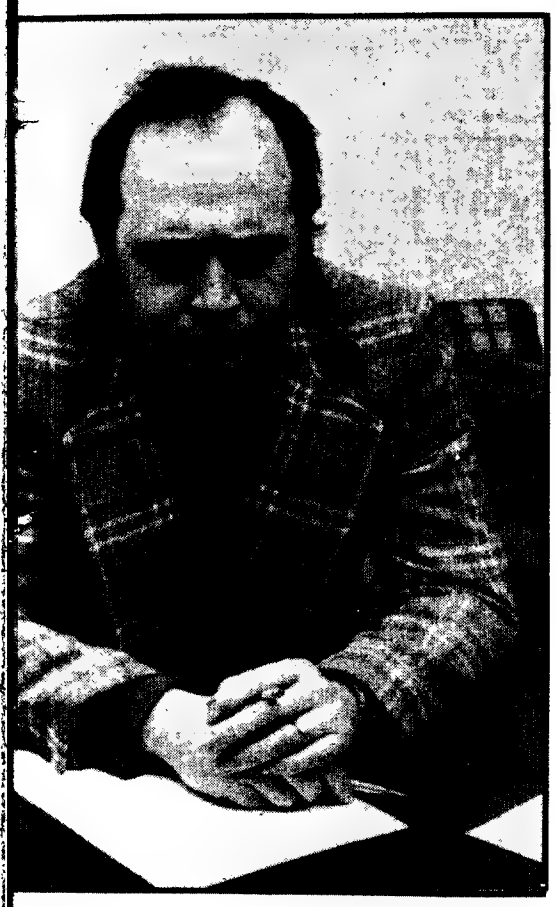
Luís Teodoro – De? Diga?

DL – De que se trata de uma Indústria altamente lucrativa?

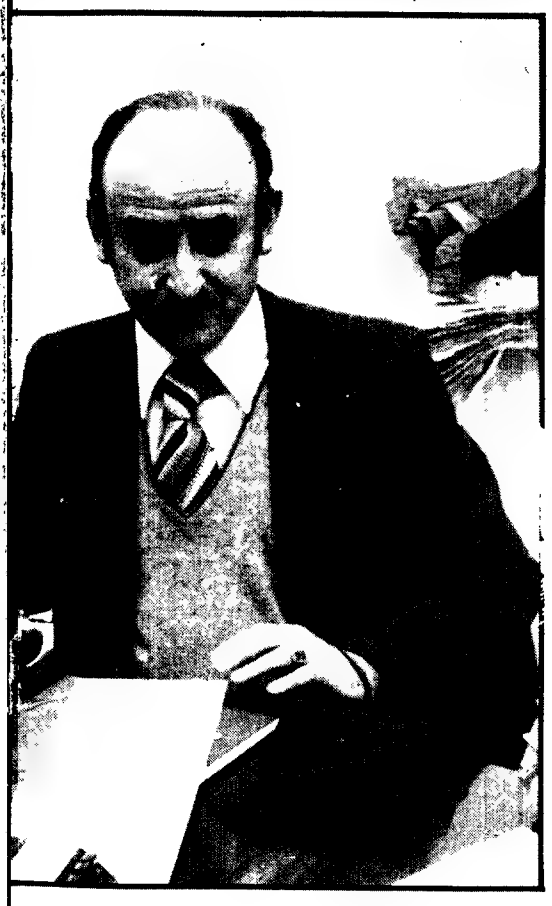
L.T. – Temos, temos, de que é rentável.

DL – E diga-me porque nos comunicados sempre a Associação, nas posições ANF, está sempre pessimista em relação à

O ano passado gastaram-se 16 milhões de contos em medicamentos.



Da esquerda para a direita: Em cima – eng.° António Bernarda, Luís Teodoro e Luís Ferreira. Em baixo – Diamantino Elias, dr. Rui Bastos e dr. Vasconcelos Dias



situação do mercado?

L.T. — A situação pessimista em relação às farmácias não ocupa propriamente a política de medicamentos mas...

DL– Mas sim das dívidas da Previdência...

L.T. – Mas sim da situação das farmácias propriamente no contexto deste país. E não propriamente da política de medicamentos. Como sabe, as farmácias recebem os medicamentos e têm determinadas margens, portanto quando os medicamentos chegam às farmácias já vêm em determinadas condições, pois as condições de rentabilidade de ser uma indústria altamente lucrativa, pois a partir daí penso posso fazer contas penso que é pura matemática.

DL – Qual é neste momento a margem de lucro, que deve ser variável não é?

L.T. – Não. É sempre 20%.

DL – Sempre 20%, é fixo!

D.E. — Não é fixo. Desculpe eu aqui meto a colher para dizer que não é fixa, que na farmácia não é verdade que tem uma rentabilidade de 20%. Uma grande parte dos proprietários de farmácias já se organizaram em cooperativas o que lhes permite ter um bónus de mais 5%. Os proprietários de farmácia também seguem um sistema, aliás, muitos conseguem pagar a pronto pagamento e têm mais 3% e ainda há outra coisa: é que há medicamentos que dão lucros extra. Há medicamentos que se usa em automedicação...

DL – Isso pesa no mercado?

D.E. – Eu não sei, em certos casos sempre pesa. Desculpe, mas dá certo resultado. E há ainda certos medicamentos que se receita e se vendem por receituário que são adquiridos com bónus. Evidentemente que isso durante uns tempos parou mais um bocado mas houve um tempo em que isso se utilizou escandalosamente. Parou um bocado mas ultimamente começou a aparecer novamente em relação a alguns produtos. E são produtos que por exemplo têm concorrência. Produtos que, por exemplo. se o médico receitar um complexo B de marca, a farmácia não pode vender outro a não ser a marca que o médico receitou. Mas se receitar só complexo B, há firmas que entram no mercado a concorrer com os complexos B porque a farmácia tem interesse a vender mais este em prejuízo de outro.

E aí aparecem alguns laboratórios. E aí, agora, eu pergunto e isso agora é que eu não sei, os homens de laboratório sabem mais desse problema, porque é que estas firmas fazem esta política? Sobretudo em certos produtos concorrenciais.

R.B. – Eu tenho a impressão Sr. Diamantino que actualmente é insignificativo o peso desses bónus no montante do mercado farmacêutico e infelizmente temos de dizer que grande parte das casas produtoras de medicamentos que entram nesse sistema, é sinal de que a sua saúde económica é bastante débil.

A.N.F.: «SIM» à produção nacional

DL – Mas o que nós dissemos até agora sobre a dependência, a alternativa, por exemplo, de fabrico em Portugal, qual é a posição da Associação de Farmácias, sobre tudo isto?

L.T. – A Associação Nacional de Farmácias sempre defendeu, e foi subscritora de um documento que foi elaborado por um grupo de trabalho da Secretaria de Estado da Saúde e pelo Ministério dos Assuntos sociais. Subscreveu esse documento em que uma das alternativas era exactamente substituição das importações por produção local, porque não tenho dados para poder afirmar, mas na verdade a quantidade de cartonagens e frascos que se importam através dos produtos importados é bastante significativo, o que causa certas perturbações à própria empresa exportadora uma vez que fazer pequenas escritas em português, muitas vezes é um argumento para vender mais caro. Portanto, escrever em português, altera às vezes os próprios custos.

DL – Doutor, eu agora gostaria de saber a sua opinião como médico sobre isto. Sobre a política de medicamentos.

L.T. – Eu só queria completar. Não digo que, o valor dos produtos em bonificação não sejam importantes. E normalmente há aqui uma discussão que é o valor absoluto, os valores podem ser um tanto ou quanto interessantes para uma farmácia, agora em valor relativo, em relação a 16 milhões de contos de produtos, vá que sejam 20 mil a 30 mil contos na verdade é 0,5 por cento ou coisa que o valha. Na verdade, representa um valor absoluto considerável ainda, mas na verdade não tem impacto nenhum no total. Reduzindo a percentagem no total nós podemos dizer que o resultado é insignificante. Contudo em relação à farmácia como valor absoluto às vezes dá um certo jeito, não tem é qualquer significado.

D.E. – É um produto que é vendido e que foi adquirido grátis, portanto toda a totalidade da parte recebida, entra numa farmácia como lucro. Isso vai aumentar realmente aquela percentagem de que às vezes as farmácias dizem que vivem.

ECONOMIZAR NOS REMÉDIOS

V.D. – Vamos a ver se eu consigo sem me alongar muito responder e tocar estes assuntos todos. De resto, é claro, aqui esta gente toda que aqui está hoje já discutiu comigo. Naturalmente como calcula, eu como médico não tenho a pretensão, nem sequer os conhecimentos que hoje me têm enriquecido aqui a ouvi-los e a dialogar.

Portanto, o problema dos medicamentos em Portugal, o problema de não existir de facto uma política definida, ou uma política assumida conscientemente, é talvez um problema importante que importa levantar, que importa equacionar. No momento em que o papis se determina em relação à saúde numa determinada orientação e pretende assumir-se sobre o ponto de vista material uma responsabilidade grande, tudo quanto seja embora como eu disse aqui possamos livrar a economia em um milhão ou dois milhões. Mas num país economicamente débil como o nosso tudo quanto possa constituir possibilidades de economia, pois tem um total apoio, com certeza dentro de uma estrutura que acautele, porque isto é uma política não só nacional não só do medicamento. é uma política internacional. Estas multinacionais quando interferem em grandes sectores, o país não tem contrapartida, porque se tivesse contrapartida podia regatear e é isso que faz submeter e o faz de certo modo desistir de política de saúde. Porque veja uma coisa: tem que importar 90% de matéria-prima, só com 10% de matéria-prima o que é, que eu faço, só com 10% não se resolve o problema da medicamentação no país. Logo estamos dependentes, não temos em contrapartida uma outra matéria-prima que possamos atirar para a frente. De maneira que é um problema difícil de política internacional. Mas interessa agora a nós portugueses resolver o problema, há que estudar uma maneira de economizar nos medicamentos, sem lesar grandemente essas posições assumidas e essas dependências. Até porque grau a grau a coisa vai, depois, encarando com mais facilidade uma política de preparação de manipulação, de desenvolvimento local, de um certo número de laboratórios e até de fixação, outra coisa que nós também defendemos. Criar condições para que algumas dessas multinacionais se possam fixar aqui, e então já há um valor de trabalho, de mão-de-obra, de emprego, etc.

Em relação ao problema que se falou aqui também de os médicos para justificar o valor que levam pelas consultas, passarem de facto receitas vultuosas, eu digo que se gasta neste país como nenhum, dinheiros em análises, radiografias inúteis e em supermedicação. Ou pelo menos não há uma racionalização em medicação. Isto é fundamental. Eu posso assumir essa responsabilidade perante os meus colegas, porque tenho tido o cuidado ao longo dos meus 35 anos de médico de defender uma política e passo, como disse aqui, sulfato de sódio tal, sulfato de magnésio tal, misture num papel e dê, em vez de dar um remédio caro.

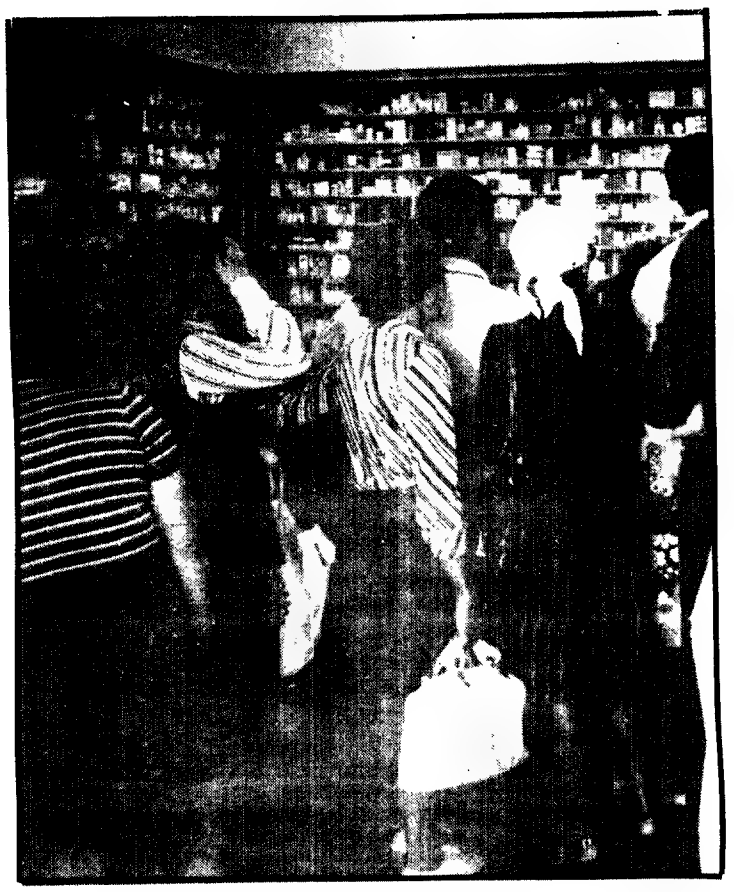
Isto não é vaidade mas é preciso ter categoria para poder impingir isto a doente que pagou 300 e mais dele e leva uma receita de 20 paus. Não sei se entendeu. Mas falando nisto eu tenho que ser justo. A leva de recém-licenciados em medicina não tem culpa de não saber, não tem culpa de não estar preparada para lidar com os doentes e para os dominar.

Quando eu há bocadinho falei de transferência de automedicação, a senhora vai comigo para o posto e diz: doutor eu quero aqui um calmante. E o médico não tem categoria para lhe dizer: um calmante para quê? Quer mais alguma coisa? Está a perceber? Isto tudo tem que ser equacionado. Isto não tem segunda intenção, é pena que assim seja, mas é verdade. Por isso, é preciso que tudo isto, toda a educação médica, educação sanitária e cívica do utente, porque também agora, vou dizer mal do utente. O utente chega à caixa e diz assim: você passa tudo porque eu desconto para si, eu sou seu patrão. Eu pus dois na rua, percebeu? Isto acontece. Por isso, é preciso que isto seja tudo ajustado, e depois vamos daqui para a frente todos juntos, não cada um para o seu lado está a perceber?

D.E. – Neste aspecto, eu como profissional de farmácia posso confirmar o que o sr. dr.? É verdade isso que se passa, é preciso haver um prestígio muito grande do médico para, por exemplo, vai-se a um médico de nome, e o doente aceita tudo o que o médico lhe receita não discute sequer por uma coisa barata, ainda é capaz de dizer: este

MESA REDONDA

A nossa dependência das multinacionais é quase total. Ditam as leis, dominam o mercado



médico é tão bom que me passou... Mas vai um médico da Caixa o prestígio do médico da Caixa é mau, neste país, o problema é esse, há um desprestígio grande, pode ser um excelente médico cá fora mas é um médico da Caixa e ali ele passou a ser designado como o médico da Caixa e não como o sr. fulano de tal que é cá fora...

V.D. – Desculpe interromper, eu fui ao Joaquim Manel. Foi a quem? Foi ao sr. dr. Joaquim Manuel. É que não é um médico é o Joaquim Manel. Isto não é de maneira? estruturar estractos sociais, mas é que há uma diferença de facto, uma diferença de situação entre um doente que está em frente do médico. Ele tem que dominar o doente até para o poder curar. Se o médico se deixa dominar pelo doente o doente está a prejudicar-se.

D.E. — Porque é que isso acontece? Vamos lá ver. O doente também não é culpado de realmente do sistema que criaram para ele, e desse desprestígio não é o médico que é culpado, é culpado a organização é a estrutura de saúde.

«ÚLTIMO REDUTO»

DL – Dr. Luís Bastos eu agora queria perguntar que atendendo que toda a gente é unânime que não há uma política de medicamentos, qual é a sua opinião sobre a política de medicamentos que deveria haver?

R.B. – Portanto eu antes disso punha, quer dizer esta política de medicamento é tanto mais importante quanto as despesas de saúde participam com uma percentagem elevada no OGE. Parto da análise que já foi aqui feita em termos sumários dos nossos mercados de fornecedores actuais. Dos tais 16 milhões de contos num país em que mais de 70% da população está coberta por uma assistência médica ou medicamentosa estatal, e num mercado que ainda apresenta uma fatia sobremaneira significativa de taxa de importação. Óra eu chamo a atenção para este problema, porque praticamente podemos dizer que Portugal, neste momento, é o último reduto europeu de exportação das multinacionais. Se formos ver por esta Europa fora, seja Europa do Mercado Comum seja Europa da EFTA desde há bastante tempo que se habituou a que os medicamentos consumidos no país são todos eles praticamente fabricados no país.

Ora já sabemos que com isso evitar-se-ia não só a tal saída de divisas a que vimos assistindo como também com a regressão deste processo, à criação de bastantes postos de trabalho, numa altura em que no país a taxa de desemprego é bastante grande. Portanto, uma política de medicamentos quanto a mim teria efectivamente de começar pela análise absolutamente desafectada daquilo que se está a passar dentro do nosso mercado e sensibilizar as entidades que têm nas suas mãos a alavanca das modificações que se impõem para que essas modificações efectivamente se dêem.

Na verdade todos nós sabemos que depois do 25 de Abril já tivemos 10 governos, aliás já vamos no décimo governo.

O mercado famacêutico volto a dizer é extremamente complexo, primeiro que tudo é preciso saber analisá-lo bem. Sejam os ministros, sejam os secretários de Estado e da Saúde, quanto a mim não têm tido tempo não só de proceder a essa análise como de se sensibilizarem para que a resposta adequada seja dada a este estado de coisas no mercado.

Falou-se na falta de definição de uma política medicamentosa que é como que uma política pela negativa como há bocado o Luís Ferreira abordou. E assim será e eu quero crer que haverá efectivamente muita gente que esteja interessada que este statu quo se mantenha. Sem dúvida alguma quem está profundamente interessado neste aspecto são as multinacionais que continuam a exportar os seus medicamentos em vez de dirigirem acções mais concretas no sentido de fabricarem localmente os seus medicamentos. Claro que nós compreendemos muitíssimo bem que essas multinacionais também queiram de antemão ter assegurado um investimento que venham fazer, se quiserem aqui implantar as suas fábricas.

Pelo que resumindo, eu diria que uma política de medicamento teria de começar digamos pelo aspecto da produção local a substituir a importação. Por outro lado, convinha naturalmente racionalizar todo um circuito do mercado farmacêutico. Circuito esse que não estaria apenas confinado a laboratórios, farmácias, armazenistas etc, mas esse circuito também passa naturalmente por organismos estatais. E até um certo número de disposições legais, na qual se enquadra o decreto 40 448, que deviam ser modificadas, quer dizer actualizar a legislação.

RESPONSABILIDADE DO GOVERNO

DL – Quer dizer, em última análise, e de tudo o que tenho ouvido até agora, o único responsável por toda esta anarquia é de facto o Governo. Não toma medidas adequadas, é isso?

L.F. – O Governo tem de facto uma responsabilidade...

Primeiro – isto é uma situação que já vem de há longos anos. Isto não é por acaso, é um problema político, tenhamos a coragem de o dizer. O Governo impunha uma determinada política sem dar cavaco a ninguém. Actualmente há um regime democrático, um regime em que é possível e necessário, e essencial, mudar esta estrutura herdada.

Mas não se mudou em cinco anos. E então aqui podemos dizer que já existe uma culpa grande por parte do Governo. Não há dúvida nenhuma de que, como órgão que deveria impulsionar estas alterações o Governo não tem sido nem coerente, nas medidas que tem tomado, nem suficientemente organizado.

E isto porque o Governo serve, serve «alguem. Quem é que o Governo serve, quem está disposto a servir?

O subordina a sua actuação a interesses que não são os da generalidade da população.... e a ausência de uma política de medicamento não serve o interesse da população. Serve aqueles que têm chorudos lucros, na venda de medicamentos.

Portanto tem que servir a população em termos de cuidados medicamentosos e para isso tem de intervir neste sector. A população tem também a sua quota-parte de culpa, embora mínima, devido ao antecedente, porque, primeiro, não está suficientemente informada sobre o assunto. Era útil informar, são 16 milhões de contos que a gente gasta, é importante no nosso orçamento. É sabido... Mas o culpado principal é o Governo, tem razão quando fez a sua pergunta. O Governo tem que definir uma política e para isso tem que ouvir os trabalhadores do sector, os técnicos do sector, os técnicos de saúde, particularmente, e também, por que não?, os industriais que podem dar achegas. Com esta reserva os interesses dos industriais só são válidos se se subordinarem ao interesse geral. Doutra forma..., não pode ser. Uma empresa justifica-se pelo carácter social do medicamento. Não pelo lucro que a empresa tem. Ou tem o carácter social, ou não.

L.T. – Ia abordar aqui um problema que está relacionado com os medicamentos e está relacionado com os próprios governos, eu falaria mais em Estado, que é sua a responsabilidade na saúde.

O Estado, neste momento e perante a Constituição, tem uma responsabilidade grande na saúde. Isto tem de ser desmistificado: o medicamento tem servido neste País tem sido odiado e tem sido adorado, conforme os interesses dos vários sectores e do próprio Estado quando pretende fazer qualquer coisa ou dizer qualquer coisa.

O medicamento é apenas um elemento do tratamento ou da profilaxia da doença. Há todo um sector da saúde que é preciso conservar e que é preciso promover e que está ligado indirectamente a este problema do medicamento.

Porque, à medida em que a população tiver mais saude, se dêem condições sanitárias, condições sociais e culturais, esse problema do medicamento é reduzido quase à sua realidade. E deixa de ser mistificado.

Isto é importante que suceda e a grandes responsabilidades dos governos é exactamente na não definição global do que é saúde em Portugal, qual é a responsabilidade do proprio Estado na saude porque o problema do medicamento dá a impressão de que vem por consequência.

DE – Há um outro aspecto em que o Governo também tem de se preocupar, que é a previdência que este problema do medicamento tem no Orçamento Geral do Estado. Grande parte dos medicamentos é pago pelos Serviços Méedico-Sociais e reflecte-se no Orçamento. Pergunto: está o Estado preparado para poder encarar este problema através do Orçamento, este aumento de despesas substancial? Sobretudo com os aumentos dos beneficiários dos SMS, o consumo do medicamento e as pessoas como o senhor doutor disse têm a preocupação de resolver os seus problemas de saúde só através do medicamento...

(Mesa redonda conduzida por Fernanda Mestrinho)

ANO 3.º LISBOA—SEGUNDA-FEIRA, 6 DE AGOSTO DE 1923 N.º 716

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 49
Impressão: Rua do Seculo, 49

SEGUNDA EDIÇÃO

Foi eleito Teixeira Gomes

para a Presidencia da Republica

O «Diario de Lisboa», inclinando-se respeitoso perante a obra do Congresso que elegeu o novo Chefe do Estado, saúda neste, com sincero jubilo, as esperanças de todos os bons portugueses que aguardam confiados o renascimento do país, que apezar de tudo, não descrê do seu futuro.

A's 19,35 horas, feito o ultimo escrutinio, que deu ao sr. Teixeira Gomes 121 votos sobre 5 atribuidos ao sr. dr. Bernardino Machado, foi proclamado eleito o Embaixador de Portugal em Londres, para a Presidencia da Republica.

O sr. Manuel Teixeira Gomes que nasceu em Portimão em 27 de Maio de 1862, fez os estudos preparatorios no seminario de Coimbra. Matriculou-se depois na Universidade de Coimbra que abandonou para vir para Lisboa, onde viveu na intimidade de João de Deus e Fialho de Almeida.

Foi depois para o Porto, fazendo parte dum grupo de rapazes muito conhecidos na vida boemia e literaria, e frequentando muito a casa onde Sampaio Bruno pontificava, na Rua do Bomjardim. Colaborou no *Primeiro de Janeiro* e em outros jornais e revistas literarias.

Durante vinte anos, viajou pela Europa e pelas costas do Mediterraneo, visitando catedrais, museus, etc.

Critico de arte e escritor, publicou varios livros: *Inventario de Junho, Cartas sem moral nenhuma, Agosto azul* e o drama *Sabina Freire*.

O pai do sr. Teixeira Gomes foi educado em França, tendo assistido á revolução de 1848. O avô combateu em Waterloo, sob as ordens de Napoleão.

Em Outubro de 1911, foi nomeado ministro em Londres, onde se conservou até á revolução de Sidonio Pais, tendo sido então chamado a Lisboa e ficando preso por algumas horas no «Avenida Palace».

Em 12 de Fevereiro de 1919, partiu para Madrid, a ocupar o logar de nosso ministro.

O ministerio de José Relvas nomeou-o delegado á Conferencia da Paz, logar que abandonou, quando novamente nomeado nosso ministro em Londres.

Em 6 de Agosto de 1919, foi apresentada a sua candidatura á presidencia da Republica, sendo, então, preterido na segunda votação.

TEIXEIRA GOMES

LE Matin de 4 de Agosto inseriu uma carta de Bruxelas, assinada pelo seu redactor Jules Sauerwein, em que, referindo-se á Belgica, escreve:

—«Ela sabe que se capitular, retirando as suas tropas do Ruhr e deixando que a França prolongue sosinha a ocupação, ficará—segundo uma expressão que emprego sem querer ofender ninguem, mas porque é corrente na imprensa inglesa—*portugalisada*».

Este periodo, bem lido por todos nós, deve fazer-nos perceber que a nosso respeito correm lá por fora apreciações que nos envergonham.

Houve já, porventura, um jornal inglês que empregasse o verbo *portugalisar*, no sentido que lhe atribue Sauerwein?

Como nós somos o mais velho e fiel aliado da Inglaterra, não admitimos que da nossa amisade alguem tome pretexto para nos apresentar como subservientes.

De que servem os nossos representantes diplomaticos que ensurdecem, perante agravos tais?

Se Sauerwein quiz irritar-nos contra os ingleses, dando-lhes a paternidade—e não nos parece ocioso averiguar isto—do ofensivo vocabulo nem por isso nós deixaremos de lhe dizer que ele, aproveitando-o, tambem não robusteceu a nossa simpatia pela França, que, aliás, está acima das *facadas* do jornalismo.

* * *

O SR. ministro do Trabalho determinou que do orçamento do seu ministerio seja transferida a quantia de 800.000$, destinada ao pagamento de despezas dos Bairros Sociais.

Esperamos que ninguem se julgue no direito de preguntar, quando chegará ao fim esta tragicomedia.

Os Bairros Sociais — diz-nos alguem — são um grande negocio, pois cada conto de réis que lá se gasta, dada a crescente desvalorização da nossa moeda, passa a valer quatro e cinco. Sendo assim, quanto mais custarem tanto melhor.

* * *

A CARTA que o sr. dr. Magalhães Lima dirigiu ao sr. dr. Teofilo Braga, agradecendo o haver tomado a peito a sua candidatura á presidencia da Republica, envolve uma confissão — que a nossa Republica não corresponde sequer ao idealismo da sua implantação.

Quem a perverteu?

OS antigos 2.os aspirantes, com a classificação de «bom» no ultimo concurso para 1.os aspirantes, dirigiram uma representação ao parlamento, presidente do ministerio, ministro das Finanças e director geral das contribuições e impostos pedindo a sua promoção a 3.os oficiais.

* * *

O conhecido medico sifiligrafo, sr. dr. Aurelio Lelo Portela, parte amanhã para Paris, a fim de rratar de assuntos relacionados com a especialidade scientifica em que tanto se notabilisou.

* * *

ESTÁ em Lisboa, e teve a amabilidade, que agradecemos penhorados, de vir apresentar-nos cumprimentos em seu nome pessoal e em nome do brilhante jornal a que pertence, o sr. Raul Teives, redactor do «Diario da Madeira».

* * *

ENCONTRA-SE já publicado o n.º 20 da *Revista Portuguesa* que, alem dum desenho de Bernardo Marques, apresenta colaboção de Vieira de Campos, Correia Marques, Alvaro Maia, Avelino de Almeida, Alves Martins, etc.

* * *

COM sua esposa partiu para Proença-a-Nova, onde se demorará dois dias, o nosso querido amigo e secretario de redacção Alvaro de Andrade.

* * *

EM defesa da marinha mercante, sob a responsabilidade editorial de Antonio Lopes, publicaram-se quatro folhetos com este titulo —*O Caso Politico do Vapor Porto*.

* * *

ENCONTRA-SE em Vichy com sua esposa o sr. dr. Emigdio Mendes, devendo regressar a Lisboa, em fins do corrente mês.

* * *

NA oitava pagina, publicamos uma desenvolvida reportagem da eleição presidencial.

* * *

SAÍU hoje de manhã do Tejo o cruzador americano «Richmond».

LISBOA DE HOJE

A cidade do lixo e da gataria

Nem o diabo é tão feio como o pintam...

Nem isto está tão mau como o julgam...

Isto vai em tom de galhofa, porque nos parece melhor não azedar as susceptibilidades de ninguem, e muito menos dos que teem a seu cargo a higienisação citadina. Lisboa está mesmo um chiqueiro — dizem p'r'aí as más linguas — na teima pessimista que se apossou de certa casta de gente que só está feliz quando julga pelo peior os homens e as coisas.

Mas, será, realmente, assim? Deixem-se de exageros! O diabo não é tão feio como o pintam e o «quid» da sugidade não é tal como os senhores o julgam.

O lixo é aos montões nas ruas? Sem duvida; mas já estão elaborados varios planos de limpeza; e, agora, é só questão de oportunidade a vasculhagem disto tudo. Os gatos constituiram-se em matilha faminta, organisada, como qualquer classe, para a defeza dos seus direitos, neste caso á vadiagem das ruas e ao usufruto dos caixotes? Tambem é verdade; mas que tem isso de perigoso, se já se estuda e já se discute, juntamente com a questão economica, o magno problema da extinção da gataria?!

Não tenham pressa demasiada. Roma e Pavia não se fizeram num dia; e essa coisa dos gatos tambem não póde ser arrumada assim de pé para a mão. Lá iremos; mas vamos devagar, para não tropeçar; que o caso é bicudo e o transito não se presta a marchas forçadas.

Os tapumes? O Rocio? As sondagens do gaz? Os arruamentos desempedrados? O cheiro que tudo isto exala? Está bem... — Está bem, não; está mal — mas esperem lá, que tudo isso se explica...

* * *

Os senhores já viram, por aí, o espectaculo frequente de uma nuvem de maltezes lazarentos, a farejarem o extrunha das ruas, a enrodilharem-se nos pés de quem passa, famelicos, descarnados meio mortos, meio apodrecidos de vermina? E' uma scena de toda a hora; é uma vergonha de todos os dias.

Vergonha... é como quem diz. Que bem póde ser, — antes, uma necessidade da época e um produto do meio. Pois, se não houvesse tanto lixo, não haveria tantos gatos lixosos; e se não houvesse tantos gatos gafados, não haveria motivo para censuras; e se não houvesse motivo para censuras, não haveria razões de queixa contra a Camara Municipal; e se não fossem estas, não haveria planos dos vereadores; e se os vereadores não tivessem planos, tambem não era preciso que existissem; e se eles não existissem, não haveria vereação; e assim sucessivamente, até se fazer a prova, de todo o ponto logica, de que as eleições camararias dependem dos gatos, como os gatos dependem do lixo, e o lixo depende das coisas limpas de que é resto desprezivel.

E' que isto — repare-se bem — é uma grande engrenagem de inter-dependencias, em que tudo se conjuga a parcelar um total de descredito: — os municipes e a municipalidade, o lixo e os gatos, os gatos e os homens, os homens e as coisas, as coisas e... vamos lá indo, que no Japão foram peiores as consequencias do terramoto...

Não será uma justificação, mas, ao menos, compensa.

* * *

Aqui mesmo ao pé da porta, em pleno Bairro Alto, vimos nós, agora, outro quadro edificante. A «Rosa Malcreada», rapariga que fuma cigarros baratos e que tem presapias de bonita, quando adrega «desencabrestar-se», contam as vizinhas que sof afirmar-se possuidora de um vocabulario completissimo de giria destes a que o povo chama, com ironia bem cabida, uma «lingua autentica de prata».

Pois a «Rosa Malcreada» estava ind'agora — ha coisa de minutos — a dizer cobras e lagartos da Camara Municipal, só porque uma data de bichanos lhe tomára de assalto, numa pedincha impertinente, o portal do rez-do-chão onde ela se vinga da exploração do senhorio explorando o mais que póde quantos idiotas lhe caem nas pecaminosas garras.

A Rosa Malcreada não tem culpa de o ser...

E' uma vergonha — dirão os senhores — o desenfreamento da creatura. Não devia consentir-se que aqui, no coração da cidade, ao pé de gente que se presa de pudibunda, qualquer malcreada — seja Rosa ou Cravo — se permita a liberdade de ofender a moral publica.

Pois deixem-nos que lh'o digamos: não teem inteira razão, congeminando assim. Em primeiro logar, porque o Bairro Alto, sem as «Rosas» varias que o habitam, perderia a côr local; passaria a fazer parte da Baixa, onde as mulheres perdem o home, para serem apenas boas ou más, formosas ou feias, consoante o talhe dos alafais e o criterio dos namorados. Depois... os gatos procuram o lixo, de famintos que andam; procuram a vasa; e a «Rosa Malcreada», a pobre que se perdeu de amor, não será o lixo, não será a vasa desta sociedade que mascarou a verdade de hipocrisia, que fez da honra um carnaval de toda a hora, que se habituou a ter a vergonha como coisa de somenos, e a classificar de lealdade a peior das sanhas de traição?

E' claro! Aquela Rosa que a desgraça fanou, é lixo tambem; e por isso os maltezes a preferem, e por isso os moralistas a consentem e a explicam, e por isso ela se revolta contra a Camara Municipal. E que o lixo ha de ser sempre o inimigo mais atróz de todas as vereações!

Coitada, que não tem animo! que paga o amor a prestações! que anda p'r'aí a ser a vitima da policia nas surtidas da multa e a ser escravidão e o crime nos escuros das vielas!

Deixem-na lá fumar; que o tabaco mitiga os sofrimentos, o fumo disfarça as emoções! Que ha de fazer a sanidade? que ha de fazer a Camara? que hão de fazer todos quantos o povo encarregou de zeladores da moralidade? Matá-la? Dimitirem-se? Obrigá-la a ser decente? Mas ela não tem culpa da sina que Deus lhe deu; mas os moralistas não seriam precisos para nada, se não houvesse imoralidades a verberar; mas assim mesmo é que está certo, para que se mantenha a distancia entre o bem e o mal, entre a virtude e o vicio, entre a deshonra e o pundonor!

* * *

Que o Rocio está espatifado! Lá vem o pessimismo... Mas que seca! Então que mais e que melhor queriam? Dantes, aquilo era uma coia antiquada. Tinha cheiro a velharia, tinha resaibos de tradição e tinha evocações das galés; porque até o chão, lavrado de pedras, nos recordava a tortura dos forçados. Agora, não. E' certo que a gente se arrisca, atravessando a praça, a ser esborrachado de encontro a um poste ou a ser reduzido a pasta sob o rodado de um carro; mas, em compensação, o local modernisou-se. Tem movimentação de paragem; tem buracos onde o transeunte póde, á vontade, encafuar-se como numa defesa de barricada; tem, quando chove, lagos de lama para treino dos saltadores e para exibição de pernas das senhoras; tem até, um sistema de urinois e um jogo de barracas que lhe dão um «tic» de estetica regional sobremaneira pitoresco.

Acham pouco? Quantas vezes, agora que a vida tornou a vida insuportavel, andam por aí os maniacos do suicidio em busca de um precipicio que seja termo facil a sua cobardia ou ao seu desespero de existir? Assim, tudo se resolve, tudo se acomoda, tudo se remedeia. Quem quizer passar desta para melhor — ou para peior; depois lá verá — escusa de perder tempo e de gastar calçado. Vai ali á ex-praça de D. Pedro; enche-se de coragem; arrosta com a travessia; e... segue direitinho para a morgue com guarda de honra ao cadaver e com basto acompanhamento de carpideiras a choramingarem-lhe a sorte e a tecerem-lhe o elogio funebre com todos os pôdres da familia.

Póde ser que escape do primeiro automovel ou do primeiro carro electrico, se, num repente impensado de medo, se decidir pela fuga. Mas morre com certeza, ou fica, pelo menos, aleijado para o resto dos seus dias; o que já não é mau de todo por lhe dar direito, numa aberta de reivindicações, a ter o soldo de revolucionario civil.

* * *

Tambem se queixam dos tapumes; e dos cartazes que pejam as paredes, chegando até a profanar os monumentos; e das sondagens do gaz que dão a certas ruas o aspecto duma ceara de canudos; e do entulho que os homens das obras nos despejam em cima quando vamos ao nosso oficio; e da falta de agua, que se assemelha, nos efeitos, á carencia do tabaco da Companhia; e das gigas das peixeiras que nos estragam a andaina com banhos de salmoura; e dos indecentes que andam por aí a clamar obscenidades; e, emfim, de certa gente de costumes labregos que a qualquer canto se instala para pôr em dia a escrita intestinal.

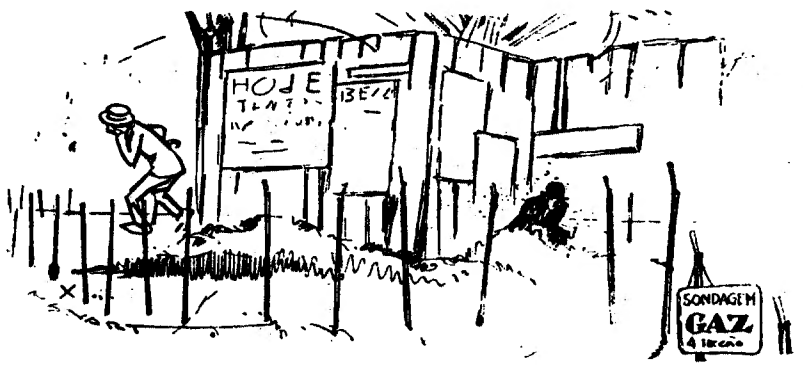
Então que mal faz isso? Os tapumes os cartazes, as sondagens, o entulho, as peixeiras, os grosseirões, tudo isso são notas tipicas que tornam a cidade mais curiosa e que a Camara Municipal tem, em consequencia, obrigação de respeitar.

Se calhar, queriam que os donos dos predios engulissem o entulho das obras; e que os homens do gaz fizessem a sondagem a horas de não incomodar ninguem; e que as regateiras nos insultassem sem mólho; e que ninguem se intrometesse comnosco quando passamos nas ruas, e que tudo isto andasse em boa ordem, a Camara Municipal a preocupar-se mais com os interesses dos municipes do que com as tricas reles da politica.

Mas se tal acontecesse, ficavamos todos desgraçados. Nem a gente tinha de quem dizer mal, nem os medicos tinham que fazer, nem os politicos podiam prometer qualquer coisa quando houvesse eleições; nem sequer, nós mesmos, teriamos arranjado assunto para os bonecos desta pagina...

Nada. Os senhores não teem razão. Quem tem razão é a Camara, que ainda não se decidiu a modificar este estado de coisas porque, emfim... acha que assim é que está bem, e não quere, muito proficientemente, embasbacar-nos a todos com os seus planos mirificos de reforma...

APRIGIO MAFRA



Tapumes, entulho, sondagens, e o resto que se calcula...

O Rocio está agora progressivo... apesar do que se passou...

Na primeira página um facto político culminante: a eleição de Manuel Teixeira Gomes para a Presidência da República. O Presidente Teixeira Gomes ficaria sentimentalmente ligado ao «Diário de Lisboa». No seu exílio de Bougie (Argélia), será a um jornalista do «Diário de Lisboa», Norberto Lopes, que fará as sua confidências e importantes declarações.

Na segunda página, uma crónica de Aprigio Mafra ilustrada por Stuart Carvalhais. Os desenhos foram dedicados ao escritor Rocha Martins.

OBSERVAÇÕES

Nenette

ou o "foot-ball„ feminino

por José de Almada-Negreiros

Vieram a Lisboa dois «onzes» femininos, o que, apesar da aritemetica, fazia mais de vinte e duas jogadoras, porque tambem havia varias suplentes. Na «gare» dizem que foi uma enchente de alto lá com ela, tendo tambem comparecido um piquete de infantaria da Guarda por causa das duvidas. Apesar disto, os conquistadores sportivos executaram a risca o seu programa de recepção que excedeu todas as espectativas. E como seria caso virgem em Portugal ter a Guarda de intervir nonde não havia alteração de ordem publica e apenas ardentes beijos e abraços á portuguezissima, a infantaria conservou-se sempre durante aqueles momentos psicologicos debaixo de forma, a pé firme, dando assim um grande exemplo de disciplina sobretudo aos estrangeiros. A verdade é que nesse dia o nosso temperamento ardente de meridionais tinha mobilisado ali para a estação a fina flôr da exuberancia nacional com todos os seus gestos e os mais adequados ara receber raparigas desacompanhadas. Foi em cheio!

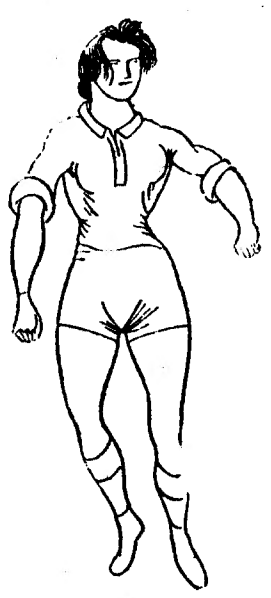
Preguntei a uma delas a impressão que tinha tido com aquela recepção.

—«Ohlálá!... se qu'ils sont pressés, vos compatriotes»!

* * *

A primeira vez que as vi na rua, um grande magote delas, uns vestidos simpaticamnte pobres, e a rirem, de nada, com sinceridade. Depois desataram todas a correr, cada uma com as suas forças e juntaram-se todas outra vez mais adiante, a rir, de nada, com sinceridade.

—O que é aquilo?! Preguntou uma senhora nacional com um chapeu á moda de Paris e uma obesidade tremenda desde as bochechas até aos tornozelos errados.



—São as jogadoras de foot-ball.

—Cavalonas! Mais alia que fossem aprender a coser!

* * *

Quando passei pelo grupo delas, demorei o passo, o mais discretamente possivel, com uma grande saudade de ouvir falar francês de Paris, mas déram por mim e houve uma que disse: «Mais quand même ils ont tous des beaux yeux»!

E todas á uma: «C'est vrai»!

Havia uma loirita, os olhos claros, com o ar de já ter chorado muita vez, que até se lhe notava um esforço para rir francamente. Falava muito depressa: ainda não tinha acabado uma coisa já tinha começado a dizer outra. Depois ria com as outras, um riso quasi nada torcido, mas engraçado, uma historia inteira com bom e mau: aquelas gargalhadas de Mimi Pinson qui n'a qu'un robe au monde

Lindirirete
Et qu'un bonet!

Depois desataram outra vez a correr, como um bando de passaros a voar, e eu fiquei a fingir que estava á espera de carro. Mas logo que pararam puzeram-se a olhar na minha direcção e de repente, com lenços e com os chapeus co-

meçaram a fazer grandes adeuses. Olhei para traz para ver a quem seriam aqueles cumprimentos mas, louvado seja Nosso Senhor, não havia ninguem para traz de mim naquela direcção. E quando olhei de novo para elas estava bem mais nem menos do que a loirita diante das outras a chamar-me decididamente.

Preguntei mimicamente se aquilo era comigo e como ela dissesse que sim avancei. Avancei masculinamente. Algumas meteram a correr pela travessa, outras apenas esboçaram o gesto de fugir, mas a loirita decididamente esperava-me, não arredava pé!

Ia dizendo com os meus botões: «Zé Almada vê lá como te portas! Olha que elas, coitadas, são estrangeiras, e tu para elas tambm é um estrangeiro, compreendes? Não és tal e Zé Almada. Tu para elas és o paiz inteiro aonde elas estão. Tu vais ser tudo o que elas sabem «du Portugal». Portanto, porta-te bem, ouviste?... Mas ha mais: Tu, Zé Almada tens uma maneira de vestir que pódes entrar assim em toda a parte, emquanto que elas, coitaditas, não pódem ir a toda a parte com o que teem para vestir. Compreendes?... Vá, anda, Zé Almada, tem paciencia com os que julgam que valem menos do que tu!...»

E como eu já tivesse chegado bastante perto delas, a loirita preguntou simplesmente:

—«S'il vous plâit, m'sieur, qu'elle heure est-il»?

—«Juste, quatr'heures»!

E virando-se para as outras com uma boa noticia:

—«Tiens! Nous avons encoreune demi-heure».

E desataram outra vez a correr todas juntas, a rir, de nada, com sinceridade A meio da corrida a loirita parou de repente e gritou lá de longe para mim, tirando o chapeu e cumprimentando como um homem:

—«Merci, m'sieur»!

E as outras todas fizeram o mesmo uma porção de vezes.

* * *

Três elegantes desciam a Avenida e quando passavam por elas as gargalhadas serenaram. Ficaram a vê-las e a falar delas com cuidado.

—«Aussi bien qu'à Paris, n'est-ce-pas»?

—T'as remarqué qu'on est riche par ici»?

E recomeçaram a corrida cada vez mais para diante.

Quando passei pelas três elegante, diziam:

—São as jogadoras de foot-ball!

—Parece impossivel! agora até o foot-ball!

—Daqui a pouco os homens teem que aprender a coser!

* * *

No campo de foot-ball a guarda republicana a cavalo queria por força desforrar-se do que não tinha feito a pé, com um ar terrivel de sair muito caro a quem lhe mexesse nas meninas. A passagem dos três automoveis (que se via perfeitamente que deviam ser pelo menos cinco!) foi o bom e o bonito. Os cavalos encaracolaram como no tempo dos torneios por suas damas. Desneces-

sariamente, porque o publico aplaudia correctamente a distancia, dando bem a entender que não pretendia mais nada, o que não houve meio de convencer os uniformes la ordem.

Entretanto a loirita distinguia-me no meio da multidão e concedia-me aparatosamente um inolvidavel sorriso que chegou a aquecer-me a cara por debaixo los olhos... guarda republicana não deu por nada e continuava procedendo zangada como se alguem tivesse caido na asneira de lho bulir nas senhoras.

* * *

O jogo foi muito mais cheio de interesse do que tinha imaginado, mas a mais interessante de todas era precisamente a que jogava pior. Isto só póde acontecer no foot-ball feminino.

* * *

A' noite, por mero acaso, encontrei a loirita e as suas companheiras. Traziam os chapeus na mão. Quizeram ir á feira, á glissagem, ao «manége, faire la bombe».

—«En sage, n'est-ce pas»? disse a loirita.

E como ela tivesse qualquer coisa que lhe magoava a mão e não conseguia disfarçar a dôr, preguntei-lhe o que tinha. Explicou-me que tinha sido um pedacito de agulha que estava ali ha mais de duas semanas. Ainda lhe preguntei se sabia coser.

—«Je ne fais que ça! je suis couturière»!...

E puzeram-se todas a rir, de nada, com sinceridade. E foram dar umas voltas pela feira, para se divertirem «en camarades».

Mimi Pinson est une blonde,
Une blonde qu'on counàit,
elle n'a qu'une robe au monde
lindirirette!
et qu'un bonet.
Le grand turc en a davantage,
Dieu voulu de cette façon
la rendre sage.

* * *

A Toi Nenette, coutourière, de Montmartre, rue Lepic, joueuse de foot-ball le dimanche; je comprends parfeitement bien cette nouvelle façon de se faire trouver un mari au grand air!

Moi aussi, jé suis comme toi, j'aime le bon sang!

JOSÉ DE ALMADA-NEGREIROS

No «Diário de Lisboa» tudo é possível. Exemplo: esta reportagem de «foot-ball feminino» assinada e ilustrada por José Almada Negreiros.

Realmente, Almada, romancista e contista, ensaista e poeta, desenhador de traço inconfundível e excepcional pintor, deu ao nosso jornal como artista plástico, como escritor, como humorista, uma colaboração de extraordinária qualidade e de muito interesse jornalístico. Nesta página, com o traço de Almada, a graça das suas observações, a agilidade do seu estilo, o seu humor, o seu pendor crítico.

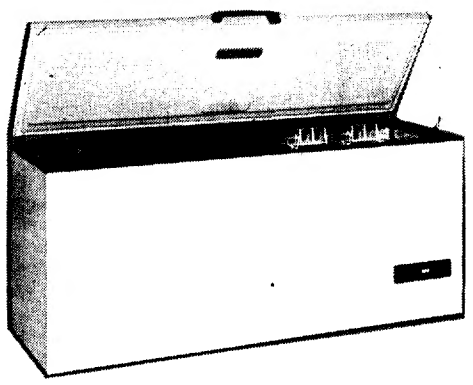
Entre os que fizeram o «Diário de Lisboa» conta-se o nome prestigioso de José de Almada Negreiros. Essa é, neste CONCURSO, uma revelação para muitos leitores. Não será, aliás, a única.

Uma história da cidade e o teatro que se via em 1923 completam este caderno que recorda o longo itinerário de um jornal.

PRÉMIOS LEITORES

O leitor quer, com certeza, saber como são os prémios que o «DL» lhe reserva neste concurso-aniversário. Não é fácil descrevê-los em todos os seus pormenores, mas há características básicas que dão uma ideia razoável. Vamos ver alguns desses prémios.

6.º PRÉMIO – UMA CADEIA INTEGRADA STEREO PHILIPS COM SINTONIZADOR/AMPLIFICADOR, GIRA-DISCOS, GRAVADOR E 2 CAIXAS ACÚSTICAS – com OM, FM, OL e FM stereo (com AFC), sintonização de grande precisão, amplificadores HI-FI 2X15W, controlos eficientes, ligação para microfone e auscultadores, gramofone de 2 velocidades de grande qualidade, gravador de cassettes com gravação e audição em stereo total, filtros contra interferências, contador digital, tampa transparente. Duas colunas acústicas de alta fidelidade.

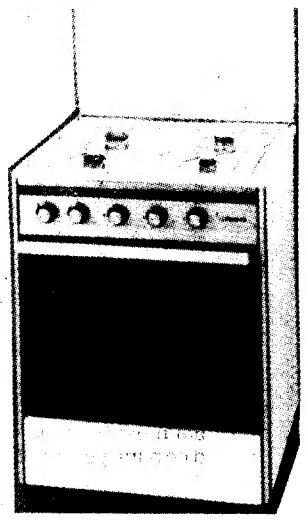


7.º PRÉMIO – ARCA CONGELADORA PHULIPS: 400 litros de capacidade, congelação quatro estrelas, punho com fechadura, tampa equilibrada que se fixa em qualquer posição, luz interior, cestos de metal plastificado, quatro rodízios para fcil deslocação.

PRÉMIOS VENDEDORES

O leitor pode (e deve, quanto a nós) indicar, na altura oportuna e no boletim de identificação do concorrente que será publicado, o nome e a morada do seu vendedor habitual ou do estabelecimento onde adquire o «nosso» «DL».

E isto para que lhes possam ser atribuídos alguns prémios que o «DL» com amizade lhes reserva. Como por exemplo:



4.º PRÉMIO – FOGÃO PHILIPS, quatro queimadores, porta de vidro

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

O CRIME DO CASAL VENTOSO

O "Gato bravo,, e o «Piadinhas» deram três contos de réis ao oficial de deligencias que os deixou fugir

O «Gato Bravo», o «Assanhado» e o «Piadinhas» são, como os leitores sabem, assim uma especie de «Cócó, Reineta e Facada» das alfurjas da capital. Aqui ha tempos, ali para os lados dos Terramotos puzeram o logar em estado de sitio, numa noitada de vinho e c[illegible]ança que atirou para a morgue com dois, mais ou menos da sua igualha—o «Chico Padeirinho» e o «Artur Mulato»—e determinou a policia a deitar a mão aos assassinos e a mete-los na cadeia pela «decima milionesima» vez. Foi dificil a empreza. Fizeram-se batidas nas furnas de Monsanto; andaram os civicos numa dobadoura para descobrir o paradeiro dos foragidos, até que um dia, lá se conseguiu mete-los no Limoeiro, que é o campo de concentração de todos os indesejaveis a quem a justiça tem de pedir contas.

Decorreram meses; chegou a hora do julgamento; um oficial de diligencias foi buscar o «Assanhado» e o «Piadinhas» para responderem na Boa Hora; e, como quer que, por falta de testemunhas, a audiencia tivesse sido adiada, o mesmo oficial os acompanhou, numa deferencia que custa dez mil réis por cabeça, ao carcere em que deviam aguardar melhor oportunidade julgadora.

Pelo caminho... sumiram-se. Tinham fugido outra vez! Onde está o «Gato Bravo»? Onde está o «Piadinhas»?... E aqui anda a policia, de novo, numa canceira, á procura dos «herois»; só se sabendo a seu respeito, que apareciam, misteriosamente, pela calada da noite, aqui ou acolá, nas tabernas de frequencia perigosa, a garantir que não voltariam ao «hotel»—o hotel, para eles, é a cadeia—sem ter feito mais um trabalhinho»—o trabalhinho era o assassinio de mais uns tantos a quem tinham jurado vingança.

* * *

O chefe Alexandre Alves, que era um dos condenados à morte, encontrou-o ontem à noite, o jornalista, a passear na Rua do Ouro. Como quem não quer a coisa, fômos—pondo a pregunta—a palpitar o que haveria. E a resposta veiu assim, a certa altura da conversa:

—Estive hoje em Cascais; e não dou o tempo por mal empregado. O «Gato Bravo», hei de prendê-lo ámanhã.

* * *

A batida começou, efectivamente, ás 4,30 de hoje.—O chefe Alexandre, o jornalista, e os guardas 1752 e 1993 na pista do criminoso. E a reportagem fez-se assim, em pleno campo e com a aragem frêsca da madrugada.

A Joaquina Mendes—é a amante do «Gato Bravo»—fôra presa ontem, pela noite. Levaram-na para a esquadra, e ela, que apesar de tudo é mulher, jurou com lagrimas que não sabia onde estava o «Gato». Tinha já invocado as cinzas da avó em justificação do depoimento, quando o investigador se saiu com esta:

—Que raio de scena foi essa que vocês tiveram ha dias em Pombal. Você esteve vae que não vae a ir parar ao fundo do pôço..

—Como soube o sr. isso?

—Eu sei isso e muito mais...

A Joaquina corou; estremeceu; desestiu das jures e da choradeira, e confessou:

—E' verdade! Ele deve esperar-me ás 6 horas na Quinta do Galinheiro, no Alto de S. João.

Faltava averiguar se a confissão de agora era tão verdadeira como os juramentos de pouco antes, E por isso se foi á prova.

* * *

Bateram-se, espiolharam-se todas as imediações do Alto de S. João. Três horas consecutivas de buscas; três horas de espera ar relienta; três horas de caminhada e de pesquisas nas tabernas, e... de «Gato Bravo», nem o cheiro se percebia. Veiu o desalento; os policias estavam já á beira do desespero.

—Quem nos diz a nós que ele já nos viu?

—Nada. A mulher não me mentiu—ia assegurando o chefe Alves.

N'isto, avistou-se um homem sentado numa pedra, lá ao longe, nuns terrenos que ficam no termo do Alto do Pina.

—Lá está ele!

—Cautela! Que está a olhar para todos os lados!

O vulto ergueu-se, circumvagou mais uma vez o olhar pelo terreno, num gesto de aborrecido, e poz-se a caminhar na direcção da Avenida Almirante Reis.

Era o «Gato Bravo»! Mãos nos bolsos, cigarro na boca a fumegar, foi seguindo, sem dar mostras de que se apercebera da batida que o espreitava de longe.

A certa altura, houve uma decisão, nos perseguidores. Os dois policias sairam á frente do caminheiro e bradaram:

—Levante as mãos!

—Os senhores estão enganados comigo...

—Você não é o «Gato Bravo»?

—Bem. Estou preso... Os senhores cumprem o seu dever. Não lhes quero mal por isso...

E deixou-se prender sem o mais leve esboço de resistencia.

* * *

Pelo caminho contou a historia da fuga.

—Eu não fugi ao oficial de diligencias. Deixaram-me fugir.

—Por quantos contos?

—Cá por mim, não paguei nada. O «Piadinhas» é que pagou tres contos. Eu só queria andar cá fóra tres meses. Depois entregava-me á prisão. Tenho vivido mal. Empenhei o casaco e as calças do fato novo por 70 mil réis. Na prisão não me dei mal; mas prefiro estar um mês sem comer, em liberdade, a estar um dia na cadeia.

—E o «Piadinhas»?

—Não sei dele. Aquela scena foi reinadia. O «Piadinhas»,, quando vinhamos da Boa Hora, convidou o oficial de diligencias para irmos todos comer alguma coisa. Iscas, cervejas e charutos... andou a coisa p'ra cima de 60 mil réis. Depois...

—Depois, foi a fuga.

—Já lhe disse que não fugi. O oficial, a certa altura, deu pela falta do «Piadinhas» e disse para mim: «Fica tu ai que eu já venho».

—Ficou?

—Estive á espera umas tres horas. Como o homem não aparecia, fui-me embora, naturalmente...

—A escolta?

—Não ia escolta. Não vê o senhor que os presos, quando pagam dez mil réis ao oficial, vão sem escolta nem carro celular. A gente pagou.

—Você com o que não contava era com esta surpresa de hoje. . hein?

—Contava sim senhor. Assim que li nos jornais que o chefe Alexandre estava encarregado da minha prisão, contei logo que seria apanhado mais dia menos dia. Agora... se fôsse a Policia de Investigação... isso, nem daqui a um ano... Esses, têm lá outros serviços...

* * *

E lá foi outra vez parar ao Limoeiro.

Até quando?

Ora—agora é o chefe Alexandre Alves a responder—dentro em breve estão outra vez cá fora...

O «Piadinhas», quando vem fazer companhia ao «Gato Bravo»?

—Isso é uma questão de dias... Ofereci me para capturar os dois por me terem ameaçado de morte. Se não fôsse isso, não me importaria; tanto mais que tenho a certesa de tudo isto é trabalho perdido...

Pelos teatros

«A Ventoinha»

Definitivamente, é depois de ámanhã que sôbe á scena no Politeama, pela magnifica companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, a graciosissima peça «A Ventoinha», na qual têm os primeiros papeis aquela illustre actriz e o distinto actor-comico Joaquim Prata, sendo a distribuição a seguinte:

«Filipe», Joaquim Prata; «Carlos», Carlos Abreu; «Roberto», Antonio Silva; «Doutor», Vitor Cruz; «Vitoria», Berta de Bivar; «Teresa», Maria Pinto; «Conceição», Maria Emilia; «Sebastiana», Bemetnas de Abreu; «Luisinha», Josefina Silva; «Joana», Maria Prates.

Parceria de tradutores

Os actores Antonio Pinheiro e Erico Braga, respectivamente director artistico e empresario da companhia Lucilia Simões, resolveram formar uma parceria para a tradução de obras de teatro francês, inglês e espanhol. Antonio Pinheiro é o tradutor da «Casa em ordem», de Pinero, e Erico Braga traduziu já a «Casa de Bonecas», de Ibsen, a «Tosca», de Sardou, e a «Zázá», de Berton.

Atrás do reposteiro

Os melhores numeros femininos da «Revista de Praxedes», em ensaios no Avenida, para se seguir á «Bichinha Gata», vão ser desempenhados por Raquel Barros, Maria Santos, Honorina Cruz, Angela Barros, etc.

— A Companhia Lucilia Simões-Erico Braga termina a sua temporada em S. Carlos com a «Casa em Ordem» iniciando depois uma «tournée» pela provincia, a começar no dia 26 em Setubal, onde representará a «Zázá», «Carta anonima» e «Rajada».

— A Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho conservar-se-ha no Apolo até fins de Setembro. A de Otelo de Carvalho inicia ali a sua epoca de inverno com a revista de Schwalbach, «Pé de Meia».

— Foram ontem retirados os pensos pelo dr. Ary dos Santos ao actor Alves da Cunha, cujas melhoras se acentuam, prevendo-se que já na proxima quarta-feira possa reaparecer no Politeama, na «Alma forte».

— A grande actriz Angela Pinto, infelizmente retirada de scena, assistiu ontem ao espectaculo do S. Luis, tendo sido alvo de uma imponente manifestação do publico, provocada pelo actor Teodoro Santos, que veiu ao proscenio dirigir-lhe algumas palavras de saudação.

— Em Tomar está a reconstruir-se o velho teatro da cidade, que ficará magnificamente disposto e com uma maior lotação.

— Partiram para o Porto os novos emprezarios do teatro Nacional daquela cidade, Oscar Ribeiro e Alberto Barbosa.

— A Companhia Adelina Abranches-Alexandre de Azevedo-Sacramento despede-se do publico das Caldas da Rainha, nos proximos sabado e domingo, representando no Teatro do Parque, da Empreza Levy, seguindo dali para o Luzo onde trabalhará nos dias 13 e 14 do corrente.

— Entrou em ensaios no Nacional a comedia «O peão das Nicas», adaptação de uma peça hespanhola.

— No proximo sabado estream-se no Eden os artistas Maruja del Oro, Maria Gayarre, Adria Rody, Helmita Marin e a parelha de baile Juli Fernan, vinda de Madrid.

— Amanhã publicaremos a nota-critica sobre a peça «Pupilas do sr. Reitor», em scena no teatro Apolo.

CARTAZ

S. Carlos—Ás 21,30—«A casa em ordem».
Nacional—A's 21—«Os 20.000 dollars».
S. Luis—A's 21,45—«Fado corrido».
Politeama—A's 21—«Aventuras de Rafael».
Avenida—A's 21-15—«Bichinha gata».
Apolo—A's 21,15—«As Pupilas do sr. Reitor».
Maria Vitoria—A's 20,45 e 22,45—«Fado corrido».
Eden—A's 21 e 22,45—Variedades.
Eldorado—A's 21—Variedades.
Circo da Feira—A's 21—Variedades.
Coliseu dos Recreios—Não ha espectaculo.
Gil Vicente—A's 21—«D. Cesar de Bazan».

Animatographos e varietades

Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Fechado para obras).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos—Companhia de varietades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

POLITEAMA
HOJE
AVENTURAS DE RAFAEL

SO[illegible] ANTIMENINGOCOCCICO
Do Instituto BEHRING, de Marburg. Previnimos os ex.mos clinicos que já recebemos este sôro.
Depositarios: **Raul Veira, Ltd.ª**
Rua da Prata, 51—Tel. 3386 e 2194 C.